

André Côrtes de Oliveira

Quem é a “Gente Negra Nacional”?

Frente Negra Brasileira e *A Voz da Raça* (1933-1937)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Celia Maria Marinho de Azevedo.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em _____.

Banca

Prof.^a Dr.^a Celia Maria Marinho de Azevedo (orientadora)

Prof.^o Dr.^o Luiz Fernando Ferreira da Rosa Ribeiro

Prof.^o Dr.^o Silvio Donizetti O. Gallo

Prof.^a Dr.^a Luzia Margareth Rago (suplente)

Prof.^o Dr.^o Sergio Barreira de Faria Tavolaro (suplente)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP

Oliveira, André Côrtes de

OL41q **Quem é a “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937) / André Côrtes de Oliveira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2006.**

**Orientador: Celia Maria Marinho de Azevedo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Frente Negra Brasileira. 2. Negros – Identidade racial –
Brasil – 1933-1937. 3. Raça. 4. Movimentos sociais – Brasil. I.
Azevedo, Celia Maria Marinho de. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.
Título.**

(msh/ifch)

Título em inglês: Who is the “Gente Negra Nacional”? Frente Negra Brasileira and A Voz da Raça (1933-1937).

**Palavras-chave em inglês (Keywords): Frente Negra Brasileira
Blacks – Race Identity – Brazil – 1933-
1937
Race
Social movements**

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

**Banca examinadora: Celia Maria Marinho de Azevedo, Sílvio Donizetti de O.
Gallo e Fernando Rosa Ribeiro.**

Data da defesa: 31 de agosto de 2006

Programa de Pós-Graduação: História

RESUMO

O objetivo desta dissertação de mestrado é analisar a construção discursiva da identidade negra nas páginas do jornal *A Voz da Raça*. Publicado entre os anos de 1933 e 1937, era o periódico oficial da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Em suas páginas foi edificada a “Gente Negra Nacional” a partir da articulação de uma enorme diversidade de posicionamentos políticos e memórias históricas. Apesar desta multiplicidade, a “Gente Negra Nacional” era uma identidade fechada e enraizada em conceitos metafísicos de raça e nação organizados por uma concepção orgânica, eugênica e religiosa de sociedade. A Frente Negra Brasileira foi alvo de diversos estudos e, também, rearticulada por diversos segmentos sociais como inspiração para a luta contra o racismo na sociedade brasileira. Em geral, estes estudos tendem a colocar em segundo plano seu discurso fascista, destacando suas vitórias na luta contra o racismo e por melhores condições de vida para os brasileiros negros.

ABSTRACT

The aim of this master thesis is to analyze the discursive construction of a black identity on the pages of the newspaper *A Voz da Raça*. It was published from 1933 to 1937 as the official journal of the Frente Negra Brasileira [Brazilian Black Front] (1931-1937). The “Gente Negra Nacional” [National Black People] was brought to light through the articulation of a myriad of political postures and historical memories. Notwithstanding its multiple features, the “Gente Negra Nacional” appeared as a closed identity and it was rooted on metaphysical concepts of race and nation, which were underpinned by an organic-eugenic-religious conception of society. The Frente Negra Brasileira was approached by a number of studies as well as by different social segments as an inspiration toward the fight against racial prejudice in Brazilian society. Most of those studies prefer to understate the Frente’s fascist discourse and stress instead its struggle against racial prejudice as well as toward a better social condition for Brazilian black people.

*“Deixa-me dizer apenas que se passava com ele o mesmo que com o navio acossado pela tempestade, o qual navegava miseravelmente ao longo da terra acolhedora. O porto de bom grado lhe prestaria socorro; o porto é compassivo; no porto há segurança, conforto, lar, ceia, cobertores quentes, amigos, tudo que é grato a nossa mortalidade. Mas naquela borrasca, o porto, a terra, é o mais tremendo risco para o navio; deve fugir de toda hospitalidade; se tocar a terra, de modo que arranhe apenas a quilha, tremerá todo. Enche as velas com toda a força, para distanciar-se da costa; ao fazê-lo, combate os próprios ventos que o levariam facilmente para terra; procura de novo o chicoteado mar sem terra, voando desamparadamente para o perigo a fim de buscar refúgio: seu único amigo é o seu
mais ferrenho inimigo!*

Sabe Bulkington? Você parece divisar vislumbres daquela verdade mortalmente intolerável: a de que todo pensamento profundo e grave é apenas o intrépido esforço da alma para conservar-se na livre independência de seu mar, enquanto os ventos mais bravios do céu e da terra conspiram para lançá-la na costa traiçoeira e servil.”

Herman Melville, *Moby Dick*

*“Ainda que desanimadora às vezes, sempre foi esta a intenção, apagar a linha que separa o incontrovertível do inventado. A História, revisada e reinterpretada de modo incessante, é vista diante deste tipo de exame simplesmente como um outro tipo de ficção. Torna-se perigosa se for vista como possuidora de qualquer outra verdade além desta. Mas é uma ficção que devemos habitar. Não existindo nenhum território que não seja subjetivo, podemos viver apenas sobre o mapa. A única questão que nos resta é: qual mapa escolhermos, se vivemos nos teimosos textos do mundo ou os substituímos por uma nossa linguagem mais forte.
A tarefa não é impensável.”*

Alan Moore, *A Voz do Fogo*

“não era de feno, era numa cama bem curtida de composto, era de estrume meu travesseiro, ali onde germina a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa, que brota com virulência rompendo o musgo dos textos dos mais velhos; este pó primevo, a gema nuclear, engendrado nos canais subterrâneos e irrompendo numa terra fofa e imaginosa: “que tormento, mas que tormento, mas que tormento!” fui confessando e recolhendo nas palavras o licor inútil que eu filtrava, mas que doce amargura dizer as coisas, traçando num quadro de silêncio a simetria dos canteiros, a sinuosidade dos caminhos de pedra no meio da relva, fincando as estacas de eucalipto dos viveiros, abrindo com mãos cavas a boca das olarias, erguendo em prumo as paredes úmidas das esterqueiras, e nesse silêncio esquadrinhado em harmonia, cheirando a vinho, cheirando a estrume, compor aí o tempo, pacientemente.”

Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*

SUMÁRIO

Agradecimentos	p.9
Introdução	p.11
- O peso do fracasso.	p.15
- Frente Negra Brasileira, Identidade e Diáspora.	p.29
- Por que a Frente Negra Brasileira?	p.37
Capítulo I – Quem é a Gente Negra Nacional?	p.41
- Raça, Cor e Nacionalidade.	p.43
- A militarização da ação.	p.52
- A educação como salvação.	p.59
Capítulo II – A Construção de uma hegemonia.	p.67
- Os Judas da Raça	p.70
- A hegemonia consolidada	p.80
Capítulo III – Memória e Política: sangue, suor e glória.	p.89
- A construção da memória histórica	p.90
- Política e instrumentalização da memória	p.100
Conclusão	p.113
Anexo 1 – Programa Orgânico-Sindicalista de Arlindo V. dos Santos (1933).	p.117
Anexo 2 – Estatuto da FNB de 1931.	p.121
Anexo 3 – Decreto de 1933.	p.123
Anexo 4 – Programa da comemoração do 13 de maio de 1933.	p.127
Anexo 5 – Programa da comemoração do aniversário da FNB de 1936.	p.129
Bibliografia	p.131

Agradecimentos

Três anos e meio. Para alguns pode parecer pouco tempo. Para mim significa muito. Um mestrado e metade de quase toda minha vida dividida com uma pessoa muito especial. Silvana Santiago esteve do meu lado por estes três anos e meio. Compartilhou minhas vitórias e minhas derrotas, sem contar as inúmeras vezes que leu esta dissertação. Sem ela, eu não teria nem corrido atrás do mestrado.

Tenho orgulho de poder falar que termino esta dissertação feliz e satisfeito. Apesar de todos os problemas, graças à sábia e dedicada orientação da professora Celia M. M. de Azevedo, tive os puxões de orelha quando necessário sem, em nenhum momento, temer arriscar meus próprios caminhos ou ser obrigado a aceitar qualquer coisa que não me agradasse. Uma orientação com as podas precisas e sem nenhuma restrição para o crescimento. Raridade nos tempos reduzidos de hoje. Muito obrigado Celia.

Agradeço o prof.º Dr.º Luiz Fernando Ferreira da Rosa Ribeiro, o Prof.º Dr.º Silvio Donizetti O. Gallo, a Prof.ª Dr.ª Luzia Margareth Rago (suplente) e o Prof.º Dr.º Sergio Barreira de Faria Tavolaro (suplente) por aceitarem fazer parte da banca de defesa. Um agradecimento a mais a profª. Rago e ao profº. Ribeiro por terem feito parte da minha qualificação com uma leitura cuidadosa e boas recomendações.

Gostaria de agradecer minha família que sempre me apoio. Meu pai e minha mãe, meu irmão e minha irmã, meus avós, meus tios, meus primos, todos sempre me incentivaram e pressionaram para que eu corresse atrás de uma boa educação.

Vários amigos acompanharam este trabalho. Marcos Credidio, Antonio Carlos Fonseca Pontes Jr., Matheus Figuinha, Márcio Paduan Donadio, Ricardo Castro e Fernando Adorno me acompanham desde de a graduação e conseguiram sobreviver com um sorriso no rosto a todas as minhas grandes explicações. Não poderia deixar de lado também Joana Villas Boas, Elaine Honorato, Patrícia Menezes, Daniela da Silveira e Maria Cláudia Peroto, tenho até pena de pensar o quanto elas agüentaram. Ao amigo Lucio Menezes agradeço sua amizade sincera tanto nas besteiras da vida quanto nas besteiras da academia. Coitados da Edivania e do Diniz que nos suportaram tanto... A Rodrigo Miranda e a Renilson Rosa Ribeiro o meu sincero obrigado pelas horas de discussão. Não sei se renderam, mas valeram a pena!

Não posso separar a confecção deste mestrado da minha experiência como professor no Ensino Básico e Fundamental. Agradeço, em especial, Roberto Candelori, Sidney Aguilar Filho e Edson Barbosa dos Santos por terem me orientado tanto nestes últimos anos. Ainda, agradeço o prazer de compartilhar com Sidney minhas aventuras na Faculdade de Educação da Unicamp onde o conheci o prof^o. Gallo.

E Suzana Santiago por ter agüentado a mim e a Sil tanto nestes últimos meses. Apesar de você não conseguir imaginar porque a gente gosta de escrever e ler tanto, espero que você um dia possa descobrir por si mesma.

Introdução

A história da população negra no Brasil tem sido alvo de constante disputa na construção das mais variadas posições, nos mais variados contextos. Discutir a questão dos africanos forçados a vir para o país e seus descendentes sempre foi central para as mais diversas formulações sobre o que seria e o que deveria ser a identidade nacional. Esse debate ainda é marcado a ferro e fogo por quatro séculos de escravidão e, como a complicada e acirrada discussão sobre cotas raciais sinaliza, mais de um século de marginalização social.¹ Portanto, enfrentar a bibliografia sobre a Frente Negra Brasileira (FNB) (1931-1937) significa não só lidar com a construção conflituosa de uma identidade nacional, mas, também, entrar no espinhoso e confuso terreno de luta contra o legado das teorias raciais e da marginalização da população negra. Nesse campo, todo passo precisa ser cuidadoso, as feridas não só continuam abertas, como ainda são constantemente revolvidas.

Como um dos maiores movimentos sociais do pós-abolição organizado em torno da identificação do negro enquanto raça, e um dos primeiros a propor a participação direta do negro na política nacional através dos votos em candidatos negros,² a Frente Negra Brasileira foi alvo de diversos estudos ligados à questão racial e nacional.³

A FNB nasceu em São Paulo, em 1931, com reuniões na praça da Sé e, logo, atingiu não só o Estado, mas também Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul.⁴ Sua extinção foi decretada pela medida de Getúlio Vargas que, em

¹ Celia M. M. de Azevedo. *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*, (São Paulo: Annablume, 2004); Peter Fry, “O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a ‘política racial’ no Brasil”. IN: *Revista USP*: São Paulo (28 dez-fev 95/96): pp. 122-135; Yvonne Maggie e Peter Fry, “O DEBATE QUE NÃO HOUE: a reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras”, *ENFOQUES - Revista Eletrônica*, v.1, n.1, (Rio de Janeiro, 2002), pp.93-117; Há ainda uma dissertação de mestrado sobre o tema de Carolina Cantarino, “Políticas de ação afirmativa e o embate entre representações sobre as relações raciais no Brasil”, Antropologia, IFCH, UNICAMP, 2004.

² Essa referência aparece em diversos trabalhos, como os de Fernandes (1964), Andrews (1998, 1ed. 1991), Pinto (1993). O registro oficial da Frente Negra Brasileira como partido foi feito em 1935 e a sua campanha na constituinte de 1933, defendeu o voto negro para seu presidente Arlindo Veiga dos Santos.

³ Roger Bastide e Florestan Fernandes (1959), Fernandes (1964), George R. Andrews (1991), Regina Pahim Pinto (1993), Kim D. Butler (1998), Marcelino Félix (2001), Maria Aparecido Pinto Silva (2003) e Petrônio José Domingues (2005).

⁴ Essa expansão pode ser percebida pelas diversas contribuições e notícias das delegações de outras localidades para o *A Voz da Raça*. Consegui encontrar registros da FNB pelo menos na cidade de Rio de Janeiro e Salvador. As inúmeras caravanas para outras localidades mostram uma forte presença no interior de São Paulo e no sul de Minas Gerais, com destaque para Sorocaba (SP) e Guaxupé (MG).

1937, pôs fim a todos os partidos políticos, inclusive a Frente Negra Brasileira, transformada um ano antes em organismo partidário.⁵ A história de seus fundadores começa com as agitações políticas da década de 1920, na época em que a maior parte deles começou sua militância política. O crescimento acelerado da cidade de São Paulo atraiu para a região migrantes negros do sul de Minas Gerais, do Vale do Paraíba e de outras regiões do interior do estado, como Campinas. Na capital, encontravam um terreno fértil de associações religiosas e recreativas da população negra paulistana.

No campo econômico, havia a pobreza generalizada e a preferência ao imigrante nos postos de trabalho; na vida social, as portas fechadas; e na vida política, promessas vazias de uma reparação nunca vinda. A capital em ritmo alucinado mudava da noite para o dia. A agitada e conflituosa década de 1920 também marcou a comunidade negra com a proliferação de associações e jornais com os mais diversos fins e objetivos. Criadas por razões religiosas, para fins de lazer ou, mesmo, para lutar contra o preconceito, esses espaços foram férteis para a formação de uma geração de ativistas negros preocupados em alterar a desigualdade social do negro na sociedade brasileira. Suas escolhas de ação foram as mais variadas possíveis, sendo o seu maior denominador comum a necessidade de união. A Frente Negra Brasileira nasceu desse sonho de união, conseguindo juntar em seu nascimento, no começo da década de 1930, militantes negros com as mais variadas experiências: vindos das irmandades católicas como os irmãos Isaltino B. dos Santos e Arlindo Veiga dos Santos ou antigos ativistas da imprensa negra como Deocleciano Nascimento, José Correia Leite e Jayme de Aguiar.⁶

O objeto desta pesquisa é o jornal oficial da Frente Negra Brasileira, o *A Voz da Raça*. São mais ou menos quatro anos de publicação, sendo a primeira do dia 18 de março de 1933 e, a última, do mês de novembro de 1937. Nesse período o jornal conseguiu chegar ao número 70, mantendo a média de três a quatro páginas por número, material de fôlego se

⁵ George Reid Andrews, "Black Political Protest in São Paulo, 1888-1988", In *Journal of Latin American Studies*, vol.24, (Cambridge University Press, 1992), part. I, p.154.

⁶ Petrônio José Domingues, *A Insurgência de Ébano: a História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*, tese de doutorado, História, FFLCH, USP, 2005. O autor faz uma análise geral dos quadros da direção da FNB para mostrar origens e situações de pobreza, mas com formação escolar. (pp.78-81; pp.94-97) Seriam uma espécie de elite negra ou, nos termos de Gramsci, intelectuais orgânicos na formação de quadros conscientes de seu papel na luta anti-racista. pp.29-31

comparado a outros jornais do que é considerada a “imprensa negra” do mesmo período.⁷ Além das variações nas publicações, uma das características marcantes deste jornal é a sua composição. É possível poder traçar um tema de cada número, já que diferentes artigos na mesma publicação tratam do mesmo assunto. Os artigos tendem a casar com o eixo colocado em geral pela chamada central do jornal. Um exemplo dessa característica pode ser encontrado no número seis, do dia 22 de abril de 1933, no qual começa a campanha do presidente da FNB, Arlindo Veiga dos Santos para a Constituinte de 3 de maio de 1933. Os outros artigos apóiam Santos ou reforçam a importância do apoio incontestável às lideranças.

A história da construção do que é ser brasileiro, de uma identidade nacional a partir de uma perspectiva das elites intelectuais e políticas, foi marcada por uma relação de amor e de ódio com a questão racial. Ódio porque, ao impossibilitar a criação de uma nação nos moldes europeus em torno da idéia de um povo, uma cultura, um território, fez do Brasil um terreno forte para os ideais eugênicos, higienizadores e branqueadores. Era preciso branquear uma população fortemente marcada pela presença de negros e índios. E amor porque, mesmo marcando o sangue da nação, a “mestiçagem” poderia ser vista como a salvação do país e a criação de um povo, de uma cultura e, portanto, possibilitaria a demarcação de um território e a construção de uma nação.

Todavia, ao contrário do que as vinhetas da Rede Globo (2005) tentam nos vender, esse processo não foi e não é pacífico. Apesar da idéia de que o povo brasileiro seria formado pela união harmônica das três raças (brancos, negros e índios), a vinheta do desenhista César Lobo apresentada nos intervalos dos filmes da emissora, deixa muito claro que o sonho de um país abençoado com a harmonia racial é, mais do que um sonho, um projeto. A imagem da criança se metamorfoseando nas três raças, o negro com pinturas “africanas”, o índio com pinturas “indígenas” e o branco com a bandeira do Brasil no rosto, envergando as cores nacionais e instituído como agente, mostra o quanto essa “mistura” é entendida como a gênese de um povo, uma reação catalisada pelo branco, agente responsável pela liderança e organização da contribuição de cada raça na construção de uma nação unida e harmônica.

⁷ Os jornais da “imprensa negra” publicados no período e encontrados por mim foram: *Chibata*, *Brasil Novo*, *O Clarim d'a Alvorada*, *O Estímulo*, *Tribuna Negra*, *Novo Horizonte*, *A Alvorada* e *A Raça*. Todos eles podem ser encontrados no mesmo microfilme “Imprensa Negra” do IEB da USP ou no AEL da UNICAMP.

Essas imagens foram e continuam sendo constantemente rearticuladas pelos mais diferentes grupos sociais na construção não só de seus posicionamentos em torno da questão, mas, também, de suas próprias identidades. A Frente Negra Brasileira fez parte desta discussão. O seu periódico oficial *A Voz da Raça*, no dia 18 de março de 1933, abre a sua primeira mensagem aos fretenegrinos da seguinte maneira:

“AOS FRENTE NEGRINOS

Neste gravíssimo momento da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incubem os negros briosos e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Gente Negra e a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aqueles que não querem trair a Pátria por alguma forma de internacionalismo.

A Nação acima de tudo.”⁸

Com esses dois objetivos, a defesa da *Gente Negra* e da *Pátria*, nos quatro anos em que foi publicado, o jornal funcionou como porta-voz desta organização social. A FNB não estava sozinha nessa questão: por todo o país, havia debates de porte sobre o ideal de nação e de povo brasileiro. As raízes do Brasil eram constantemente procuradas e reinventadas nesse período. Colonização, abolição, independência e os primeiros anos da República foram criticamente relidos pelas décadas de 1920 e 1930, a partir de discursos marcados pelas discussões científicas sobre determinismo racial, territorial e climático, seja ao criticá-los como secundários, seja para usá-los como explicadores da nação.⁹

As questões que levanto, pensando este propósito constantemente repetido, são as seguintes: a quem se identifica como Gente Negra Nacional? Como se constrói o discurso que defende essa identidade? Quais são as argumentações, debates e conflitos nessa formulação?

⁸ *A Voz da Raça*. ano I - num. I (18/03/1933).

⁹ Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos. *Raça, Ciência e Sociedade*. (Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996). Este livro organiza uma série de artigos sobre a questão, traçando uma linha histórica para o debate desde o final do século XIX até as questões contemporâneas. Alguns clássicos da época: Gilberto Freyre. *Casa Grande & Senzala*, 1933 e Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936.

Para conseguir responder a estas perguntas, proponho fazer uma análise do conteúdo discursivo deste jornal, procurando entender seus objetivos, diálogos e polêmicas. Ao mesmo tempo, pretendo analisar a bibliografia existente sobre o jornal *A Voz da Raça*, sobre a Frente Negra Brasileira e sobre o debate quanto aos significados dos conceitos de raça e nação.

O peso do fracasso

Há duas questões a assombrar os estudos acadêmicos sobre a FNB. Primeiro, a tentativa de entender como um grupo tão bem organizado fracassou e desapareceu depois do seu fechamento. A questão não é tanto o seu fechamento, determinado pelo golpe de estado de Getúlio Vargas em 1937. O central é explicar porque esse fechamento determinou o fim do movimento não só no plano oficial, mas, também, a suposta desarticulação de seus membros. Em segundo lugar, o fascismo incômodo de suas idéias e de sua organização. Desagradável exatamente pelo sentido histórico dessa associação do movimento negro com o fascismo, num ambiente de luta contemporânea contra o racismo sob a égide da democracia e da memória do genocídio nazista.

O primeiro a explicar o fracasso da FNB, apesar de destacar sua importância histórica, foi Florestan Fernandes. A partir da pesquisa iniciada em 1951, com o projeto UNESCO, e das pesquisas de Roger Bastide e de seus alunos feitas entre 1941-1944 e 1949-1951¹⁰, Fernandes escreveu o livro *A integração do negro na sociedade de classes*.¹¹

Para Fernandes, os movimentos do meio negro estariam fadados a fracassar frente à falta de união e coesão. A FNB é o seu grande objeto para comprovar esse quadro de desunião e incapacidade de organização das massas negras. A partir das “relações raciais”, Fernandes analisou o processo de modernização do país, a passagem de uma ordem social estamental e de castas, para uma ordem social competitiva e de classes.¹² Essa

¹⁰ Florestan Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*; 2 vols. 3ed., (São Paulo: Ática, 1978), 1ed. 1964.

¹¹ Marcos Chor Maio, “A História do Projeto UNESCO: Estudos Raciais e Ciências Sociais no Brasil”. Tese de Doutorado, Ciência Política, IUPERJ (Rio de Janeiro, 1997).

¹² “Por conseguinte, a análise converte-se em um estudo da formação, consolidação e expansão do regime de classes sociais no Brasil do ângulo das relações raciais e, em particular, da absorção do negro e do mulato. Dadas as dificuldades com que estes se depararam, para compartilhar do destino comum no plano nacional, os resultados da investigação são extremamente úteis para se entender os dilemas materiais e morais não só da

transformação teria ocorrido de maneira heterogênea o que permitiu a continuidade do “velho” no “novo”, como a permanência dos padrões tradicionalistas de relações raciais, marcados pelo patrimonialismo, no modo de comportamento. Fernandes afirma que o coronelismo transformou o sistema republicano-presidencialista numa transação com o antigo regime. A sociedade de classes só era igualitária nos estratos dominantes e só era aberta para aqueles que detinham o poder ou para os que participassem vantajosamente – os setores aptos a combinar, nas zonas urbanas ou nas rurais, o trabalho, a poupança, a mobilidade espacial e ocupacional como instrumentos de ascensão social – ou seja: os imigrantes, em grande número, e, em menor escala, os segmentos cultos ou semi-instruídos das populações de origem nacional. Criou-se, assim, uma aparente sociedade democrática, mas que preservava a velha relação entre negros e brancos.¹³

Essa mudança teria deixado de lado a preocupação com a situação dos ex-escravos, libertados pela lei de 1888: o resultado seria que os ex-escravos não estavam preparados para lidar com o trabalho livre, pois a este só se adequaria o trabalhador dotado de aptidões e modelos de organização de comportamento, de personalidade ou de instituições completamente diferentes das adquiridas durante a escravidão e, pior, não havia nenhum plano para alterar esse quadro.¹⁴

A escravidão teria deixado como legado para o negro e para o mulato¹⁵ a noção de que a liberdade significa plena disposição da pessoa sobre si mesma. O resultado prático dessa herança dava a cada indivíduo o arbítrio de decidir quando, onde e como trabalhar, a representação segundo a qual a dignidade do homem livre é incompatível com serviços degradantes e, o princípio pré-capitalista de que a dedicação ao trabalho deve ser regulada

democratização das relações raciais mas da própria sorte da democracia no Brasil.” Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*, 1978, vol.1 pp.9-10

¹³ Ibid., vol.1 pp.45-46, 280 e 285.

¹⁴ Ibid., vol.1 p.52. Sobre as aptidões adquiridas ou não durante a escravidão, Fernandes fundamenta-se em Caio Prado Junior, L. Couty e S.B. Holanda.

¹⁵ Fernandes assim explica a sua terminologia “racial”: “O termo “preto” sempre foi usado pelo “branco” para designar o negro e o mulato em São Paulo, mas através de uma imagem estereotipada e sumamente negativa, elaborada socialmente no passado. Os próprios negros e mulatos preferiram, em suas primeiras manifestações de autonomia – através dos movimentos reivindicatórios – a autodesignação contida na palavra negro. Doutra lado, impugnaram o vocábulo “branco”, alegando que a mestiçagem impõe restrições severas às pretensões de “pureza de sangue” dos paulistas. Para evitar suscetibilidades ou recriminações, usamos a palavra “preto” quando a estereotipação do “branco” entra, visivelmente, em jogo; e colocamos todas as palavras entre aspas, com exceção de casos concretos, onde pudemos discernir as gradações da cor da pele dos sujeitos da investigação. Outrossim, empregamos as expressões “homem de cor” e “população de cor” freqüentemente e sem nenhuma conotação pejorativa.”, *ibid*, vol.1, pp.12-13

pelas necessidades de consumo do indivíduo e de seus dependentes. Essa maneira de encarar a liberdade atrapalharia o negro na competição com o branco e fortaleceria sua marginalização.¹⁶

Não haveria segundo Fernandes, portanto, passividade, mas sim a anomia herdada da escravidão, ou seja, a incapacidade de se afirmar como uma categoria social à parte ciente de suas aspirações econômicas.¹⁷ A permanência de padrões raciais do antigo regime e a desestruturação social provocada pela anomia e por uma abolição apenas jurídica, mais interessada em mudar a ordem social do que a situação dos libertos, mantiveram o negro e o mulato marginalizados na nova ordem social e incapaz de organizar construtivamente a sua situação.¹⁸

Para Bastide a questão remete à maneira como ocorreu a emancipação dos escravos, presa ao “juridicismo” brasileiro, sem um trabalho prévio de educação moral e de alfabetização, já que a questão era a liberdade jurídica e não filosófica. Esta situação é explicada pela emancipação que não estaria preocupada com a “raça sofredora”, mas sim com a remoção de “uma mancha da bandeira do Brasil”. Nesse quadro, a escravidão teria legado à posteridade o preconceito racial de suas relações, grande responsável pela criação de um sentimento de inferioridade no negro.¹⁹

O caráter inovador destas interpretações da chamada escola de São Paulo foi recusar qualquer explicação biológica para a marginalização do negro, centrando a questão em termos históricos, sociais e culturais. O problema não estaria no negro, mas numa situação histórica específica, um legado da forma como a “raça branca” fez a Abolição.²⁰ A continuidade das “relações raciais” do antigo regime não seria fruto do racismo contra o negro, ou de uma ação do branco contra este, mas de uma omissão. Desta maneira, a

¹⁶ Ibid., vol.1 pp.71-72

¹⁷ Ibid., vol.1 pp.43, 57-58

¹⁸ Fernandes afirma que a Abolição seria uma espoliação extrema e cruel. Apesar de seu caráter humanitário nasceu como um processo histórico de condenação do antigo regime pela “raça” dominante. A participação extrema do negro no processo não passou de aríete já que os ex-cativos eram socialmente incapazes de tomar consciência e de agir na construção de opções próprias ligadas a uma identificação social comum. A questão estava na estrutura e a dinâmica da economia brasileira que impunham às camadas dominantes essa orientação. Fernandes apresenta este quadro na introdução do primeiro capítulo do vol.1, “O Negro na Emergência da Sociedade de Classes”, pp15-21.

¹⁹ Roger Bastide. “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”, In *Estudos Afro-Brasileiros*, (São Paulo, 1954), p.140-141

²⁰ O título do primeiro volume de *A integração do negro na sociedade de classes* é “O Legado da ‘Raça Branca’”.

questão seria a debilidade histórica da formação e desenvolvimento inicial do regime de classes, que mantêm o negro na anomia e o branco na incapacidade de compreensão do presente, e de enfrentar, com mentalidade construtiva, as suas múltiplas exigências revolucionárias.²¹

Esse quadro estrutural teria delimitado o campo de ação do que Fernandes chama de movimentos sociais do “meio negro”.²² A vontade de mudança do “meio negro” não significa o seu acontecimento, para tal seria necessário todo um contexto que a tornasse possível. Dessa maneira, o advento de uma inquietação social por parte do negro e do mulato, canalizada por uma pequena elite negra instruída e desligada das massas (como seria o caso da FNB), encontrou a falta de compreensão, cooperação e solidariedade dos brancos, o que impossibilitou o sucesso desses movimentos.

Essa elite negra seria desligada das massas pela heterogeneidade dos avanços sociais no meio negro, criando um grupo de notáveis que se transformou em liderança muito mais pelo seu prestígio social do que pela história das massas na luta política. Essa característica não possibilitou que os movimentos fossem além da reivindicação assimilacionista, pois considerava que a maior parte dos negros engajados nesses movimentos não possuía horizonte que lhe permitisse compreender o momento, apenas sabia que não queria continuar como estava.²³ Essas características impediram, também, que se quebrasse o padrão de isolamento difuso do meio negro, ou seja, que se possibilitasse a criação de uma base material, institucional e moral capaz de ultrapassar a solidariedade “tribal” negra, de natureza mecânica, e instituir padrões de solidariedade orgânica típicas de uma sociedade de classes e um grau mais elevado de identificação (individual e coletiva) com os objetivos do movimento.²⁴

Ao defender esse quadro, desenhando uma dura realidade de desestruturação social para o negro e de incapacidade do branco para compreender a situação, Fernandes desmistificou a idéia da democracia racial que imperava nos círculos oficiais. Ao mesmo tempo, mostrando como a continuidade do antigo regime no novo atrapalhava o advento de uma sociedade de classes, manteve a ligação clássica da sina da população de cor à própria

²¹ Fernandes. *A integração do negro na sociedade de classes*; vol.1, pp.249-253.

²² Fernandes usa aspas para o meio negro e outras classificações raciais como explicitado na nota 11.

²³ Fernandes compara a situação com a Revolução Francesa, mostrando que só ocorreria uma nova queda da Bastilha se houvesse uma visão social correspondente (vol.2, p.54).

²⁴ Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*, vol.2, pp.49-62.

sorte do país. Porém, com uma grande diferença, o negro não era o problema, mas sim o que lhe fizeram. Ou seja, não haveria uma verdadeira democracia no Brasil, muito menos racial, enquanto não fossem enfrentados, sistematicamente e com seriedade, os problemas da “população de cor”.²⁵ É importante destacar que a apresentação (“Nota Explicativa”) de *A integração do negro na sociedade de classes* é datada de 10 de abril de 1964, alguns dias depois do Golpe Militar de 1964, momento precioso para uma defesa tão eloquente da necessidade de democratização do país.

Apesar da importância histórica de sua interpretação sobre o fracasso da FNB a partir do conceito de anomia, Fernandes recebeu severas críticas em outro período agitado da história brasileira. No processo de redemocratização, no final da ditadura militar, diversos trabalhos começaram a questionar esta interpretação a partir de pesquisas cujo objetivo era resgatar a ação dos escravos por motivações próprias no processo de superação do cativo.²⁶ Formulando novas proposições que ampliaram o conceito de documento e romperam com os pressupostos de Bastide e Fernandes, esses trabalhos passaram a considerar arquivos policiais, legislação e inventários para trazer à luz a experiência e a ação de negros, escravos e livres no processo conhecido como “transição” para o trabalho livre no Brasil.²⁷

O livro *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)* de George R. Andrews foi escrito nessa perspectiva.²⁸ Sua preocupação era compreender como a história das relações raciais e da desigualdade racial ligava-se aos padrões maiores do desenvolvimento econômico, social e político. Andrews destaca como essa relação variou historicamente ao

²⁵ O terceiro capítulo do primeiro volume de *A integração do negro na sociedade de classes* trata especificamente da questão do mito da democracia racial, ligando-o ao debate da heteronomia racial na sociedade de classes. A introdução do segundo volume é mais clara ainda na necessidade de se resolver a questão do negro para que o regime de classes vingasse. “Enfrentar os dois dilemas era algo historicamente crucial, pois nenhuma sociedade pode ficar imune, indefinidamente, às conseqüências perturbadoras de inconsistências tão graves. A situação humana do negro e do mulato, nas duas direções apontadas, traduzia materialmente e simbolizava moralmente a própria impossibilidade da sociedade de classes.” pp.1-2

²⁶ Celia M. M. de Azevedo. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. (São Paulo: Annablume, 2003) 1ed. 1995, p.xxiv. A questão não era só o escravo, mas a participação dos pobres. Peter Eisenberg, *O Homem Esquecido* (Campinas: UNICAMP, 1989)

²⁷ Celia M. M. de Azevedo. *Onda Negra, Medo Branco*. (São Paulo: Annablume, 2004) 1ªed, 1987, pp.21-28. Também, Peter L. Eisenberg, no prefácio do livro, afirma que a maneira pela qual Bastide e Fernandes enxergam a história dos negros seria, de certa forma, uma atualização das visões racistas das décadas de 1880 e 1890, ao negar o papel do negro na sua luta por liberdade e afirmar a incapacidade do negro de superar a escravidão. p.14

²⁸ George Reid Andrews. *Negros e brancos em São Paulo: (1888-1988)*; tradução de Magda Lopes; (São Paulo: EDUSC, 1998), 1ª ed. 1991.

longo dos cem anos analisados, mostrando a importância do papel do Estado no desenrolar das relações raciais.

O que teria marcado o fracasso da Frente não seria a anomia, a ignorância, a apatia e a confusão da comunidade negra, causadores de divisões fratricidas e símbolo da solidariedade “tribal” dos negros. A questão remeteria ao contexto histórico da organização e seu fracasso para “mobilizar um número grande e organizado de adeptos para se tornar uma força política e, finalmente, seu fracasso em melhorar significativamente as posições social, econômica e política da população negra de São Paulo.”²⁹ Ao mesmo tempo, essas divisões não seriam exclusividade dos negros, seriam um reflexo do contexto social do período. Assim, a Frente funcionaria como um microcosmo do cenário político nacional, estando as suas divisões no mesmo caminho daquelas que dividiam a classe média branca entre “uma direita de inspiração fascista e uma esquerda mais fraca, apoiada nos trabalhadores.”³⁰ Isso explicaria as semelhanças com o Integralismo e a visão preconceituosa da FNB quanto à massa de negros pobres.

A análise da Frente Negra é feita por Andrews sempre em comparação com outros dois momentos históricos: as revoltas dos negros contra a escravidão, uma das forças de pressão fundamentais para a Abolição, e os movimentos negros das décadas de 1970 e 1980.³¹ A diferença estaria na relação desses movimentos dos negros com o resto da sociedade. Enquanto na escravidão e na reabertura política as pressões sociais dos negros seriam centrais para entender as reações da classe dominante representada pelo Estado, os movimentos da década de 1920 e 1930 seriam muito mais parte de uma “maré alta” de descontentes com as políticas da República.³² Por isso, seria “inevitável” que a Frente não conseguisse escapar do nativismo xenofóbico característico desse momento.³³

²⁹ Ibid., pp.240-241

³⁰ Ibid., p.241

³¹ Ibid., “Apesar disso, pelo ponto final da nossa história, há uma evidência clara de que o movimento negro das décadas de 1970 e 1980 obrigou a sociedade brasileira a reconsiderar suas atitudes públicas e privadas sobre a questão racial.” p.325 Há também um exemplo dessa visão na página 349.

³² Ibid., “Esta onda crescente de nativismo foi uma resposta direta aos esforços da República para recompor o Brasil à imagem da Europa, esforços que não se concretizaram exatamente como foi planejado.” p.235 “Os negros faziam parte desta maré alta em termos de organização e agitação política. Afinal, a República os havia tratado particularmente mal.” p.225

³³ Ibid., “Devido a esta raiva cada vez mais profunda contra os imigrantes, e às correntes xenofóbicas que se movimentavam vigorosamente em São Paulo na época, era totalmente inevitável que a Frente Negra desde o início abraçasse o nativismo.” p.237

Além de estarem apenas navegando com a maré, esses movimentos seriam formados por uma pequena e financeiramente instável classe média negra, que havia organizado seus protestos muito mais frente a barreiras raciais encontradas nas disputas por empregos de colarinho branco do que na luta contra a estrutura racial em si. Por isso, sua relação com a massa de negros pobres era pautada por um discurso preconceituoso e moralizador, que marcava mais a sua diferença, dificilmente conquistada, em relação à massa pobre, e a sua semelhança com a classe média branca, do que abria espaço para mudanças reais nas relações raciais vigentes.³⁴

Também inspirada pelos movimentos sociais da década de 1980, a antropóloga Regina Pahim Pinto dedicou o seu doutorado à análise do movimento negro de São Paulo.³⁵ Pinto vê como central a questão da tomada de consciência da diferença étnica para compreender o movimento negro.

Ao analisar a FNB, Pinto, assim como Andrews, destaca como as contradições impediram o fortalecimento do movimento ao separá-lo da massa em geral, mostrando como as lutas políticas da sociedade aparecem dentro do próprio movimento. Porém, o fracasso não é explicado a partir da idéia de que a FNB, como microcosmo da sociedade, foi incapaz de reagir à desarticulação dos movimentos sociais no golpe de 1937. Pinto retoma a tese de Fernandes para o qual a grande massa dos negros não possuía o aparato social necessário para articular suas reivindicações de maneira mais construtiva.³⁶ A partir de sua idéia de etnicidade como tomada de consciência, Pinto mostra como a elite negra, formadora desses movimentos como a FNB, foi uma etapa importante ao construir uma identidade étnica, mesmo que ainda de forma incipiente.³⁷

³⁴ Ibid., "Os próprios nomes desses clubes - Clube dos Evoluídos, Aristocrático Club - expressa a visão que seus membros tinham de si próprios como separados - e acima - da massa negra. Na verdade, na retrospectiva fica claro que o retrato que Florestan Fernandes fez dos negros anômicos dos anos da pós-emancipação deve muito às atitudes de seus informantes de classe média com respeito ao "animalizado" lumpen dos negros". p.280

³⁵ Regina Pahim Pinto, *O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de doutorado, FFLCH, USP, 1993.

³⁶ "a defesa do nacionalismo levou-os a se posicionarem politicamente e a defenderem ideologias que, a longo prazo, eram-lhes desfavoráveis, aspecto que, entretanto, eles pareciam não perceber." Ibid., pp.125-126.

³⁷ "Em relação à imensa maioria da população negra, que se adaptara passivamente à situação de crise que se instaurou no meio negro após a Abolição, quando o elemento negro praticamente foi abandonado à própria sorte, eles formavam uma espécie de elite que, de modo incipiente, mas de uma maneira crescente agressiva e persistente, passou a se posicionar a respeito da situação do negro brasileiro, explicitando, analisando e propondo soluções para os problemas que, de acordo com a sua visão, afetavam a população negra da época." Ibid., pp.55-56

Apesar de ter como alvo principal o período de 1930 a 1937, Pinto, assim como Andrews, toma o movimento negro da década de 1970 e 1980 como contraponto para entender esse momento e para desenhar o caminho percorrido pela luta do negro. Sua preocupação é o desenvolvimento do movimento negro que reflete a história do país e, portanto, apresenta períodos de efervescência e retração. Dessa maneira, ambos os autores compartilham uma visão que privilegia o estudo do movimento negro a partir de análises conjunturais, as quais explicariam as escolhas tomadas pelos ativistas no decorrer dos períodos trabalhados.³⁸

Entretanto, quanto ao diálogo destes dois autores com a obra de Fernandes, há uma diferença muito grande. Apesar de compartilhar da empatia e do otimismo de Fernandes pela luta contra a desigualdade racial e pela construção de uma verdadeira democracia racial no Brasil, Andrews é extremamente crítico das análises feitas por Fernandes, mostrando como o conceito central de anomia é construído muito mais sobre estereótipos racializados correspondentes a classes sociais em conflito do que sobre uma real desestruturação social do meio negro. Pinto, por outro lado, apesar de citar o próprio Andrews no que diz respeito ao imaginário dos brancos sobre os negros, em muitos momentos retoma as teses de Fernandes. Dessa maneira, ela concorda com Fernandes quanto ao fracasso do negro em transformar suas frustrações sociais, comuns aos negros de todas as classes, numa linguagem política capaz de permitir uma união.³⁹ Por isso, a comparação com o movimento negro das décadas de 1970 e 1980, o qual seria, mais consciente e, portanto, permitiria compreender melhor os erros das etapas anteriores. Com os problemas de percurso mapeados, seria muito mais fácil “dinamizar” o movimento negro e eliminar a passividade da maioria na construção de uma união mais sólida e duradoura.

Em *Freedoms Given, Freedoms Won*, Kim D. Butler analisa o pós-abolição em São Paulo com uma perspectiva comparativa com outros momentos e outras regiões das Américas para tentar entender padrões de resistência na luta dos afro-descendentes da diáspora africana por auto-determinação.⁴⁰

³⁸ Ibid., pp. 52-53. Pinto cita Andrews para mostrar esses períodos de flutuação do movimento negro.

³⁹ Ibid., pp.4-7.

⁴⁰ Auto-determinação seria a luta por autonomia dos negros na diáspora africana frente à escravidão e à exclusão social. Kim D. Butlers. *Freedoms Given, Freedoms Won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. (Rutgers University Press, 1998)

A questão central de Butler não é entender um suposto fracasso das organizações negras do começo do século XX. Enquanto Florestan, Andrews e Pinto centram seu debate em torno da falta de união dos movimentos negros, responsável pelo seu fracasso, Butler destaca os sucessos desses movimentos ao construírem uma identidade e solidariedade de grupo, tendo na FNB o auge de um processo de cinquenta anos de auto-determinação na construção de uma comunidade afro-brasileira moderna.⁴¹ Porém, a desunião que leva ao fracasso ainda assombra seu trabalho, pois, para Butler, a comunidade afro-brasileira não teria conseguido criar instituições vigorosas o suficiente para permitir o sucesso dessas organizações.⁴²

A partir de um diálogo com a obra de Fernandes, Butler destaca o papel dos afro-brasileiros na redefinição de seus papéis sociais e as conseqüências desse embate na sociedade.⁴³ A proposta é compreender essa luta, não como resultado de uma mudança estrutural que manteve arcaísmos de uma velha ordem, mas, como o embate político entre dois grupos, no qual aquele representado pelas elites brancas tentou manter uma hegemonia, desenvolvendo novos mecanismos para evitar mudanças sociais mais profundas.

Para Butler, Fernandes teria baseado suas análises num uso quase exclusivo do testemunho oral de um pequeno grupo de ativistas e a partir de uma imagem genérica do negro, baseada simplesmente em suposições e senso comuns raciais.⁴⁴ O resultado seria a culpa das vítimas (a anomia) ao invés de lidar com outros fatores. Contudo, para Butler, Fernandes analisou um dos maiores desafios para o poder real da política negra: a cultura política necessita um nível de solidariedade grupal que não existia ainda. A diferença para Butler estaria na maneira pela qual ambos entendem o papel da identidade negra. Enquanto,

⁴¹ Fernandes (1964: 67) também destaca os avanços da FNB, porém apenas como uma etapa de um processo maior. Butler faz o mesmo, não em vista desse processo maior, mas sim com a preocupação de destacar a auto-determinação dos negros.

⁴² Ibid., p.102, pp.126-127.

⁴³ Butler reconhece a categoria raça como uma construção social. Na página 49, explicita sua maneira de entender o assunto a partir de uma comparação com os Estados Unidos. Butler usa etnia, apesar de não discutir mais detalhadamente o conceito. Nas páginas 50 e 51 é possível encontrar com mais clareza o conceito de etnia utilizado, que apesar de ser uma construção social, destaca a existência de uma forte dicotomia separando brancos de não brancos. Neste caso, o conceito de etnia acaba sendo tão dicotômico e essencializado quanto o conceito de raça.

⁴⁴ Butler contrapõe a análise de Fernandes ao que ela chama de “geração dos anos 1970”, em especial aos trabalhos de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva (pp.11-12). A crítica à imagem do negro utilizada nos trabalhos de Fernandes assemelha-se muito às críticas de Andrews.

em Fernandes, Butler destaca a identidade racial vista como simplesmente um entendimento do passado, presente e futuro que era consistente com a perspectiva social e os desejos por justiça do povo negro, Butler entende a identidade étnica como uma ferramenta estratégica para a construção de uma solidariedade de grupo.

Buscando a compreensão dessa identidade étnica, Butler traz a idéia de diáspora africana para entender a evolução dos diversos padrões de estratégia política e social dentro da heterogênea comunidade de afro-descendentes frente à opressão das elites. Ou seja, a diáspora é um denominador comum a ligar todos os afro-descendentes numa história de opressão. Em Fernandes, essa luta condiz com as necessidades estruturais (democracia) do novo sistema de classes. Para Butler, a questão da auto-determinação está ligada à luta contra a dominação branca nas sociedades pós-emancipação e é central na construção das identidades étnicas. Nesse sentido, ela difere de Fernandes na medida em que coloca como central a questão da resistência na construção da identidade étnica, resistência que existe antes e durante a abolição.

Ambos consideram que a exclusão, entendendo-a como resultado de fatores sócio-políticos, foi determinante para a construção da identidade coletiva baseada na raça como na FNB. A distinção estaria no porquê da discriminação, na medida em que a manutenção da exclusão não se daria pela permanência de velhas estruturas anacrônicas ao novo regime como em Fernandes, mas na manutenção de uma hegemonia que não tinha mais o status civil da escravidão e teve que desenvolver novos mecanismos de controle.⁴⁵

A diáspora pensada dessa maneira, abre a possibilidade de entender as ações por auto-determinação da comunidade diaspórica entre duas possibilidades padrões: de um lado a tentativa de se integrar à sociedade, do outro a tentativa de formar uma comunidade em separado. Através dos casos de São Paulo e Salvador, Butler mostra como todas as identidades da diáspora africana seriam sempre construídas a partir das lutas por auto-determinação, distinguindo-se apenas nas estratégias escolhidas frente às possibilidades existentes entre a integração e o separatismo. Existiriam três tendências mais acentuadas determinadas pela estrutura existente numa situação específica: integracionismo, no qual os membros do grupo tomariam a opção individual de procurar os mecanismos de acesso permitidos pela sociedade dominante, muito comum dentro do sistema paternalista

⁴⁵ Ibid., p.60-61

brasileiro; o integracionismo alternativo, no qual, frente à impossibilidade de acesso aos mecanismos existentes, haveria a necessidade de criação de mecanismos paralelos; e o separatismo, no qual organizar-se-iam instituições alternativas à sociedade dominante.

A Frente Negra Brasileira em São Paulo seria a expressão do integracionismo alternativo, muito semelhante às opções adotadas pela comunidade negra em Nova Iorque. Citando abertamente Fernandes e Andrews na construção do contexto paulistano do começo do século XX, Butler mostra como alguns ativistas encontraram nas organizações e jornais negros uma alternativa para pressionar e alcançar a igualdade plena dentro da sociedade dominante. Ao contrário de Salvador, onde existia uma comunidade paralela erguida em torno de uma identidade africana, os afro-paulistanos não possuíam outra solução a não ser lutar pela abertura da sociedade dominante para a sua participação.

Apesar de citar Andrews para explicar a politização dessa luta a partir de 1928, Butler difere dele ao citar Bastide para mostrar como esses jornais representavam um grupo maior, já que mesmo sendo escritos por uma elite negra, ainda permaneciam muito próximos e ligados ao resto da comunidade afro-paulistana.⁴⁶ As questões moralistas desses grupos responderiam aos múltiplos aspectos da auto-determinação e ajudavam a entender uma das três questões centrais - quem somos? Quem queremos ser? Como chegaremos lá? Nesse processo coloca-se como estratégia duas propostas simultâneas: a união da comunidade e a adesão ao padrão dominante de conduta social. Pode-se dizer, então, que, para Butler, as opções da Frente Negra não representariam um microcosmo da realidade paulistana e nacional, como propõe Andrews, mas as opções dos afro-paulistanos dentro de um contexto específico.

Apesar das diferenças de abordagem de Butler e Pinto, a construção de uma identidade étnica frente à opressão racial é fundamental para compreender o processo de “auto-determinação” ou de “luta pela população negra”. Os “ativistas afro-paulistanos” ou o “movimento negro” do começo do século XX seriam parte de um processo maior de tomada de consciência da luta dos negros pela igualdade e liberdade completa. Nesse sentido, suas teses não diferem muito de Fernandes e Andrews, preocupados em construir uma história das etapas da história do negro no Brasil.

⁴⁶ Ibid., pp.89-115.

Para acomodar o ganho da consciência étnica com a opção eugênica fretenegrina, Butler distingue o Integralismo e o monarquismo aliado ao sindicalismo orgânico proposto por Arlindo Veiga dos Santos, dirigente da FNB. A diferença estaria na maneira pela qual Veiga adaptou ideologias existentes para lidar com problemas dos afro-brasileiros. Além disso, haveria uma diferença entre o avanço da imprensa negra, pautada em uma ideologia política enraizada na experiência afro-brasileira, e as ideologias escolhidas por Veiga, classificadas por Butler como “ideologias Católicas e Européias opressivas”.⁴⁷ Essa oposição entre a experiência afro-brasileira (africana - legítima) e essas ideologias opressivas (europeu - ilegítimo) carece de fundamento, já que a própria autora destaca o papel das irmandades católicas como central para a experiência de organização da comunidade afro-paulistana. É nessa diferença, que Butler justifica a visão eugênica da FNB sobre os problemas sociais do negro. O eugenismo na FNB não seria uma maneira de se distinguir da massa iletrada como propôs Andrews ou um erro histórico como propõe Pinto, mas uma influência destoante de um dos membros do grupo.

A tese de doutorado de Petrônio José Domingues sobre a FNB é o trabalho mais direto no exorcismo do fracasso e do fascismo fretenegrino.⁴⁸ Na apresentação de seu objetivo de questionar a existência de características fascistas na Frente Negra Brasileira, Domingues não poderia ser mais claro para conjurar os fantasmas fretenegrinos:

“Não é esdrúxulo imaginar que um líder negro ou mesmo que a maior organização negra na história do Brasil pudesse ser fascista?”⁴⁹

Por que esdrúxulo? Qual é o impedimento de um líder negro optar pelo fascismo?

Como todos os outros, existe no trabalho de Domingues uma preocupação de justificar as escolhas fascistas fretenegrinas. A conclusão da detalhada pesquisa entende a

⁴⁷ Butler, *Freedoms Given, Freedoms Won*. p.123 “Although many elements of Integralism are evident in his philosophy, he was know as a monarchist, and Veiga identified himself as an “organic syndicalist”. This suggests that, in contemporary terms, there were concrete distinctions between Veiga and the Integralists. These differences were rooted in the ways Veiga and others tried to adapt prevailing ideologies to address Afro-Brazilian interests. It nonetheless remains the case that the Frente Negra’s platform of liberation was problematic for many in the activist community. Whereas the black press was articulating and advancing a political ideology rooted in the Afro-Brazilian experience, Veiga was embracing oppressive Catholic and European theories.”

⁴⁸ Domingues, *A Insurgência de Ébano*, 2005.

⁴⁹ *Ibid.*, p.10.

ideologia fascista presente na FNB como uma “resposta” ao contexto da época. “Resposta” essa elaborada por uma elite negra assustada com as transformações e crises do período. Citando Hobsbawm, mostra como o desenvolvimento de uma consciência racial não pode ser compreendido de maneira linear e nem apartado de seu momento histórico. Momento este extremamente nacionalista, tanto na esquerda quanto na direita.⁵⁰ Domingues, porém, critica a conclusão de Andrews de que não haveria outra opção, mostrando que existia uma enorme pluralidade ideológica dentro da própria FNB.⁵¹

Sem cair no simplismo de culpar Arlindo Veiga dos Santos pela escolha, ao destacar como a ideologia fascista estava disseminada na liderança da FNB, Domingues tenta apaziguar a entrada do fascismo na base do movimento. Citando Paul Singer, mostra como apesar da preocupação pedagógica da liderança de um movimento social, as bases permanecem passivas quanto à produção ideológica, buscando respostas para necessidades mais imediatas.⁵²

Quanto ao fracasso, Domingues critica a tese de Florestan Fernandes da anomia como responsável pelo “malogro” da FNB. Para tal, mostra como outros movimentos sociais da época padeciam dos mesmos problemas organizativos. O final da FNB estaria muito mais na habilidade do governo Vargas em controlar os movimentos sociais, misturando repressão, cooptação e concessões. A FNB seria mais um dos diversos grupos fechados e desarticulados pela ditadura do Estado Novo (1937-1945). O que aconteceu não foi um fracasso, mas um fechamento causador de grande frustração no meio negro quanto ao grande sonho de união. Domingues mostra como os líderes fretenegrinos nunca desistiram de lutar pelo reavivamento da FNB e de seus objetivos. Em 1945, vários dos antigos líderes fundaram a Associação dos Negros Brasileiros que durou três anos. Em 1954, no Rio de Janeiro, Isaltino Veiga dos Santos tentou reorganizar a FNB, sem sucesso. Em 1983, Francisco Lucrécio tentou o mesmo em São Paulo, mas não emplacou e a nova FNB se dissolveu no final da década.⁵³

Porém, para não escapar da crítica à “esdrúxula” opção fascista, Domingues mostra como o fascismo foi responsável pelo fim da FNB. Apesar de ter contribuído para o

⁵⁰ Ibid., p.316.

⁵¹ Ibid., p.314.

⁵² Sobre o alcance do fascismo nas bases, Ibid., p.263. Sobre o fascismo da liderança fretenegrina, Ibid., p.267.

⁵³ Ibid., pp.311-312 e p.315-316.

sucesso frentenegrino no meio negro, criando um verdadeiro fascínio pela conjugação da mística em torno dos hinos, bandeiras e desfiles e da estrutura rígida, a longo prazo, serviu para desmontar a combinação de grupos da sua formação, expurgando e perseguindo figuras valiosas para a consolidação do movimento. A frente construída no sonho comum da união para o combate contra o preconceito racial, teria sido desmantelada pelos métodos despóticos da liderança frentegrina. Apesar de não seguir Fernandes e Pinto ao colocar a opção “nefasta” do fascismo como falta de experiência política, o sentido de má escolha como culpada pelo fim ainda é muito forte na obra de Domingues.

De certa maneira, apesar de diferenças temporais e teóricas, todos os autores analisados tentaram ligar o fim da Frente Negra Brasileira à sua organização de moldes fascistas. Fernandes não fala nada diretamente sobre o fascismo, mas discute a falta de experiência política em escolhas que impediam a união. Andrews mostra como o fascismo era uma determinação histórica, a única opção para a FNB. O fracasso estaria ligado a essa determinação na medida que essa escolha vinha de uma elite negra preocupada muito mais em se diferenciar do resto da massa negra do que em alterar a estrutura social. Pinto ecoa as idéias de Fernandes e liga o fim da FNB e sua opção fascista ao fracasso do negro em escolher caminhos capazes de construir uma união sólida. Butler não trabalha com fracasso. Assim como os outros autores, destaca e enobrece todas as vitórias conseguidas pela FNB no campo dos direitos sociais, mas culpa Arlindo Veiga dos Santos por macular a tradição afro-brasileira de luta com “ideologias Católicas e Européias opressivas”. O trabalho de Domingues é o mais cuidadoso no trato minucioso da documentação. Seu levantamento sobre a trajetória das lideranças frentenegrinas, de suas relações com o Integralismo e da estrutura da FNB demonstra o quanto não se pode deixar de lado o fascismo da FNB. Como os outros, há uma profunda preocupação de que esse fascismo não envergonhe e nem desmereça as conquistas e as lutas da FNB.

Para os estudiosos da Frente Negra Brasileira, a combinação do fascismo e da luta do negro contra o racismo é resultado de inexperiência política, de determinação histórica, de importações sem sentido ou pode ser vista como “esdrúxula”. Dada a importância histórica da FNB, seu fascismo incomoda os grupos anti-racistas atuais, seja por

pertencerem a tendências de esquerda e democráticas, seja, pela lembrança do genocídio perpetrado pelos regimes fascistas.⁵⁴

Frente Negra Brasileira, Identidade e Diáspora

O objetivo, até agora, foi mostrar como alguns trabalhos selecionados compreendem a história da Frente Negra Brasileira. Apesar das diferenças históricas e teóricas, essas análises têm em comum duas questões: a compreensão do processo histórico brasileiro da passagem do trabalho escravo para o livre e a maneira pela qual os negros são entendidos nesse processo.

A partir da rede de citações, pode-se perceber que o contexto para o período trabalhado é o mesmo, apesar das diferenças do uso desse nas interpretações. A tese de Fernandes de uma nação moderna mal formada ou deformada está também no trabalho de Andrews. Isso pode ser visto a partir dos adjetivos utilizados para caracterizar o cenário nacional. Para Fernandes esta é a questão central, a continuidade do “arcaico” no novo. Em Andrews, a partir da leitura de Sérgio Buarque de Holanda, a experiência republicana teria sido um mal entendido, uma importação mal acomodada que teria relegado ao Brasil, citando Francisco Weffort, um legado de equívocos.⁵⁵

Essa compreensão deriva da idéia de que o conhecimento seria a apropriação de um objeto a partir da análise de todas as suas determinações. A determinação, compreendida como pré-existente à própria análise, exigindo do estudioso apenas a sua articulação.⁵⁶ O que nos leva à questão da participação da população negra. Apesar do

⁵⁴ A relação entre militância negra e fascismo não era uma invenção da FNB. Nos anos Estados Unidos dos anos de 1920, o massivo movimento separatista comandado por Marcus Garvey (1919-1923), não escondia seus laços “fraternos” com uma organização como a Ku-Klux-Klan. Garvey admirava Mussolini e afirmava tê-lo inspirado a fundar o movimento fascista na Itália. Ver a respeito Paul Gilroy, *Against Race*, 2005, pp.231-237. Outro caso desta proximidade pode ser vista na história de Sufi Abdul Hamid, um negro anti-semita de Nova Iorque que se auto-intitulava “Hitler Negro”, Idem, *ibid.*, pp.293-294.

⁵⁵ Andrews, *Negros e brancos em São Paulo*, p.209 “Escrevendo na década de 1930, em seguida à queda da República, o historiador Sérgio Buarque de Holanda resumiu a experiência republicana observando que a “democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal a importou e tentou acomodá-la, onde fosse impossível, aos seus direitos e privilégios.” Esta tentativa de acomodação, por sua vez, produziu o que o cientista político Francisco Weffort descreve como um “legado de equívocos”, em que a hierarquia e o privilégio eram defendidos em nome da democracia e da igualdade.”

⁵⁶ Marilena Chauí, “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” In Chauí, Marilena e Franco, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. (CEDEC/Paz e Terra, 1978). pp.19-30. Há

resgate mais do que bem intencionado da participação dos negros na construção de uma verdadeira democracia no Brasil, essas análises trazem novos problemas para os debates atuais. Primeiro, racializam os negros, determinando que todas as ações dessa população sejam pensadas dentro de padrões ligados à sua cor de pele, à sua “raça”. Segundo, limitam a participação da população negra na vida política numa eterna luta contra a opressão. Terceiro, como argumenta Jeffrey Lesser, prende-se na camisa de força da “raça” e da eterna e fechada miscigenação branca x negra x indígena não só a identidade dos negros, mas também a de outros grupos de imigrantes no Brasil.⁵⁷

A preocupação desses autores em entender porque a desigualdade racial ainda não foi vencida, os leva a pensar a população negra sempre a partir do julgamento de suas ações dentro da luta contra a desigualdade racial. Por isso, tanto Andrews como Pinto opõem movimentos reivindicatórios aos movimentos revolucionários, em especial tendo como ponto de partida os movimentos da década de 1970 e 1980, considerados muito mais “radicais” por questionarem a própria “estrutura” da sociedade. Tanto em Fernandes, como em Andrews, Pinto e Butler, as diferenças internas são silenciadas frente à preocupação maior de se encontrar os fracassos, os avanços e as mudanças necessárias para que tenha sucesso a construção de uma verdadeira democracia racial.

A concepção de etnicidade de Pinto e Butler, ao colocar como ponto de partida a identificação étnica na construção da identidade da população negra, acaba sobrepondo e diminuindo a importância de sua participação em outros campos sociais, transformando as possíveis multiplicidades identitárias de seus membros num problema para a homogeneização, visto como necessária para a ação política desejada. Apesar de mostrar a importância dessas diferenças para a escolha dos caminhos possíveis, Pinto as relega a um segundo plano frente à importância da “tomada de consciência” da diferença étnica, única capaz de construir a união desejada e sonhada.⁵⁸ Butler segue um caminho diferente, sem condenar a diferença de forma tão categórica, mas que deságua na mesma praia: a luta por auto-determinação é a essência perpassando todos as construções de identidade da

também no livro de Celia Azevedo, *Onda Negra, Medo Branco*, uma discussão parecida, mas tendo como objeto de análise o fim da escravidão (pp.176-180).

⁵⁷ Jeffrey Lesser, *Negotiating National Identity: immigrants, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*, (Duke University Press, 1999), p.11 Seu estudo não trata do negro especificamente, mas sua leitura inspirou minha análise.

⁵⁸ É interessante notar como o ativista Correia Leite sempre aparece como referência na hora de se defender a importância da união para os movimentos. Isso acontece em Fernandes, Andrews e Pahim.

heterogênea “comunidade” da diáspora africana. Por isso, é possível apesar das diferenças falar em “O Movimento Negro”, como quer Pinto, ou em “padrões” dos “Afro” como quer Butler.

A idéia de que as distinções étnicas são o fundamento na construção de identidades, transforma qualquer possibilidade de diferença em um problema, como diz Pinto, em uma “adversidade”, um “complicador” que estraga o “clima propício” dentro do grupo que se identifica a partir de uma “etnicidade”. Os pontos de vista divergentes são considerados como raras exceções, já que não se observa, novamente nas palavras de Pinto, “grupos tão demarcados sob o ponto de vista ideológico” dentro do movimento negro.

Dentro desse diálogo, a proposta desta dissertação é tentar entender a idéia de movimento negro ou da diáspora africana não como a história de um sujeito coletivo, mas como uma memória constantemente rearticulada por diferentes grupos sociais, nos quais, muitas vezes, a identificação racializada não é central (sindicatos, partidos políticos, intelectuais etc.). Esta maneira de compreender a questão é fortemente inspirada no trabalho de Paul Gilroy.⁵⁹

Em *Against Race*, Gilroy argumenta que o momento é de profunda transformação na maneira pela qual as pessoas se identificam, graças a uma série de acontecimentos que desestabilizaram as certezas construídas na modernidade. O avanço tecnológico, a revolução do DNA, o movimento feminista, a globalização e o uso mercadológico de velhos estereótipos ligados à raça, criaram uma zona de incerteza e de crise na raciologia.⁶⁰ Para Gilroy é preciso enfrentar esta transformação e colocá-la contra a “lógica podre” que a construiu e, ao mesmo tempo, utilizá-la como uma proposta para um projeto abolicionista ambicioso e novo que, não só nos liberte do pensamento raciológico, mas também repense a própria idéia de igualdade humana.⁶¹

Combinando as reflexões de Martin Luther King, Jr. (1929-1968) e Frantz Fanon (1925-1961), ergue-se uma proposta de combate ao racismo que difere dos anti-racismos anteriores, ao não se articular exclusivamente em pólos dicotômicos como branco e negro.

⁵⁹ Paul Gilroy. *Against Race: imagining Political Culture beyond the Color Line*, (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000), p.123

⁶⁰ Raciologia são os saberes que transformam o conceito abstrato de raça numa realidade, governando a maneira pela qual as diferenças raciais são vistas, como aparecem para nós e como constroem identidades específicas. *Ibid.*, p.11

⁶¹ Essa formulação encontra-se, em especial, no primeiro capítulo de *Against Race*.

Significa um redimensionamento da escala conceitual na qual os seres humanos são pensados e dos padrões nos quais a comunidade e a democracia são organizadas.⁶²

Esse novo “humanismo planetário”, segundo expressão de Gilroy, deve ser formulado num movimento de retorno crítico sistemático à história dos conflitos pautados pela discussão do que era o ser humano, em especial, aqueles marcados pelo discurso raciológico.⁶³ Essa reflexão deve se afastar do perigo das celebrações e comemorações pautadas pela vitimização e reparação (julgamentos, reparações financeiras, desculpas nacionais e feriados) que colocam a história no esquecimento, congelada, fadada a virar uma citação, em vez de ser lembrada, habitada, criada e lamentada de maneira crítica e aberta.⁶⁴

Trabalhar a Frente Negra Brasileira com essa inspiração é percebê-la como uma experiência na qual aqueles marginalizados pela consagração da raciologia construíram tradições complexas de política, ética, identidade e cultura, que vão além de uma simples luta pela inclusão na sociedade capitalista branca. Deve-se tomar cuidado com uma celebração pautada na resistência. Há a possibilidade dessas experiências terem sido organizadas de formas extremamente conservadoras em torno de conceitos fechados de raça, cultura e identidade. Entretanto, estudá-las, faz parte do objetivo de entender os caminhos encontrados nos conflitos, envolvendo perseguição, exclusão e sofrimento. Ajuda, portanto, na reflexão contemporânea sobre os percursos a serem tomados para a construção de uma sociedade organizada em torno de um humanismo não sexista, racista e excludente.

Para Gilroy, a identidade é um conceito-chave para se entender teórica e politicamente os conflitos contemporâneos ligados a discurso étnicos, nacionais e raciais. Como visto anteriormente, a idéia da existência de uma incerteza quanto às identidades consideradas até há pouco como certas, possibilita novas maneiras de entender o pertencimento a grupos políticos de forma a torná-las menos dependentes de conceitos pré-determinados, relativos às fronteiras nacionais, “raciais” e familiares. Contudo, ainda é

⁶² Ibid., pp.15-16.

⁶³ Ibid., p.18.

⁶⁴ Ibid., p.25

forte o perigo de que grupos humanos voltem-se para identidades fechadas em busca de santuários em tempos de incerteza.⁶⁵

Para formular e apresentar essa possibilidade de desnaturalização da identidade, Gilroy percorre duas discussões: a primeira sobre o próprio conceito de identidade e, a segunda, sobre o estudo da diáspora africana a partir da vida de algumas figuras exemplares do século XVIII. O objetivo é uma releitura da idéia de diáspora, transformando-a num conceito livre de leituras enraizadas em “campos nacionais” e aberta à noção de hibridismo cultural.

Para Gilroy, a identidade é algo histórico e culturalmente construído, mas essa percepção só apareceu com o colapso das estruturas nacionais, familiares e domésticas frente à nova sociedade de consumo e do processo de globalização atual. A politização do gênero e da sexualidade faz parte de novas formas de entender a si mesmo, a igualdade e a solidariedade.⁶⁶

Desta maneira, sua preocupação é entender como funciona o processo que transforma ligações afetivas e emocionais em atividades sociais com traços culturais distintos. E, como esses laços sociais conseguem induzir a renúncia da individualidade ou dissolvê-la na representação de uma grande unidade nacional, de um povo, de uma raça ou de um grupo étnico.⁶⁷ Para tal, concentra-se na antiga associação entre identidade e território, desconstruindo a sua naturalidade por meio da análise das estratégias de seu enraizamento quanto ao lugar, à locação, à linguagem e à mutualidade.

Os movimentos fascistas são fundamentais para essa discussão, na medida em que foram os primeiros a utilizar recursos tecnológicos elaborados, em larga escala, para gerar e comandar uma identidade unificadora das diversidades inevitáveis e desunidas, transformando-as em algo de pretensa uniformidade natural e ideal. Nos cenários fascistas, as ações sociais são encenadas como representação de um mecanismo pré-social dominante de um povo, de uma nação ou de uma raça. A unidade e seu bom funcionamento são a própria saúde do corpo a ser preservada contra o ataque das impurezas dissidentes e perigosas. A identidade é pensada, assim, como mecânica e pré-determinada, dissolvida

⁶⁵ Ibid., p.101 e 106. Trabalharei especificamente o terceiro capítulo desse livro, “Identity, Belonging, and the Critique of Pure Sameness”, no qual acredito as noções discutidas estejam mais explícitas.

⁶⁶ Ibid., p.107

⁶⁷ Ibid., p.101

numa essência pura e ahistórica, sempre ameaçada pelo “outro”, ou pior, pela mistura destruidora e corruptora da pureza.⁶⁸

A pureza torna-se o próprio objetivo da unidade, pois é ela a indicadora da saúde do corpo da nação, do povo, do grupo. Sua construção é marcada pelo uso de rituais e mitos antigos na formulação de uma gênese ahistórica e eterna. Territórios são demarcados como naturais, línguas são fixadas em suas gramáticas e relacionadas ao “sangue” de seus portadores, o corpo é esquadrinhado e demarcado por características diferenciadoras de outras raças, de outros povos e, por fim, toda diferença é segregada e toda mistura exterminada. Gilroy analisa os “camisas negras” britânicos, o genocídio em Ruanda e a continuidade no Congo das lutas entre tutsis e hutus, as disputas políticas na África do Sul, desde a construção da identidade Afrikaner até o governo de Nelson Mandela, para formular uma outra maneira de entender a identidade.⁶⁹ A idéia de Gilroy é propor uma reflexão das dinâmicas de formação das identidades pautadas por ideais nacionais e raciais. Para escapar da determinação do território e do sangue, Gilroy resgata o processo histórico da construção dessas identidades, mostrando-as como dinâmicas, abertas e fluídas.

Esta concepção é mais claramente exposta na parte destinada ao estudo da diáspora africana no século XVIII, destacando em especial os trabalhos de dois autores: o nigeriano Olaudah Equiano e a senegalesa Phillis Wheatley. Ambos foram raptados na África e levados para os Estados Unidos em meados do século XVIII, onde aprenderam a ler e a escrever, além de terem se convertido ao cristianismo.⁷⁰ O interessante, na leitura da vasta quantidade de seus materiais publicados, é perceber a fraqueza de conceitos essencialistas para a interpretação dos dois casos. Nenhum deles voltou à terra natal e nem permaneceu o resto de sua vida nos Estados Unidos. Suas existências são marcadas por viagens constantes através do Atlântico e mostram uma mistura que perde muito de sua complexidade se entendida como continuidade ou não entre duas supostas entidades puras (a negra-africana e a branca). Seus textos devem ser avaliados em seus próprios termos, como formações complexas e compostas, servindo para se considerar os efeitos de relocação, deslocamento e transição forçada entre códigos e hábitos culturais, linguagem e

⁶⁸ Ibid., pp.101-102

⁶⁹ Ibid., pp.104-105 e 110-111

⁷⁰ Ibid., pp.115-122

religião.⁷¹ É para analisá-los, sem perder esse caráter híbrido, que Gilroy reformula a idéia de diáspora para abrigar uma teoria de ecologia de pertencimento diferente das concepções enraizadas.

A diáspora proposta por Gilroy como uma ecologia social da identificação é uma releitura da idéia de diáspora tradicional – ligada intimamente aos conceitos essencialistas de pertencimento genealógico e geográfico – propondo-a como uma nova ferramenta para se entender as construções de identidades culturais de grupos obrigados a se manterem em constante dispersão e conflito.⁷² A proposta é pensar a construção de identidades a partir da interação e do diálogo entre a memória individual e grupal e as situações atuais. A identidade torna-se, assim, algo fluído, sem margens definidas, sem uma essência a guiar e a explicar seu passado, seu presente e seu futuro. A ligação entre lugar, locação e consciência, ao invés de ser tratada como natural, transforma-se no problema a ser analisado e historicizado.

A maneira de Gilroy de entender as ligações feitas na construção da identidade é inspirada em parte no trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em especial as reflexões feitas na introdução do primeiro volume do livro *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*.⁷³ Nessa introdução, os autores apresentam os conceitos de agenciamento e de rizoma. O agenciamento explicita uma forma de pensar o texto não como uma unidade com um significado metafísico imutável, mas sim como uma construção viva, uma multiplicidade. Ao invés de se tentar “entender” um texto, deve-se pensar como a sua multiplicidade funciona em conexão com outras multiplicidades, ao mesmo tempo em que o leitor agencia algo novo com a sua própria multiplicidade, metamorfoseando-a. Para se pensar essa multiplicidade, Deleuze e Guattari desenvolvem a idéia de rizoma. Rizoma é uma espécie de vegetal que se reproduz de maneira assexuada, por brotamento. O crescimento de vegetais rizomáticos (tubérculos, como a batata, algumas espécies de

⁷¹ Ibid., pp.116-117

⁷² O conceito de diáspora é trabalhado por Gilroy como uma alternativa à metafísica de "raça", nação e cultura determinada. “(...)diáspora é um conceito que problematiza os mecanismos culturais e históricos do pertencimento. Ela rompe com o poder fundamental do território para determinar a identidade ao quebrar a simples seqüência de laços explicativos entre lugar, locação e consciência. Ela destrói a invocação ingênua da memória como a base da particularidade ao chamar a atenção para o dinamismo contingente e político da comemoração”. Gilroy. *Against Race*, 2000, p.123.

⁷³ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*, (SP: Editora 34, 1995). Em especial na Introdução.

samambaias, a grama etc.) pode começar de qualquer parte do caule, que se faz de raiz. O rizoma é uma falsa raiz que cresce de maneira caótica, interagindo com as condições do ambiente. Esta metáfora se opõe à metáfora da raiz metafísica clássica, de crescimento sexuado, no qual ou um dá origem a dois ou são dois que se tornam um. Haveria, portanto, a necessidade de uma unidade espiritual da qual o pensamento depende, ou como origem, ou como paraíso a alcançar. A multiplicidade perde seu potencial ao ser entendida sempre a partir da unidade, seja como resultado da divisão dessa ou como unidade por vir. O rizoma, portanto, escapa dessa lógica fechada ao permitir qualquer tipo de ligação, possibilitando, pensar a unidade como fruto da multiplicidade. Não é a unidade que se divide, mas é a multiplicidade que é subtraída de seus elementos na construção de uma pretensa unidade. A unidade é sempre a multiplicidade menos um.

A diáspora de Gilroy é rizomática em sua construção. A identidade não é pensada de maneira genealógica, sexualizada, mas sim a partir das diferentes conexões, seleções, subtrações que permitiram criar uma identidade, seja ela desejada momentaneamente ou eternamente. A pergunta não procura como resposta a unidade, seja como origem, seja como resultado, a questão é problematizar como a multiplicidade – a infinita possibilidade de conexões – foi trabalhada na construção de uma unidade desejada e/ou forçada. Isso significa que a identidade proposta por Gilroy só pode ser entendida em suas conexões, em seus processos de relação entre o que pensávamos ser e o quanto isso deve interferir no que somos e no que desejamos ser. A identidade pensada a partir da diáspora de Gilroy é, portanto, uma construção de memória, um processo de recordação e celebração ligado ao processo de dispersão.

A Frente Negra Brasileira, apesar de ser um grupo pautado por reflexões intimamente ligadas a conceitos essencialistas de raça e nação, ganha uma nova leitura ao ser pensada nessa perspectiva. Não podemos confundir os conceitos utilizados por nossos personagens pesquisados com aqueles que usamos para analisá-los. As identidades construídas pela FNB são profundamente metafísicas, seja na sua fachada, seja na sua estrutura. Porém, isso só reforça a argumentação de Gilroy de que essas pretensas unidades de identidade não são naturais, são arquitetadas historicamente. Sua(s) unidade(s) não tem raiz clássica, mas rizomática, que tenta passar por raiz. Portanto, não se deve trabalhar com

conceitos metafísicos de identidade, de raça e de nação para se entender a FNB. Deve-se pensar que materiais e que técnicas arquitetônicas foram utilizadas em suas edificações.

Por que a Frente Negra Brasileira?

Na monografia de graduação em História, trabalhei o discurso do reverendo Martin Luther King, Jr. para tentar entender como estava articulada a não-violência à questão racial. O objetivo de King não era lutar apenas contra o racismo, mas usar a não-violência para resolver o problema central da injustiça: a cegueira do homem frente à sua relação com os outros homens, desrespeitando a irmandade da humanidade. Ou seja, a luta ia além das injustiças da sociedade estadunidense contra o negro, sonhava-se em reformular esta sociedade a partir dos ideais cristãos, através da não violência e, assim, construir a Nova Era. Este novo tempo teria como princípios o amor e o perdão cristão, envolvendo não apenas os Estados Unidos, mas toda a humanidade, vista aqui como uma “grande corrente”.⁷⁴

Na introdução, para deixar claro como entendia a questão racial, contei uma história que muito me impressiona e, ainda hoje, continua sendo a melhor formulação de uma idéia sobre a questão racial que já pude encontrar. Suzana é a irmã mais nova da pessoa com a qual decidi dividir a minha vida. Dentro da tradição brasileira de classificação por cores, seu pai é negro e sua mãe branca. Os três primeiros filhos nasceram com uma tonalidade de pele marrom, e a caçula, apesar de ser muito parecida com os irmãos, tem a pele tão branca quanto à da mãe. Na minha primeira visita à família, passei bastante tempo brincando com a caçulinha, ‘xodó da casa’. Em um desses momentos, observei Suzana pintando o desenho que ela tinha feito de sua família, escolhendo a cor rosa para a mãe. Como todo pretense adulto dono da verdade, quis mostrar à inocente criança que a melhor

⁷⁴ Infelizmente, por mais absurdo que pareça, a biblioteca do Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da UNICAMP NÃO aceita monografias dos alunos de graduação da instituição. Não consegui nenhuma explicação que não o problema de espaço, o que evidentemente não tem fundamento em plena era digital. O problema do espaço físico poderia ser facilmente solucionado com a criação de um arquivo digital. Há uma prateleira com algumas monografias, mas elas não estão cadastradas no sistema da biblioteca. Portanto, se alguém se interessar, terá que entrar em contato comigo para conseguir um exemplar. O nome é “A Espada que Cura” Martin Luther King, Jr. e a Não-violência (décadas de 1950 e 1960). Foi orientada pela professora Celia M. M. de Azevedo e defendida no final do primeiro semestre de 2001.

maneira de designar a cor de sua mãe não era o rosa, mas sim o bege: a famosa ‘cor de pele’ das aulas de artes.

Um “não” redondo e sonoro foi a resposta: ‘Não!’- ela disse visivelmente impaciente com minha explicação boba – ‘Rosa é a cor que eu uso para pintar minha mãe e eu, bege eu uso para meu irmãos e marrom para meu pai.’ Demorei algum tempo para entender como a menina trabalhava com as cores de pele de sua família. Então, percebi que a questão não era a cor e sim o desenho. Para Suzana, a definição de cores para os membros da família sem dúvida é importante e deve ser o resultado de muito pensar sobre sua realidade. Porém, pintar a família é secundário; na cor não está incluído nem um caráter pejorativo ou seletivo para a definição de quem será desenhado. Para ela, o importante é que todos, por serem amados, estejam representados e ocupem seu espaço no desenho, representação de seu mundo.

Portanto, a cor é a escolha de um lápis, um adjetivo que faz parte da representação, não é determinante para a escolha de quem ou como será desenhado. Nessa perspectiva, a pessoa desenhada é o principal, é o substantivo. Essa noção da cor como um adjetivo, não prediz que ela é descartável, pois é um caráter central para a identidade. Significa apenas que primeiro ela pensa nas pessoas e depois na cor; seu pai não é um negro e sim um homem que tem a cor marrom. O adjetivo não acompanha necessariamente o substantivo, mas isso não quer dizer que ele é esquecido nas representações do substantivo.

A beleza dessa história não pode nos impedir de pensar como funcionam os mecanismos discursivos que, ao transformarem o adjetivo em substantivo, essencializam o ser humano fixando e hierarquizando sua existência. Além disso, esta formulação, por si só, não responde como devemos reverter o quadro de injustiça e preconceito atual. Há questões cotidianas que precisam ser enfrentadas. Como podemos trabalhar a sociedade sem diminuir a importância do substantivo pelo adjetivo? Como trabalhar a identidade de uma pessoa ou um grupo numa sociedade que se enxerga branca, ou pelo menos gostaria de sê-lo, e na qual as características físicas dissonantes são vistas como uma herança ruim e uma desculpa para assegurar a marginalização social diária? Como podemos ignorar que a criação de uma identidade em torno da privação e da cor, que a transformação do adjetivo

em substantivo, também é força fundamental na luta por direitos civis e sociais desses grupos excluídos?

São estas questões minhas companheiras na investigação empreendida sobre a construção de identidade na Frente Negra Brasileira. A preocupação não é justificar o seu fascismo ou o seu fim, mas tentar compreender como outros, frente a problemas parecidos, agiram. Discutir a construção da identidade frentenegrina pode ajudar na reflexão de outros problemas semelhantes, sem significar exatamente a discussão sobre erros e acertos, mas sim sobre a complexidade da relação entre os seres humanos, ainda mais quando entendida a partir de conceitos essencialistas e deterministas.

Para realizar tal reflexão, dividi essa dissertação em três capítulos. No primeiro pretendo demonstrar a importância e a particularidade dos conceitos de raça e de nação empregados na construção da Gente Negra Nacional. Trabalharei como só é possível compreender esses dois conceitos os relacionando ao projeto político frentenegrino. No segundo capítulo, destacarei como essa identidade faz parte do processo histórico da formação de uma hegemonia política na liderança da FNB. No último, pretendo demonstrar o papel da construção da memória histórica na consolidação dessa identidade e dessa hegemonia.

Capítulo I

Quem é a Gente Negra Nacional?

1º

Salve! Salve! Hora gloriosa,
Em que aponta, no país,
Esta aurora luminosa
Que fará a Pátria feliz.

Coro

Gente Negra, Gente forte,
Ergue a fronte varonil,
És a impávida coorte
- Honra e glória do Brasil

2º

Os herdeiros dos lauréis
Do trabalho, a ciência, a guerra,
Surgem, nobres e fiéis,
Pelo amor da Pátria Terra.

3º

São do sangue escravo herdeiros,
De Tupis e de Africanos,
Que, confiantes Brasileiros,
Bradam soberbos e ufanos.

4º

Cesse a voz dos preconceitos!
Caia a bastilha feroz,
Que o valor dos nossos feitos
Ruge altivo dentro de nós!

5º

Nossa cor é o estandarte
Que entusiasma Norte e Sul;
Une a todos para o marte
Sob o Cruzeiro do Azul.

6º

Ouve: - os clarins dos PALMARES
Vêm falar da Pátria nova!
Ressoa o clangor nos ares
Chamando os bravos à prova!

7º

Seja o toque da alvorada
Que diga a todos: - “Reunir”
E a Nação, alvoroçada,
Corra à voz de ressurgir

Hino da Gente Negra Brasileira

Letra do Dr. Arlindo Veiga dos Santos / Música do Professor Alfredo Pires

O hino elaborado pelo presidente da FNB, Arlindo Veiga dos Santos, aparece pela primeira vez no jornal *A Voz da Raça*, em 29 de Abril de 1933. Sua letra pode servir como ponto de referência para as articulações sustentadoras do ideal formulado pela Frente Negra Brasileira para os negros do Brasil. Estão todas aí: a idéia de raça, o pertencimento através do sangue de “Tupis e Africanos”, e a idéia de nação, “pelo amor da Pátria Terra”, articulados como legitimidade para “confiantes brasileiros”; a idéia de crise e a necessidade de intervenção, o momento de redenção, a “Hora Gloriosa” para a “Pátria nova” derrubar a “bastilha feroz” aquela que aprisiona os negros pelos preconceitos; a relação com outros grupos do período, pautada pela necessidade de “reunir”; a maneira singular de compreender o passado, a escravidão, Palmares, os “valores” dos seus “feitos”. Articulações estas que remetem a um encadeamento de perguntas. Quem é essa Gente Negra Brasileira cantada e louvada no hino? Quais são as possibilidades subtraídas para alimentar suas raízes? Quem ou que grupo comanda esta construção?

Para compreender esta identidade erguida no jornal *A Voz da Raça* é necessário repassar sua arquitetura, seus recortes, suas influências e seus materiais. Desta maneira, a questão de determinismo histórico, discutida na introdução, é retomada aqui como falsa questão. Não há determinismo, o fascismo da FNB perde a possibilidade de ser compreendido ao ser justificado como parte de uma grande maré histórica. O que há é uma repetição variada, para traduzir a proposta de Dominick La Capra⁷⁵, para quem diferentes idéias são articuladas de uma nova maneira sem passar pelas concepções de ruptura ou continuidade, mas em um movimento de desenvolvimento desigual ou de deslocamento divergente. Não há fronteiras fixas que separam a FNB do resto da sociedade, os intercâmbios entre os diversos grupos sociais são livres e contingentes. Não há ruptura nem continuidade, pois não há como demarcar uma pureza no fluxo de trocas, o lugar onde começaria ou terminaria uma idéia. As idéias ressoam com intensidades diferentes em diferentes grupos e contextos. O determinismo perde o sentido no jogo das intensidades possíveis.

Nesse caso, pensar o *corpus* do periódico da FNB, no qual a identidade fretenegrina é articulada, significa entender os movimentos de repetição variada dentro de

⁷⁵ Dominick La Capra. “Rethinking Intellectual History”. Dominick La Capra e Steven L. Kaplan eds. *Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives*. (Ithaca: Cornell University Press, 1983)

seu texto. O objetivo não é a busca de uma identidade essencial que perpassasse toda sua publicação, mas ficar de olho na sua construção tensa e conflituosa ao longo de sua existência. Os movimentos não só são internos ao texto do jornal, mas também se articulam num intercâmbio livre entre diversos grupos sociais e outros textos de outros jornais. Existe um paralelo possível entre esta concepção e a diáspora de Paul Gilroy (2000), apresentada na introdução. É essa dupla inspiração que conduzirá a análise. Assim, ao invés de centrarme na idéia de determinação dos padrões dominantes ou de ideologias católicas e européias opressivas *versus* uma experiência africana, abre-se espaço para pensar como, na FNB, diversos valores eram lidos e utilizados, respeitando o desenvolvimento de sua própria textualidade no que concerne à leitura criativa de diferentes idéias.⁷⁶

Pensar esta relação de diálogo entre diversos discursos permite compreender a interação da Frente Negra Brasileira com a sociedade de uma maneira diferente. Não é a partir da sociedade nem apartada da sociedade, mas numa relação dialógica com a sociedade da qual, mesmo numa posição subalterna, faz parte e cujo papel subalterno é essencial na construção das posições daqueles dentro e fora da organização.

Esta dissertação pretende compreender esse edifício frentenegrino da Gente Negra Brasileira em busca dos materiais e das articulações que o tornaram possível. É importante não esquecer o diálogo com a historiografia sobre a FNB trabalhada no primeiro capítulo. Seus debates inspiraram minhas marcações para mapear a identidade frentenegrina. Nesse capítulo, percorrerei os caminhos traçados para a construção da figura da Gente Negra Nacional para formular suas demarcações e escolhas.

Raça, Cor e Nacionalidade.

O sonho de branqueamento pela imigração, marcado pelos ideais eugênicos e higienistas, pautou os debates das elites brasileiras nas primeiras décadas do século XX. Uma “utopia purificadora” das mazelas brasileiras fundadas na mestiçagem de sua população transformaria o Brasil numa civilização nos moldes europeus. Diversos estudos mostram que esse período foi marcado por uma grande esperança na ciência como redentora do atraso brasileiro frente às nações do mundo. Através de Monteiro Lobato,

⁷⁶ Essas concepções sobre a FNB foram discutidas na introdução.

Paula Habib discute como, no Brasil, o movimento sanitarista trouxe a possibilidade do progresso via saneamento e pela higiene. Combatendo o discurso do determinismo racial e climático, defensor da fatalidade de nosso futuro miscigenado e decadente, o discurso médico científico circulou por toda a sociedade alimentando projetos de mudança e de reforma da sociedade brasileira.⁷⁷ Apesar da hierarquia racial ainda imperar em seus discursos, a questão era a cura das doenças que atrasavam o país.⁷⁸ Nesse debate, a raça ganhava novos horizontes, fundamentais para os participantes dos diversos grupos anti-racistas do período. Na FNB, formada por homens que participaram desses debates nas décadas anteriores, a raça podia ser cultivada e civilizada no corpo e na alma.

“Os negros de hoje já tem a sua trajetória traçada para o progresso porque ele nunca foi refratário à civilização, pelo contrário adapta-se a ela, com a mesma facilidade com que se tem adaptado o branco e até com vantagem porque todo o seu melhoramento intelectual e artístico é o fruto de sua tenacidade própria, posto que tenha ajudado muito o branco na sua ascensão.”⁷⁹

Volto a destacar que a questão aqui não é a dos microcosmos, não é encontrar na FNB uma parte explicadora do todo dos discursos da sociedade macro.⁸⁰ A FNB participou desse debate ao articular soluções singulares para o problema do futuro nacional. Porém, é preciso compreender as particularidades das articulações fretenegrinas entre raça e nação. Se a noção de raça não era mais determinante, agora, sua questão era histórica. Nesse sentido, na FNB, a raça só pode ser discutida pelo recorte temporal e espacial, ou seja, a história do negro no Brasil.

⁷⁷ Paula Habib. “Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação”. Dissertação de mestrado, História, IFCH, UNICAMP, 2003. Nesta linha ver o artigo de Marcos Chor Maio, “Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX.” In: Simone Monteiro e Livio Sansone (orgs.), *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos* (Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2004), pp.15-41

⁷⁸ Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”, In: Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (org.) *Raça, Ciência e Sociedade* (Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996).

⁷⁹ Castelo Alves, “Flores do Campo”, in *A Voz da Raça*, n.8, 06/05/1933, p.2.

⁸⁰ Como discutido na introdução, essa é a tese de Andrews (1998) quanto às escolhas da FNB serem determinadas pelo contexto da época.

A bandeira frentegrina é um exemplo de como a raciologia era trabalhada na FNB.⁸¹ Não é para qualquer negro que a FNB fala, mas para aqueles descendentes dos negros que ajudaram a construir o Brasil, seja com o sangue e suor dos escravos, seja com a pujança dos heróis militares negros como Henrique Dias, seja com a intelectualidade de homens como Luiz Gama. No jornal quase não há menção à África, salvo à figura de Menelick.⁸² O negro fretenegrino, antes de tudo é brasileiro. Por isso, as cores da bandeira são singulares na sua escolha. Reelaborando o mito das três raças, a FNB encontrou uma forma de justificar o seu espaço no corpo nacional capaz de fortalecer sua argumentação nas lutas cotidianas contra o preconceito racial. Ao marginalizar o negro, a sociedade brasileira cortava a própria carne enfraquecendo-se. Num artigo para o *A Voz da Raça*, em agosto de 1936, Justiniano Costa, então presidente da FNB, explica cuidadosamente os sentidos das cores da bandeira fretenegrina:

“Eis pois, os significados do “quadricolor”, já glorioso, bandeira símbolo da Raça Negra Brasileira.

O branco representa o português, que, foi o primeiro colonizador desta parte do Globo; o vermelho, representa a terra do Brasil, os silvícolas, os índios, os primeiros habitantes desta região; o preto, representa, o negro, que transportado para estas plagas, aqui se aclimatou perfeitamente bem, que chegou a esquecer a sua terra de origem, por só pensar neste grande torrão.

(...)

O verde, representa (em forma de Palmeira) aquela arrancada formidável da concentração de negros na Serra da Barriga, como protesto contra a escravidão em que viviam, proclamando a república de “Palmares”.⁸³

As quatro cores organizam a raciologia fretenegrina no estandarte da raça negra **brasileira**. Para a FNB, o branco foi o responsável por abrir a colonização semeando a civilização no vermelho, na terra brasileira, no índio; ao mesmo tempo, trouxe o negro para fortalecer sua ocupação, para defender e trabalhar a terra, onde se aclimatou tão bem.

⁸¹ Raciologia são os saberes que transformam o conceito abstrato de raça numa realidade, governando a maneira pela qual as diferenças raciais são vistas, como aparecem para nós e como constroem identidades específicas. Gilroy, *Against Race*, 2005, p.11

⁸² As figuras heróicas constituídos pelo jornal serão trabalhadas no terceiro capítulo.

⁸³ Justiniano Costa, “Bandeira da FNB”, in *A Voz da Raça*, n.56, agosto de 1936, p.1.

Desenha-se, assim, uma participação ativa para o negro na história do Brasil. Ao fornecer o seu sangue e o seu suor para a consolidação da pátria, seja nas bandeiras, seja na guerra contra os holandeses no nordeste, seja na Guerra do Paraguai, o negro transformou-se em um membro legítimo do corpo nacional.

“Tanto é assim que o negro, de trabuco em punho, procurou sempre defender a integridade da Pátria de facão nas mãos, conjuntamente com os portugueses e parte de índios, desbravou os sertões, abrindo pontes, e transportando a (ilegível) toda, para que a bandeira passasse à procura de ouro e pedras preciosas, dilatando desse modo a extensão do nosso território.”⁸⁴

A palmeira representando Palmares e sua posição na bandeira – projetando-se no sentido da cor branca – explica a relação entre brancos e negros e o porquê da FNB. Se por um lado, o negro brasileiro deu sua vida pela pátria, permitindo a vitória dos portugueses nos trópicos, a sua posição subalterna é resultado de uma má compreensão da história do Brasil. Entender o negro como um problema ou como uma mera ferramenta para o progresso nacional é um desrespeito à sua luta para levantar e fortalecer a pátria. O negro brasileiro é parte da nação, não como criado ou escravo, mas numa posição de igualdade com o branco de origem portuguesa. A FNB recorre a Palmares para mostrar que o negro nunca aceitou essa situação e sempre lutará pelo seu futuro, que é também o futuro da pátria.

“Se a palmeira se projeta no sentido do campo branco e o negro fica à margem externa é, como dizia o grande BERNARDO VASCONCELOS: “O negro protegeu com a sua força a civilização nacional.

Há feitos na vida do negro relativos à formação da nacionalidade brasileira que a história do Brasil não comenta.”⁸⁵

A bandeira fretenegrina expressa essa visão dos papéis das raças na história do Brasil. Afinados com os debates da época, os textos em *A Voz da Raça* citam Oliveira Vianna e Nina Rodrigues. Apesar das citações não serem sistemáticas, pode-se perceber um

⁸⁴ Justiniano Costa, “Bandeira da FNB”, in *A Voz da Raça*, n.56, agosto de 1936, p.1.

⁸⁵ Justiniano Costa, “Bandeira da FNB”, in *A Voz da Raça*, n.56, agosto de 1936, p.1.

diálogo com os discursos raciológicos sobre o Brasil feitos no final do século XIX e começo do século XX.⁸⁶ O mito das três raças é lido pela FNB de uma maneira singular, ao transformar-se num dos pontos de legitimação da presença do negro brasileiro em sua nação. Ao mesmo tempo, dialogando com as teorias higienistas mencionadas anteriormente, mostra como o negro pode e deve evoluir para continuar como parte ativa da história do país. Objetiva-se, assim, um único propósito: a construção de um novo Brasil. Meta que a FNB atacará em duas frentes: lutar contra a marginalização histórica dos negros no Brasil e, ao mesmo tempo, elevar o nível de civilização dos mesmos.

“Mas, que haveria acontecido no Brasil se por ventura o pessoal que em quarenta anos chefiou o batuque solene tivesse afirmado a nossa Raça luso-indio-negra, em lugar de fazer, do Lar nacional, uma pagodeira internacional (...)

Nós também temos uma Raça! Se não há, como não pode haver, um só Tipo Nacional, somos uma Raça Mestiça, com os nossos Negros, Cafusos, Caboclos, Negroides, Brancoides, e (até) os Bugres que ainda moram no mato.

(...)

Porquê, então, não afirmamos sempre a nossa Raça negro-indio-lusa que era e continua a ser qualquer coisa de novo e soberbo no mundo?!”⁸⁷

“É direito absoluto dos construtores de nossa Nacionalidade – o Bugre – o Negro – o Português – terem parte nos destinos de Nossa Pátria (...)”⁸⁸

“Mas nós, os negros modernos, acompanhando a evolução da humanidade, evoluímos também, seguindo o surto grandioso do progresso. E para evitar que fique algumas ovelhas retardadas, esquecidas de si e dos seus próprios valores, é que congregamos e congregaremos em torno da “Bandeira Frentenegrina” que é o símbolo da nossa organização, símbolo da Raça – Salve Frente Negra Brasileira!”⁸⁹

⁸⁶ Há uma longa discussão histórica sobre o mito das três raças. No livro organizado por Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos, *Raça, Ciência e Sociedade*, (Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996), há um artigo de Carlos Hasenbalg a partir do qual pode-se entrar na discussão. No livro de Márcio Barbosa, *Frente Negra Brasileira: depoimentos* (São Paulo: Quilombhoje, 1998), Francisco Lucrécio, presidente da FNB depois da saída de Arlindo V. dos Santos, cita Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Manuel Querino como referências para como conheciam “esse assunto de negro”.

⁸⁷ Arlindo V. dos Santos, “A afirmação da Raça”, in *A Voz da Raça*, n.12, 10/06/1933, p.1.

⁸⁸ Henrique Dias, “Discurso que eu não disse”, in *A Voz da Raça*, n.5, 15/04/1933, p.1.

⁸⁹ Justiniano Costa, “Bandeira da FNB”, in *A Voz da Raça*, n.56, agosto de 1936, p.1.

Para a FNB, engana-se aquele que pensar como separadas essas raças. O negro congregado pela FNB não tem nenhum ideal de pureza biológica da raça negra. A mestiçagem não só é aceita, como também ela é a definidora da identidade brasileira. Foi graças à mistura entre as três raças (o bugre, o português e o negro) que o Brasil foi capaz de vencer as adversidades naturais e políticas rumo a um futuro grandioso.⁹⁰ O negro brasileiro, não importando a tonalidade da cor, é todo aquele que carrega o sangue negro e **índio**, o não visualmente branco, o que inclui descendentes de negros, brancos e índios. Porém, não é a regra de “uma gota de sangue”, que nos Estados Unidos serviu para segregar e desestimular a mistura.⁹¹ A FNB distorce e desloca o enunciado para além dos limites biológicos, ao trazer para o debate o respeito à contribuição do negro na construção da nação. Portanto, o que a FNB cobra de seus membros não é a simples identificação racial, mas o orgulho de possuir o sangue daqueles bravos que morreram pela Pátria. Essa cobrança estende-se para a sociedade como um todo, não como um respeito à raça negra enquanto tal, mas como parte e participante ativa na construção da sociedade brasileira.

Por isso, a África é desprezada pela FNB e pouco se menciona os Estados Unidos. Como lembra Petrônio Domingues, o colonialismo europeu na África passou despercebido. Os negros estadunidenses eram lembrados em suas conquistas educacionais, um exemplo a seguir de luta por civilização.⁹² O fretenegrino não é simplesmente negro, ele é também um brasileiro. Sem essa coexistência entre raça e nação não existe a Gente Negra Nacional, não existe o fretenegrino. As memórias de Francisco Lucrecio, colhidas décadas depois, contribuem para confirmar esta visão articulada nas páginas de *A Voz da Raça*:

⁹⁰ Apesar de não encontrada nenhuma menção a Gilberto Freyre no jornal, a miscigenação das três raças de maneira positiva e como formadora do Brasil é a tese central de Freyre em 1933.

⁹¹ A regra de uma gota de sangue, a “one drop rule”, nasceu da concepção da existência de raças e de uma visão eugênica das misturas de raça muito comum na virada do século XIX para o XX nos EUA. A idéia é de que qualquer ancestral não branco transforma a pessoa num não-branco, seja negro ou descendente de índio. O objetivo era evitar as misturas raciais pensadas como causadoras da degeneração do branco. Um exemplo da aplicação desse princípio é a Lei da Integridade Racial de 1924 do Estado da Virgínia: “Toda pessoa que possuir de maneira averiguada qualquer sangue Negro deverá ser julgada e tomada como uma pessoa de cor, e toda pessoa que não é de cor tendo um quarto ou mais de sangue de Índio Americano deverá ser julgada como um Índio Americano;” Sobre a história dessa discussão nos Estados Unidos ver David A. Hollinger, “Amalgamation and Hypodescent: The Question of Ethnoracial Mixture in the History of the United States,” in *The American Historical Review*, Dezembro, 2003

<<http://www.historycooperative.org/journals/ahr/108.5/hollinger.html>> (15 Jun. 2006)

⁹² Domingues, *A Insurgência de Ébano*, 2005. pp.244-246.

“Na Frente Negra não tinha essa discussão de volta à África. Tínhamos correspondência com Angola, conhecíamos o movimento de Marcus Garvey, mas não concordávamos. Nós sempre nos afirmamos como brasileiros e assim nos posicionávamos, com o pensamento de que os nossos antepassados trabalharam no Brasil, se sacrificaram, lutaram desde Zumbi de Palmares aos abolicionistas negros, então não queríamos, nos afirmaríamos, sim, como brasileiros. Não queríamos perder nossa identidade de brasileiros. Seguimos, portanto, a linha dos nossos antepassados.”⁹³

A história do negro na FNB é a história do negro brasileiro, portanto, começa na escravidão. Os negros criticados pela preferência por cônjuges brancos, não o são por causa da mistura, mas pelo desmerecimento na escolha de seus patrícios negros, assim como os negros criticados por quererem parecer brancos, comportamento entendido como uma recusa de sua ancestralidade, que não deveria ser sinônimo de vergonha, mas sim de orgulho.⁹⁴ A FNB realiza com essa identidade um duplo movimento: luta contra os preconceitos raciais na sociedade brasileira, contra a “bastilha feroz” do hino, ao mesmo tempo, transforma sua luta numa luta nacional.

Domingues trabalha com outra perspectiva. Haveria uma ambigüidade na posição da FNB quanto à miscigenação. De um lado, havia uma forte demarcação e valorização da raça negra. Críticas pesadas eram dirigidas para aqueles que procuravam parceiros entre os brancos, uma endogamia racial. Também, à figura do mulato como a do traidor da raça, sempre a destruir a união e a mobilização. Porém, por outro lado, haveria uma grande celebração da mestiçagem, como construtora da identidade nacional. Domingues ressalta que essa celebração estava em consonância com a “atmosfera ideológica do período”.⁹⁵

Ao meu ver, não há ambigüidade, para a FNB a defesa da raça negra não entra em contradição com a mestiçagem, pois a mistura das raças não apaga a história da participação e orgulho merecido de cada uma das raças constitutivas desta mistura. Ao contrário, desmerecer e não defender cada uma das partes desta miscigenação seria

⁹³ Entrevista de Francisco Lucrécio para o livro de Márcio Barbosa, *Frente Negra Brasileira: depoimentos*, (São Paulo: Quilombhoje, 1998). P.46.

⁹⁴ Um exemplo dessa discussão é a defesa do “mulato de carapinha”, o mulato que não alisa o cabelo sinal de sua ancestralidade negra. O poema “Mulato” de Arlindo V. dos Santos, no n.7, faz a crítica a esses homens que repudiam seu pertencimento a raça negra. “Quando eles passam na rua / Com o seu cabelo liso / - herdeiro da carapinha, / aquele cabelo liso / faz um mal a muita gente / preta e branca, alternamente, (...)”

⁹⁵ Domingues, *A Insurgência de Ébano*, 2005. pp.216-222.

desmerecer a própria raça brasileira. O preconceito racial, os “mulatos sem carapinha” e o menosprezo da participação do negro na história do Brasil são sinais do não reconhecimento do papel da raça negra na construção do país.⁹⁶ As defesas da miscigenação e do orgulho racial trabalham em conjunto reforçando a luta contra o preconceito racial, ao mesmo tempo, que demarcam e legitimam o espaço do negro na nação brasileira. Domingues compara a FNB com o Integralismo e seu discurso “anti-racista” a favor da miscigenação. Como veremos, os artigos do *A Voz da Raça* se colocam como racistas, defensores da raça brasileira e criticam a posição “anti-racista” dos governos republicanos que com seus ideais de arianização da pátria, destroem a verdadeira raça brasileira. A defesa da mestiçagem na FNB não é de qualquer mestiçagem, mas sim da mistura histórica das três raças constitutivas do Brasil. Neste sentido, defender a raça negra é defender a raça brasileira.

Nesse contexto, o imigrante é o símbolo perfeito do problema a ser enfrentado pelos fretenegrinos. O imigrante não é o bode expiatório da FNB, ao contrário, sua luta para vencer numa nova terra e a união de suas associações são um exemplo para o negro.⁹⁷ Os inimigos da FNB são os governos oligárquicos e liberais republicanos com suas tentativas de “arianizar” o país, trazendo influências externas e desrespeitando sua própria história com essa “pagodeira internacional”.⁹⁸ As homenagens a Hitler e a Getúlio Vargas fazem parte desta discussão também. Quando Arlindo V. dos Santos enaltece as ações de Hitler na Alemanha ou os discursos nacionalistas de Vargas, destaca a luta desses dois governos para defenderem suas pátrias e as raças que as compõem. O negro deveria lutar pela sua raça e pela sua pátria, o que, para a FNB, os governos republicanos não haviam feito. Analisarei as referências sobre Hitler, Vargas, Plínio Salgado e outras referências fascistas no terceiro capítulo. O importante é compreender que a luta proposta pela FNB pretendia ligar a causa negra a uma causa maior, a da nação.

⁹⁶ “Mulato sem carapinha” seria aquele que alisou o cabelo para esconder sua ancestralidade negra.

⁹⁷ Em “Comentários e considerações”, José Bueno Feliciano, ao narrar o debate entre dois deputados acerca da imigração dos “amarelos” mostra como ainda não se percebeu a necessidade de defender a Raça Brasileira. Não há nenhum comentário pejorativo contra os “amarelos”. No n.8, 6 de maio de 1933, Castelo Alves no seu artigo “Flores do Campo” segue a mesma linha de raciocínio. Não há ódio contra outras raças, mas contra o fato de todos progredirem no Brasil, menos o negro. Portanto, os dois criticam o desmerecimento do negro frente a sua participação histórica na construção da nação e de sua raça.

⁹⁸ No número 9, 13 de maio de 1933, Isltino Veiga dos Santos ressalta que a marginalização do negro está ligada ao fato da preferência pelo estrangeiro.

“PATRICIO NEGRO

Amas o Brasil?

Estás disposto a lutar pelo levantamento físico, moral e intelectual dos negros brasileiros?

Queres aprender a conhecer e a combater os inimigos da Pátria?

Procura já a

Frente Negra Brasileira

S. Paulo – rua Liberdade, 196”⁹⁹

Esta luta tem duas frentes: a luta contra os preconceitos e contra aqueles considerados inimigos da pátria e da raça e a luta pela educação do negro, por sua evolução. Só é possível compreender estes dois objetivos no diálogo com a raciologia e o nacionalismo frentenegrinos. Deve-se lembrar que esta mudança não pressupunha a quebra da ordem legal e moral. O caminho a ser trilhado respeitava a necessidade de harmonia do corpo nacional. Porém, o respeito à ordem e à lei não significavam passividade ou uma conformidade com a situação. A proposta da FNB era a ação, já que as reivindicações políticas eram vistas como ineficientes.

“Em face da situação, mais fácil de sentir dentro do cosmopolitanismo de São Paulo, onde há sempre, junto ao maior bem, o maior mal dentro do País, nasceu a FNB visando resolver o problema que por dois métodos talvez nenhum branco ainda compreendia: o método político e o método social.

Feitas as primeiras experiências, passou o método político para o segundo plano. Tática de resolução. Depois de em-vão esperar que se manifestassem, por atos concretos, consciências negras ou mestiças pacientes, a favor da vigente obra iniciada, depois de esperar em balde que os poderes competentes dessem fé da patriótica obra nacionalista iniciada, recorreremos ao segundo processo: a EDUCAÇÃO, A FORMAÇÃO dos valores novos segundo a Escola Frentenegrina.”¹⁰⁰

Para a FNB, o caminho da reivindicação política teria esbarrado no desinteresse da República e na falta de consciência dos negros, ambos incapazes de mudar a situação. O caminho seria, portanto, a tática da organização para a evolução; tal como os imigrantes,

⁹⁹ *A Voz da Raça*, n.11, 03/06/1933, p.2

¹⁰⁰ Arlindo V. dos Santos, “Em Marcha”, in *A Voz da Raça*, n.1, 03/06/1933, p.1.

era preciso construir o seu próprio caminho de crescimento. As sociedades de imigrantes são o grande modelo para a solidariedade nacional acima de qualquer diferença como base para uma mudança real de *status* social. As histórias de crescimento material observadas no dia-a-dia dos imigrantes alimentaram o sonho dos negros na busca por mudanças.¹⁰¹

Dessa maneira, a educação e a ação direta contra o preconceito, ambos sem o intermédio do Estado, foram desenhadas pela FNB como planejamento estratégico para reverter a situação da Gente Negra Nacional.

A militarização da ação.

“O negro precisa entrar violenta e tenazmente na HISTORIA DO PRESENTE DO BRASIL, conquistar violentamente o SEU LUGAR na comunidade nacional, porque – desengana-se! – ninguém lh’o dará por bem. No fim de todos os nossos trabalhos sempre nos quererão tapear, embrulhar, roubar... e felizes de nós ainda, quando o que devia ser nosso fica nas mãos de patrícios brancos e não vae parar nas de estrangeiros!”¹⁰²

Nas páginas do *A Voz da Raça*, o negro deveria tomar as rédeas de seu destino e, ao fazê-lo, ajudar a sua gente e a sua pátria a não serem tapeados. O negro deveria seguir o exemplo de seus antepassados e marcar com seu sangue e suor o seu próprio espaço no corpo nacional. A violência adjetiva a ação como forma de transformação da posição subalterna do negro na sociedade brasileira. Não deveria se enganar o negro e esperar a ajuda dos patrícios brancos, incapazes de perceber o quão prejudicial à pátria é a sua exploração da Gente Negra Nacional. A violência fretenegrina não atenta contra a ordem ou contra a legalidade, seu objetivo não é destruir as estruturas nacionais. Sua preocupação é marcar de maneira ativa, viril, o espaço do negro no corpo nacional com o objetivo de

¹⁰¹ “Vão crescer analfabetos, sem educação, sem ofício, viciosos, pela corrupção do meio. Vão ser vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com os estrangeiros que imigram para cá. (...)

Vão esperar a hora de apuros para recorrer à F.N.B.? (...)

Não vêm como fazem os estrangeiros?

Será que somente brasileiro e especialmente o brasileiro negro, há de ser sempre bobo?”

“Pensando na vida”, in *A Voz da Raça*, 22/04/1933. Outro artigo defendendo a união do negro como já o fazem outros grupos sociais é o de João B. Mariano, “Que é que espera o negro”, in *A Voz da Raça*, n.11, 03/06/1933. Domingues discute o imigrante como estímulo do “espírito associativo” do negro, *A Insurgência de Ébano*, 2005, pp.39-40.

¹⁰² Arlindo V. dos Santos, “Que o negro brasileiro não se iluda!...”, in *A Voz da Raça*, n.43, 15/12/1934, p.1

curar a desarmonia que sua posição subalterna representa. A violência, portanto, é a única salvação do negro e, por consequência, do Brasil. Nessa composição, justificadora da ação violenta, além da situação do negro, deve-se entender a situação da pátria.

Para a FNB, o Brasil estava passando por uma crise, por um gravíssimo momento. As quatro bases da nacionalidade brasileira: Deus, Pátria, Raça e Família, estavam sob a ameaça de forças externas e internas capazes de destruir a pátria. O programa de Arlindo V. dos Santos em sua candidatura para a Constituinte nacional de 1933 mostra como essas quatro bases são articuladas na construção da ação frentenegrina para protegê-las. O programa de Santos defendia a construção de um Estado Orgânico-Sindicalista capaz de lutar e valorizar quatro pontos centrais: a Terra, o Sangue, o Trabalho e o Espírito.¹⁰³

“Neste gravíssimo momento da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incubem os negros briosos e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Gente Negra e a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aqueles que não querem trair a Pátria por alguma forma de internacionalismo.”¹⁰⁴

Para Santos, o Estado liberal-democrático, a República, teria permitido a exploração das riquezas nacionais e o esmorecimento da soberania nacional. As forças produtivas estavam mal representadas e a questão do trabalho e capital havia sido levada a um ponto perigoso, ao alimentar a discórdia na nação possibilitando espaço à propaganda bolchevique. As políticas de imigração haviam piorado este quadro ao desmerecer a qualidade do brasileiro e ao importar junto com os imigrantes os “noismos”, como o comunismo, o anarquismo e o arianismo, todas doutrinas estrangeiras à realidade brasileira.

A proposta de Santos era, através do orgânico-sindicalismo, reconstruir a harmonia externa, ao impedir a exploração internacional da riqueza brasileira, e a harmonia interna, ao eliminar os regionalismos e reconstruir a soberania nacional. A solução seria a nacionalização do comércio e a proteção à produção agrícola e industrial. Ao mesmo tempo, a construção de sindicatos à maneira das corporações de ofício coloniais resolveria a questão do capital e do trabalho, harmonizando as relações entre as classes sociais. Isso

¹⁰³ Ver Programa em Anexo n.1.

¹⁰⁴ *A Voz da Raça* n.1, 18/03/1933, p.1

aconteceria devido à sua estrutura vertical capaz de organizar as relações entre as partes e impedir a luta de todos contra todos.

“Fundados, pois, os sindicatos verticais, dentro do espírito cooperativo cristão, harmonizar-se-ia a questão do capital e do trabalho, fugindo o Brasil tanto à prepotência capitalista cuja injustiça vai aniquilando e “internacionalizando” os governos e a Nação, como a tirania comunista que ameaça as nossas tradições, os nossos lares, nossa minguada economia e a nossa Terra, capaz de ser presa dos bandidos moscovitas que fariam da riqueza do País, - patrimônio legado por nossos Maiores, - tesouro de financiamento da revolução bolchevista universal judeu-cosmopolita.

Nessas corporações está toda a felicidade do operário, aprendizagem profissional, seguros, assistência de toda espécie, salário familiar garantido, libertação das garras da política profissional.”¹⁰⁵

“nós apelamos ao negro, de coração aberto, neste momento gravíssimo da nossa nacionalidade, que a situação atual não é de indiferença, é de sindicalizar-se, sindicalizar é unir, e unir é impor isto ou aquilo, dentro da ordem e da justiça.”¹⁰⁶

Em paralelo à questão da Terra e do Trabalho, dever-se-ia, também, atacar o desmerecimento do sangue nacional. A imigração estaria prejudicando a raça brasileira por fazer parte de um projeto de arianizar o país. Apesar de não possuir um tipo nacional, o país possuía uma Raça.¹⁰⁷ Esta Raça, como discutido anteriormente, era resultado da mistura entre três grupos distintos: o português, o índio e o negro. A solução seria construída em duas frentes, sendo a primeira a proibição da imigração por vinte anos e, a segunda, a valorização do negro e do mestiço para que esses fossem capazes de assimilar nacional e racialmente os “elementos adventícios”, os estrangeiros.

“No problema do Sangue, isto é, da Raça, será a primeira medida: A SUSPENSÃO DA IMIGRAÇÃO POR VINTE ANOS.

¹⁰⁵ *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.1.

¹⁰⁶ João B. Mariano, “O que é que espera o negro”, in *A Voz da Raça*, n.11, 03/06/1933, p.2

¹⁰⁷ “Enforquemos o tal “espírito de arianos”, que faz tantos mal aos negróides do Brasil (...)Se o Brasil não tem um tipo racial, tem todavia uma Raça. Esta precisa ser defendida, valorizada, educada, melhorada por si mesma e não por transfusão de outros sangues, apenas teoricamente melhores.” *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933

Valorização moral, intelectual, física e econômica das populações negras e mestiças, de modo que mais tarde, possam ASSIMILAR NACIONAL E RACIALMENTE todos os elementos adventícios. A política de imigração advém da falta de organização em que vivemos, da incapacidade dos políticos liberais. É como a política agrícola do abandono das “terras esgotadas”.¹⁰⁸

A crítica às políticas imigrantistas dos primeiros governos republicanos, aliada à idéia da raça brasileira constituída a partir da mistura das três raças, permite transformar a marginalização do negro e do mulato num problema da Pátria. Seriam eles, integrados completamente à vida nacional, o grupo nacional capaz de assimilar os estrangeiros e acabar com essa ameaça. A exclusão do negro seria como o abandono da própria terra brasileira, não por ser ele incapaz, mas por ser mal utilizado e mal compreendido em seu potencial. A organicidade permite compreender a relação entre três raças diferentes como constitutivas de uma única raça, fornecendo a argumentação necessária para a luta proposta. A marginalização do negro seria, portanto, um atentado contra o corpo nacional ao impedir que uma de suas partes, tão importante historicamente como pretendia mostrar a FNB, não tivesse as condições necessárias para funcionar, desequilibrando a harmonia do todo. Neste sentido, a organicidade é uma opção interessante na medida que permite interligar a solução do problema do negro com o projeto de uma sociedade na qual o respeito por essa luta correspondesse a uma harmonia entre as raças, a um bom funcionamento da nação.

“Quanto à defesa do Espírito, isto é das tradições nacionais, dos costumes nacionais, que não podem ser perdidos por causa de uma minoria de alucinados por doutrinas materialistas, positivistas ou outras, seguiremos o mesmo critério adotado na Frente Negra Brasileira. Respeito à Tradição, liberdade aos dissidentes. Não podemos quebrar os direitos do passado e do presente que o continua em nome de pretensões de minorias que desejem impor seu modo de ver. Garantida a liberdade aos dissidentes, cumpre também garantir o espírito nacional, as tradições nacionais, para que não sejamos mais tarde obrigados a destruir pela violência os erros importados pela pusilanidade. Seria caricatura de Brasil um Brasil divorcista, nudista e cheio de vícios estrangeiros “trazidos do Francês”, como diria Eça de Queiroz. Queremos continuar o Brasil dos casais fiéis, das famílias grandes (protegidas pelo

¹⁰⁸ *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933.

Estado Orgânico-Sindicalista), dos hospitais onde há religião, dos soldados que sabem rezar para melhor saberem ser heróis.”¹⁰⁹

Organizada e protegida a raça brasileira, o corpo do Brasil formado pela mistura das três raças, era necessário também proteger seu Espírito, entendido aqui como o conjunto das tradições nacionais. Por isso o objetivo seria evitar as doutrinas contrárias ao Espírito brasileiro, como aquelas patrocinadas pelos “dissidentes” ou “minorias” que pretendiam reeditar no Brasil uma “revolução bolchevista universal judeu-cosmopolita”. Idéias diferentes deveriam ser respeitadas, desde que não ameaçassem a integridade espiritual brasileira. A violência disciplinada é a solução determinada para tais perigos espirituais.

“Criou-se a FNB para unir, educar e defender os negros; para cooperar na renovação político-social da Nação, integrando nela completamente os netos de Zumbi. Já se viu movimento algum sem doutrina? Já se viu navegação sem bússola? Já se viu andar sem saber o caminho? Já se viu obra sem instrumento?

Dessas considerações nasceu o ORGANICO-SINDICALISMO, único regime que poderá considerar a Gente Negra patricia como uma realidade nacional que, portanto, terá de ser atendida. Qualquer forma de democracia, de igualitarismo, não nos serve.”¹¹⁰

O Orgânico-Sindicalismo de Santos servia, portanto, ao propósito de defender as bases sobre as quais se construía a pátria brasileira. A união construída pela visão orgânica das relações sociais seria a única capaz de dar fim às correntes separatistas e às ideologias “importadas” que ameaçavam o corpo (a raça) e a alma (o espírito) do Brasil. Desta maneira, o fim da imigração e da proteção ao imigrante, assim como a nacionalização da riqueza produzida no Brasil, não eram soluções apenas para o problema do trabalhador negro. Eram formas de proteger o país da perda da identidade racial e espiritual nacional, eram as propostas para enfrentar a crise das bases da nacionalidade brasileira. Ao se enfrentar a crise, resgatando a verdadeira tradição, preparar-se-ia um novo Brasil.

¹⁰⁹ *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933.

¹¹⁰ Arlindo V. dos Santos, “Em Marcha”, in *A Voz da Raça*, n.11, 03/06/1933, p.1

“Queremos o velho Brasil recuperado, poderoso pelo Espírito e pela Raça, dominando pelo seu esplendor toda a América e projetando-se no mundo como a nova maravilha do século. Queremos o Brasil (ilegível), despojado dos preconceitos mesquinhos, alinhando braço a braço o irmão Negro e o irmão Branco, sem que este explore aquele nem aquele desconfie deste. Queremos o Brasil poderoso na terra, no mar e no ar, (ilegível) milagre dessa geração que depois de ter sofrido tanto a mercê da exterioridade acanhada dos trogloditas liberais-democráticos que arrastaram até aqui a todos os noismos, se quer vingar nobremente da maldade da geração passada criando a uma nação mais Brasileira e mais (ilegível) que poderá existir na terra. A civilização que esplenderá em um Estado Orgânico-Sindicalista.”¹¹¹

A crise servia, assim, para justificar a ação violenta no cenário nacional. Servia, também, para justificar a opção ideológica fretenegrina orientadora da ação: a organicidade. A visão da pátria como um corpo no qual as partes, os diferentes grupos, são os órgãos é repetida de maneira variada na FNB, construída numa articulação singular. Através da organicidade, reforçava-se o problema do preconceito em relação ao negro como nacional. Entendido como uma parte da nação, o desrespeito ao negro desarmonizava o funcionamento da pátria. A única saída era a união, a formação de um bloco, de uma frente capaz de agir (violentamente) contra os problemas que assolavam a gente negra nacional e sua pátria.

A violência, portanto, não tem nada de irracionalidade ou de ódio. É apenas uma necessidade racional. A crise ameaça os baluartes sobre os quais a pátria se constrói. A saída é a união capaz de gerar a força necessária para enfrentá-la. A militarização dessa identidade responde a essa necessidade de violência frente à crise. Para a FNB, o negro sempre defendeu a pátria nas horas mais difíceis. São eles os únicos capazes de manter o espírito racista dos bandeirantes. Racista não no sentido do preconceito racial como hoje é comumente usado. Racista como defensor de sua raça e bandeirante como o desbravador, como o construtor da pátria. Os conceitos de raça e nação fretenegrino constroem um diálogo fortalecedor de um novo santuário, de como canta o hino, uma “Pátria nova”, onde brancos (nacionais, descendentes de portugueses), índios, negros e a mais variada mistura das três partes, como bandeirantes, como “bravos” são colocados “a prova” numa luta por sua pátria.

¹¹¹ *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933.

“A F.N.B. ergueu-se em S. Paulo, herdeira legítima do espírito unitarista e racista das Bandeiras antigas que, embora os falsos historiadores (os historiadores!) de dolococéfalos BRANCOS, se compunham quase que exclusivamente de mestiços de toda espécie: mamelucos, mulatos, cafusos, CABRAS, brancoides, bugroides e negróides de vária espécie.
(...)

Defender, pois, o NEGRO, defender o MESTIÇO é defender a tradição do Brasil eterno, imortal. Mostram-se, em grande parte, suspeitos de alta traição os que não têm o sangue negro-luso-indio, tronco soberbo da Raça.”¹¹²

A formação de uma milícia, de um grupo de “bravos” preparados para a defesa de Deus, da pátria, da raça e da família, é o resultado dessa concepção militarizada da ação que elege a violência como arma da luta e a crise como ameaçadora da pureza do santuário identitário. Preparados e treinados num só corpo, os “bravos” seriam capazes de saber a hora certa de agir, disciplinados para perceber a quem apoiar tendo no horizonte a salvação da Pátria. É dessa maneira que a FNB justifica seu não envolvimento nas lutas entre o governo central e os paulistas em 1932, diferente dos negros organizados na Legião Negra que lutaram ao lado dos dissidentes paulistas.¹¹³

“o que, sem preâmbulos, queremos frizar bem, é que, a milícia, composta de 200 homens, que o Integralismo criou e vai exibir, conforme anúncio, em praça pública, tem uma razão poderosa de ser. Para exemplo, basta recordar a eficiência cívica de organizações tais, no casarão da F.N.B., no período da última rebelião. Os negros, patrioticamente disciplinados, moral, cívica e militarmente, deixaram-se conduzir, inabaláveis e fortes, pelo mesmo ritmo de comando: “*Não aderimos*”. Isso foi uma ordem. Uníssona. Irrevogável. Houvesse o que houvesse. E assim, pois, garantiram sob as ameaças impertinentes do m.m.d.c., a neutralidade mais notável que se poderia supor numa gente essencialmente revoltada. É verdade que, neutralidade, não houve, posto que acintosamente, isto é, num apoio franco e

¹¹² Arlindo Veiga dos Santos, “Marchando”, *A Voz da Raça*, n.36, 28/04/1934.

¹¹³ Jeziel de Paula *1932: imagens construindo a história* (Campinas: Editora da Unicamp, 1998) pp.164-170. No livro, a FNB teria apoiado o movimento de J. Guaraná de Santana. Esta informação não condiz com as afirmações do jornal. Em *A Voz da Raça*, a FNB não apoiou os rebeldes. José Correia Leite nega o apoio da FNB ao movimento de Santana em seus depoimentos organizados por Cuti, no livro *...E disse o velho militante José Correia Leite* (São Paulo: Secretária Municipal de Cultura, 1992), p.103. Talvez, Paula tenha desconsiderado os conflitos internos do movimento no momento, já que falar pela FNB poderia ser um sinal de apoio da comunidade negra como um todo.

temerário ao governo do sr. Getulio Vargas, sem que os rebeldes executassem uma sequer de suas tenebrosas ameaças.”¹¹⁴

Dessa maneira, a violência como forma de ação disciplinada na milícia é justificada como dentro da ordem, dentro da legalidade. Seus esforços não são ameaças à paz, pelo contrário, são a última defesa contra os avanços dos inimigos externos e internos da ordem. Não há menção direta ao nascimento da milícia no jornal. Há indícios de que sua base seja a formação da estrutura de recebimento das mensalidades. Estrutura extremamente hierarquizada, os cobradores eram chamados de cabos. As chamadas convidando os fretenegrinos a entrar na milícia, sob o controle de Pedro Paulo Barbosa, começaram no quarto número, em abril de 1933.

“Ora, todo aquele que achar desnecessário a existência de corporações que somente existem para o reforço incondicional da legalidade, da paz comum, é, categoricamente, suspeito, a não ser que o seu meio de vida e o seu passado nada venham reforçar esta afirmativa.

A criação de milícias em S. Paulo ou no Brasil, não pode, absolutamente, ser criticada e mui principalmente, a milícia da Frente Negra Brasileira, que já tendo dado mostras do seu acendrado amor à ORDEM não está com Sancho nem Martins – está somente e simplesmente com a Pátria.”¹¹⁵

A construção da milícia faz parte desse projeto militar de preparação do negro para ajudar no progresso de sua raça e seu país. Ela é aquela que construíra os valores negros necessários para a construção de uma “Pátria nova” extirpada da “bastilha feroz” do preconceito. A educação fretenegrina só pode ser entendida dentro desse projeto militar.

A educação como salvação.

As críticas ao determinismo racial, feitas no Brasil na virada do século XIX para o século XX, abriram espaço para a educação como uma maneira de transpor as barreiras criadas pelo preconceito e pela exploração racial. Essas proposições não eram novidade

¹¹⁴ Olavo Xavier, “Milicianos de Fé”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4

¹¹⁵ Olavo Xavier, “Milicianos de Fé”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4

como solução para o problema da exclusão do negro. Booker T. Washington, um ex-escravo estadunidense, conseguiu muito apoio de elites negras e brancas ao propor a educação profissionalizante como solução para a integração do negro na sociedade. Pode-se imaginar que as idéias de Washington eram conhecidas pelos homens de letras negros brasileiros no período, apesar de sua tradução, pelas mãos de Graciliano Ramos, ter sido publicada apenas em 1940. Além da educação, a concepção sobre a relação entre as raças é muito parecida. Washington defendia as raças branca e negra como dedos de uma mesma mão, separadas, mas capazes de agir em conjunto pelo bem maior, muito parecido com o ideal orgânico fretenegrino.¹¹⁶ Além da mestiçagem que não aparece em Washington, a diferença entre essas duas propostas é que a violência não faz parte do discurso de Washington já que a integração viria com a percepção dos brancos do valor desses novos negros educados. Já para a FNB a integração seria conquistada através da ação, da violência disciplinada e dentro da ordem e da legalidade. Ou seja, a educação faz parte do processo disciplinar de caráter militar para a ação violenta.

O diálogo da FNB com o discurso higienista pode ser compreendido a partir de dois aspectos: primeiro o diagnóstico assustador e catastrófico que antecedeu a onda sanitária sobre o negro e seu papel no futuro do país e, segundo, a possibilidade de ação presente de melhoria da raça no discurso higienista.¹¹⁷ Habib argumenta ter sido essa a esperança de Lobato. E a FNB tinha exemplos claros do “sangue negro” alimentando a grande árvore brasileira com louvor. Nesse cenário, os ideais eugênicos foram rearticulados para construir um projeto de educação fretenegrino capaz de elevar tanto física quanto culturalmente o negro. Sua marginalização não era fruto de sua posição na humanidade como raça inferior, mas sim de um problema histórico de desinteresse e ignorância do governo quanto às potencialidades do negro e das doenças sociais como o álcool e o analfabetismo a atrasar essa raça grandiosa.

¹¹⁶ Rodrigo Miranda. "Semeadores de esperança em um campo devastado: estudo comparativo das propostas integracionistas de três líderes negros nos Estados Unidos", monografia sob orientação de Célia M. M de Azevedo, (História, IFCH-Unicamp: 2002) p.48. As propostas de B.T. Washington estão em sua autobiografia, *Up from Slavery*, publicado em 1901.

¹¹⁷ Habib, “Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação”, 2003, p.33, mostra como essa mudança de discursos pode ser percebida através do personagem Jeca Tatu e como Monteiro Lobato o narra no decorrer de sua obra. De “piolho da terra” para um enfermo, as mudanças do Jeca Tatu podem ser compreendidas à luz da esperança suscitada pelos ideais sanitaristas como salvadores da nação.

A questão, desta maneira, deslocava-se do eixo raça para o eixo civilização. A educação escolar e religiosa cumpriria o papel de transformar o negro num membro ativo da civilização e do país. Sua evolução fora impedida não por limitações da raça, mas pela opressão.¹¹⁸ A inteligência deixa de ser, portanto, um atributo biológico da raça para tornar-se uma possibilidade mediante o cultivo cuidadoso pela educação. Este discurso possibilita a transformação do que era considerada uma inferioridade natural para uma questão histórica e social.¹¹⁹ Porém, isto não significa o abandono do ideal de raça, mas o submete a uma igualdade primordial das raças. O mote Deus, Pátria, Raça e Família representa muito bem essa hierarquia à qual a raça deve obedecer. A civilização, representada pela fé e pelo pertencimento a uma nação, não é mais determinada pela raça. O inverso é o que ocorre. Através da civilização, da crença em Deus e do pertencimento a uma Pátria, a raça pode ser moldada, disciplinada e educada.

O negro precisa de ambiente, mas de um ambiente puro e sadio, de escolas doutrinárias, de viver respirando o ar puro e ameno dos jardins, de uma atmosfera leve, e não a ar pezado e viciado dos porões.

(...)

Eugenia! Eugenia para a grandeza da raça. Eugenia!

(...)

Precisamos pois, como disse um grande publicista: Formar a família pelo casamento, a propriedade pelo pecúlio, a moral pela religião, a inteligência pela instrução.¹²⁰

A FNB, assim, torna-se o veículo de transformação social a intervir em todos os aspectos da vida do negro. Seus membros são apóstolos guiados pelo exemplo do sangue

¹¹⁸ Cantídio Alves, "Sangue de Negro", in *A Voz da Raça*, n.41, 11/08/1934, p.4. "O Negro de outrora apesar que vivesse oprimido deu sobejas provas da sua capacidade sendo os principais fatores do progresso da lavoura neste imenso continente." Rajovia, "Males Funestos", in *A Voz da Raça*, n.55, julho de 1936, p.1 "Reagir contra mentalidade tacaña que nos prende; reagir contra a pequenez de gestos;"

¹¹⁹ A FNB não foi a primeira a fazer tal ligação. Apesar das diferenças, na década de 1920, o periódico *O Getulino* também apresentava a educação como a solução para superar os problemas do negro. Rodrigo Miranda, "Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)", dissertação de mestrado em História, IFCH, UNICAMP, 2005. pp.77-94.

¹²⁰ Pedro Paulo Barbosa, "Delírio da Covardia", in *A Voz da Raça*, n.6, 22/04/1933, p.3.

negro que ergueu esse país a pregar a salvação entre os desacreditados.¹²¹ Bailes e eventos sociais eram perpassados por uma enorme quantidade de preocupações pedagógicas, como palestras, discursos, poesias, exemplos de conduta moral, peças de teatro, hinos, enfim, todo e qualquer veículo que pudesse servir para o “aperfeiçoamento” do negro.¹²² O jornal era um desses veículos, suas páginas estão cheias de chamadas que ligam a elevação do negro à sua leitura e à afiliação na FNB.

“NEGRO não te envergonhes de ser negro! ALISTA-TE nas fileiras frentenegrinas si é que queres elevar o nível moral e intelectual do negro.”

“Fora da Frente Negra o negro não tem salvação!”

“Tomar uma assinatura d'a VOZ DA RAÇA, hoje mesmo, é elevar o nível MORAL e INTELECTUAL do negro, é "brasileirar" este imenso e estremecido BRASIL.”

A conduta dos negros nos espaços públicos foi alvo de vários artigos preocupados em separar a Gente Negra Brasileira salva pela FNB e pelos seus valores daqueles a serem salvos: negros degenerados pelo uso excessivo do álcool, pela falta dos princípios cristãos, pelo analfabetismo, pela falta de trabalho ou pela procura desenfreada dos prazeres da carne. A eugenia dos discursos sanitaristas da época serviram, na FNB, como ferramenta para um horizonte possível de civilização. A disciplina cobrada advinha dessa preocupação educadora, higienizadora e, portanto, redentora dos “patrícios” negros.¹²³ A FNB pretendia

¹²¹ Horácio da Cunha, “Alvorada da "Frente Negra"”, in *A Voz da Raça*, n.55, julho de 1936, p.2, sobre os educadores como apóstolos: “Eu considero todos os meus irmãos intelectuais como Apóstolos da sua raça porque Deus lhes deu inteligência para essa magnífica iniciativa de cultura, trabalho e educação dos negros pequenos e humildes!!”. “A vitória do negro está no livro”, João B. Mariano, *A Voz da Raça*, n.13, 17/06/1933, p.4 sobre o exemplo dos antepassados: “Não há quem não saiba de (ilegível) que da família negra, desde os tempos primordiais até os nossos dias têm saído homens de valor incontestável, tanto no campo espinhoso das letras, como na arena gloriosa da política.”

¹²² Há uma descrição mais detalhada desses eventos no trabalho de Marcelino Felix, “As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (1931-1937)”, dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 2001.

¹²³ Habib, “Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação”, 2003, p.45, mostra como os discursos eugênicos sobre o comportamento individual estão preocupados com a degeneração da raça e desestruturação da família. Sobre a eugenia ver o livro de Nancy Leys Stepan, *The Hour of Eugenics. Race, Gender and Nation in Latin América*, (Londres: Cornell University Press, 1996), e o livro de Vera Regina Beltrão Marques, *A Medicalização da Raça. Médicos, Educadores e Discurso Eugênico*, (São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994)

salvar o negro ao elevá-lo à verdadeira civilização, criando uma união harmônica e orgânica da Gente Negra Nacional.

Nesse corpo a ser disciplinado, o papel central cabia a seus líderes. Só eles seriam capazes de cumprir a tarefa de cruzar o mar vermelho da ignorância para atingir a terra prometida da integração merecida à sociedade brasileira. Só eles seriam capazes de se por acima dos interesses pessoais, do tão criticado “personalismo” (acusação comum nas brigas com o *Clarim da Alvorada*)¹²⁴, enfim, de manter a união necessária à redenção. Era essa a lacuna a ser preenchida pela FNB. A construção de uma liderança incontestável em sua qualidade, uma vez que seriam educadores capazes de guiar as massas pelo caminho correto.

“Largado à sua própria sorte, menosprezado: roubado nas suas propriedades centenárias pelos bancos nativos e advenas; desfalcado de valores afirmativamente negros pelo branqueamento das epidermes dos antigos valores negros abastados, fugidos à grei da gente negra pela mestiçagem e pelo preconceito (pois geralmente o maior inimigo do negro é o branco neto de pretos!!!) o povo negro ficou sem chefes naturais, tendo por cima um governo anti-racista, preocupado com a dita ARIANIZAÇÃO GERAL da Nação Brasileira do passado.”¹²⁵

Um corpo disciplinado e pronto para ação precisa de um líder. Um “chefe natural” que respeite os verdadeiros baluartes da pátria, um líder racista, preocupado em preservar e fazer evoluir sua raça e, conseqüentemente, sua pátria. A mestiçagem criticada no texto de Santos é aquela usada para fugir de sua herança negra, de seus valores históricos de respeito à Deus, à Pátria, à Raça e à Família. Somente a educação aliada à ação (violenta) seria capaz de transformar o presente da gente negra num futuro grandioso. Porém, isso só seria possível com a formação de novos “chefes naturais”, líderes natos dispostos a se colocarem num segundo plano frente à necessidade de sua gente. A FNB se colocava como tal, como a autoridade capaz de manter a disciplina e de agir.

¹²⁴ Esses conflitos serão analisados no segundo capítulo.

¹²⁵ Arlindo Veiga dos Santos, *A Voz da Raça*, n.52, abril de 1936 p.1

“Mas que quer dizer fretenegrino? – É uma palavra que se diz para designar o homem que tem a pele mais escura de que a de outro homem porque nós que somos pintores temos estudado bem as cores até o máximo de 36 nuances, não vemos ninguém rigorosamente branco ou preto a não ser à custa de pó de arroz, gesso, alvaiade ou carvão qualquer mas, como a questão que se faz é de cor, que se quer aplicar hoje até na ciência, na arte, na indústria, etc. nós fazemos questão de que todo fretenegrino seja o *negro* capaz de se por a frente de sua corte qual novo Moisés em conquista da terra da promessa que será (graças a Deus) o Brasil robusto e moço e por isso só não vemos razão para que nos atirem tantas pedras ao desfilar nacionalista como se isso fosse um crime de lesa pátria, pois até já há quem sonhe com a volta da escravidão, mas não é preciso sonhar com ela, pois ainda existe, e outra coisa não fazemos senão combatê-la em campo raso na esperança da vitória ser nossa em toda linha porque, combatida com flores como deve ser o bom combate os troféus são frutos.”¹²⁶

Na FNB, o objetivo da união era atingir a completa integração do negro na sociedade brasileira, comunhão sempre dentro da ordem legal e moral. Por isso a defesa da nacionalidade, assim como a atitude de não esperar pela ação do Estado conjugada à tomada de decisão e de transformação do destino do negro através da educação. A união pensada a partir da organicidade servia, assim, a um duplo propósito: permitia pensar o negro como parte desrespeitada da sociedade, transformando sua marginalização num atraso, numa disfunção, numa perda de força de todo corpo nacional. Ao mesmo tempo, mantinha incontestemente a liderança negra através do discurso da necessidade de harmonia e disciplina para a manutenção da união necessária à integração almejada. A desilusão com o governo republicano e as comparações com as sociedades de imigrantes europeus construiu a percepção de que a única saída para o negro era o negro. A organicidade permitia, assim, pensar as reivindicações de um grupo específico, como uma luta nacional. O negro ao cuidar de si, ao lutar por seus direitos, lutava por sua raça e por seu país. Uma batalha para sanar uma chaga nacional.

A união era tão importante nos discursos correntes na comunidade negra que mesmo o histórico de lutas com os grupos dissonantes não impediu que houvesse mais tentativas de construí-la. A FNB, o Clube Negro de Cultura Social e a Frente Negra

¹²⁶ Castelo Alves, “Flores do Campo”, in *A Voz da Raça* n.8, 06/05/1933, p.2

Socialista a tentaram num encontro no dia primeiro de janeiro de 1934. O mesmo ocorreu em 1936 com a tentativa de organizar uma Federação de Associações Negras de São Paulo.¹²⁷ Sem nenhum resultado prático, essas tentativas mostram quanto a união era um objetivo comum, todavia compreendido das mais diversas maneiras possíveis. A percepção de que a raça poderia ser usada numa mão dupla e servir de arma contra a opressão foi fundamental na organização desses movimentos sociais. Porém, se a raciologia e a marginalização histórica ofereciam um ponto forte de apoio, elas não minimizavam a diversidade de experiências e de histórias dessa comunidade.

¹²⁷ Sobre o primeiro encontro há menção nos ns. 28, 29, 30, 31, 34 e 36 do jornal *A Voz da Raça*, sobre o segundo, ns. 54 e 55. Os artigos são mais exclamações de esperança. Há pouca ou quase nenhuma informação sobre os objetivos ou do desenrolar dos encontros.

Capítulo II

A construção de uma hegemonia

A leitura dos jornais da “imprensa negra” do começo da década de 1930, permite demarcar dois momentos muito distintos quanto às discussões acerca da Frente Negra Brasileira. Os números publicados nos meses de novembro e dezembro de 1931 são marcados por uma enorme euforia. Finalmente, a união da “raça negra” tão sonhada e desejada pelos ativistas que escreviam esses jornais havia se tornado realidade. Porém, o processo da construção dessa união não foi tão harmônico quanto desejavam seus líderes. Em janeiro de 1932, surge na praça um jornal de nome *Chibata* com o objetivo de criticar um episódio aviltante à imagem de decoro difundida pela FNB.

Na cidade de São Paulo havia um grande número de negros migrantes do interior do estado e de Minas Gerais. Nos jornais, como o *Brasil Novo*, *O Clarim d’A Alvorada*, *O Estímulo*, *Tribuna Negra*, *Novo Horizonte*, *A Alvorada* e *A Raça*, parte considerável do espaço era destinada a colunas sobre as associações de cidades dessas regiões, como Sorocaba, Tietê, Campinas, Jundiaí, Ribeirão Preto, Birigüi, Guaxupé, entre outras. Além disso, era comum que os clubes e organizações como a FNB enviassem delegações a essas localidades. O episódio mencionado aconteceu numa das visitas de uma das delegações da FNB a São Sebastião do Paraíso no interior de São Paulo. Comandada por Isaltino Veiga dos Santos, então secretário geral, a delegação foi recebida da maneira mais pomposa possível, participou de bailes, de jantares, de discussões sobre a situação do negro e ficou hospedada na casa de uma das famílias da comunidade. Aparentemente, Isaltino e uma das filhas de distinta família se enamoraram e trocaram cartas. Não sabia a desavisada moça que Isaltino já tinha uma noiva.¹²⁸

Montado o escândalo moral, o caso serviu para aumentar as tensões na FNB. O grupo ligado ao *Clarim da Alvorada*, em especial ao nome de José Correia Leite, já havia saído no processo de construção da Frente Negra Brasileira devido ao que Leite chama de

¹²⁸ Além do jornal *Chibata* e das publicações do *Clarim da Alvorada* do começo de 1932, pode-se encontrar o depoimento de Leite no livro *Frente Negra Brasileira: depoimentos*, organizado por Márcio Barbosa (São Paulo: Quilombohoje, 1998), pp.67-69.

seu caráter autoritário e ultra-nacionalista.¹²⁹ Nascido na cidade de São Paulo em 1900, José Correia Leite talvez seja a maior referência para o período, não só por sua ativa participação em associações e jornais negros a partir da década de 1920, mas também por ser uma das principais fontes orais dos trabalhos de Roger Bastide e Florestan Fernandes. Leite talvez possa ser considerado um modelo geral de como os negros paulistas conseguiam educação no período: mediante o apadrinhamento, seja pelo trabalho doméstico em casa de brancos (o caso de Leite), seja pela formação religiosa como Arlindo V. dos Santos.¹³⁰ Através do *Chibata*, Leite e seu grupo endurecem os ataques já realizados no *Clarim da Alvorada* à direção da FNB. O foco era a história de Isaltino, contudo o alvo principal era seu irmão Arlindo e seus colegas no Grande Conselho. A seqüência de acusações e ataques levou a um recrudescimento das posições e, no final de março de 1932, a um ataque físico, um empastelamento à gráfica do grupo de Leite, localizada em sua própria casa.¹³¹

Em primeiro de julho de 1932, Leite e seu grupo deixaram de lado a tentativa de formar uma “Liga dos Amigos da Lucta” e criam o Clube Negro de Cultura Social.¹³² Porém, a Revolução de 1932 estourou em São Paulo, retardando a atividade do novo clube. A atenção ao novo Clube, o receio de novos ataques e a Revolução de 1932, fizeram com que o *Clarim da Alvorada* ficasse um ano sem ser publicado, de 13 de maio de 1932 a 13 de maio de 1933.

Como dito acima, o alvo não era somente Isaltino, mas o grupo que durante o processo de construção dos estatutos tentava consolidar uma hegemonia dentro da FNB. Se

¹²⁹ Pode-se encontrar opiniões de Leite posteriores em dois livros diferentes: José Correia Leite e Cuti. ...*E disse o velho militante José Correia Leite*. (São Paulo: Secretária Municipal de Cultura, 1992) e Barbosa *Frente Negra Brasileira: depoimentos*, (1998). Da época, pode-se ler os jornais mencionados no texto, ou uma carta de -Leite enviada, em 23/12/1931, para o Grande Conselho da FNB. Esta carta pode ser consultada no arquivo do DEOPS – Prontuário: 1538. Para lá foi enviada por Arlindo V.dos Santos com o intento de prejudicar Leite acusando-o de comunista e anti-nacionalista. Leite comenta o episódio em seus depoimentos - Leite (1992).

¹³⁰ No livro de José Correia Leite e Cuti. ...*E disse o velho militante José Correia Leite* (1992) pode-se encontrar os caminhos trilhados por Leite para conseguir aprender a ler. No livro de Malatian, *Império e Missão* (2001) pode-se conhecer a trajetória educacional de Santos ligada a movimentos religiosos. Miranda, *Um caminho de suor e letras*, percebe os mesmos caminhos para os escritores do jornal *O Getulino* (1923-1926), pp.67-75.

¹³¹ Esse conflito está nos jornais *Clarim da Alvorada*, números 37 a 41 e *Chibata* fevereiro e março de 1932. Também há o depoimento de Leite tanto em seu livro (1992) quanto no de Barbosa (1998).

¹³² Sobre a “Liga dos Amigos da Lucta” ver *Clarim da Alvorada*, n.39, 31/01/1932 pp.1 e 4. “A Liga dos Amigos da Lucta tem por finalidade, corroborar com todas as organizações negras, que tenham fins científicos, literários e altruísticos.”

a questão fosse apenas a sua retirada, os problemas teriam terminado em agosto de 1933, quando Isaltino saiu de seu cargo.¹³³ Analisar as articulações feitas por esse grupo, que visava a hegemonia, na construção de suas fortificações significa pensar como a pluralidade de posições, a multiplicidade possível na formação da Frente Negra Brasileira foi subtraída na consolidação de uma unidade por seus dirigentes. Pensar os materiais utilizados nessa edificação passa por compreender como se articularam as diferentes combinações de influências diversas.¹³⁴

O surgimento do jornal *A Voz da Raça* marca a consolidação dessa hegemonia liderada pelos irmãos Santos. O jornal *A Voz da Raça* foi publicado a primeira vez no dia 18 de março de 1933, quase dois meses antes da volta do *Clarim da Alvorada*. A luta entre os dois grupos se faz também por suas páginas. Sua publicação não advém só da dificuldade enfrentada nas discussões com os jornais publicados por Leite, já que o grupo dos irmãos Santos não possuía um veículo de alcance tão amplo, mas pela vontade de expansão da organização. É desse grupo a maior participação do jornal. Arlindo V. dos Santos, presidente da entidade, é o seu maior colaborador.

Apesar da presença marcante dos irmãos Santos, acredito que deva-se evitar a personalização dessa disputa. As disputas entre o grupo hegemônico e os dissidentes não são apenas querelas entre militantes, há diferenças políticas centrais entre os dois lados. Essa disputa acontece emaranhada ao debate central da época: o que será do Brasil? Os diferentes posicionamentos tomados pelos negros não podem ser entendidos como secundários frente a um reconhecimento primordial étnico.¹³⁵ São homens e mulheres negros, mas com formações e experiências distintas, que não podem ser reduzidas perante

¹³³ *A Voz da Raça*, n.18, p.1. Houve um festival em sua homenagem, relatado no n.19, p.2 e no n.20, p.2. Em 1949, Isaltino mandou uma carta para Leite que levada ao pé da letra mostra uma saída motivada por divergências; no jornal não há menção a tal. A descrição de Leite sobre Isaltino o mostra como um aventureiro que não pode cumprir as expectativas (Leite: 1992, pp.114-115).

¹³⁴ O conceito de hegemonia utilizado nessa análise é inspirado na leitura de Antonio Gramsci, *Cadernos do Cárcere*, tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001). Inspiro-me também na discussão de Stuart Hall sobre Gramsci em seu livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003), e nos debates realizados sobre o assunto durante o primeiro semestre de 2004, na disciplina *Estudos Pós-Coloniais e Antigüidade Clássica* ministrada na graduação em História, IFCH, UNICAMP, pelo doutorando Lucio Menezes Ferreira como PED (Programa de Estágio Docente)

¹³⁵ Regina Pahim Pinto, “O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade”, tese de doutorado – FFLCH – USP, 1993. p.50. Podemos aproximar esse posicionamento do encontrado no trabalho de Kim Butler, *Freedoms Given, Freedoms Won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. (Rutgers University Press, 1998)

uma suposta unidade racial primordial e anterior às suas vidas. A formação religiosa de Arlindo Veiga dos Santos e sua participação como líder do movimento Patrianovista não é secundária. A grande influência das irmandades católicas negras na FNB, percebida pela enorme quantidade de referências e transcrições de jornais católicos em *A Voz da Raça*, também não é secundária.¹³⁶ Se o discurso da união dos negros a partir de uma identificação racial é comum aos grupos envolvidos nessa contenda, como pensá-la e entendê-la diverge tanto quanto os diferentes diagnósticos e prognósticos desenhados para o Brasil do período.

Há de se notar que as críticas de autoritarismo não eram rebatidas, mas reafirmadas como única saída para a manutenção da união e o fim da exclusão dos negros. O autoritarismo era um posicionamento quanto à melhor maneira de lutar contra a exclusão do negro, não era inexperiência política.¹³⁷ A preocupação das respostas vai em dois sentidos: a importância da liderança no processo da verdadeira emancipação do negro e, ao mesmo tempo, uma demonstração de que a “Gente Negra Nacional”, os verdadeiros frentenegrinos, concordava e apoiava seu Presidente e o Grande Conselho. Aos contrariados sobrava a pecha de traidores, verdadeiros Judas da raça negra. Esses primeiros números traziam, de maneira destacada na primeira página, artigos sobre o perigo da traição e dos Judas destruidores da harmonia e da união e, como reforço, uma lista de assinaturas apoiando o comando e as decisões dos irmãos Santos. Entender os usos dos imaginários quanto à traição de Jesus por Judas significa retraçar a construção e a destruição de posições variadas nessas disputas pela hegemonia da FNB e, de certa maneira, pela liderança dos brasileiros negros.

Os Judas da raça.

“A sua facção, cidadão Rubachov, está derrotada e destruída. Queriam cindir o Partido, embora devessem saber que uma cisão no Partido significava a guerra civil. Você conhece o

¹³⁶ Como discutido no primeiro capítulo, Kim Butler destaca essa influência. São vários os artigos cujos títulos derivam de citações bíblicas. Além disso, a comparação da história da FNB com as históricas bíblicas é comum e será explorada nesse capítulo. Também, alguns textos eram transcritos de revistas religiosas.

¹³⁷ Como discutido no primeiro capítulo, Pinto retoma a tese de Florestan Fernandes para mostrar a inabilidade dos negros do período para articular seu descontentamento em uma unidade política forte e estável.

descontentamento entre os camponeses, que ainda não chegaram a compreender o sentido dos sacrifícios que lhes são impostos. Numa guerra que talvez esteja a apenas alguns meses de nós, essas correntes podem acarretar uma catástrofe. Daí a imperiosa necessidade de o Partido manter-se unido. Ele deve ser como que fundido num só molde: cheio de disciplina cega e confiança absoluta. Você e seus amigos, cidadão Rubachov, abriram uma fenda no Partido.”¹³⁸

“Havemos necessidade de coisas sérias, de obras orgânicas, como já é a FRENTE NEGRA BRASILEIRA, a qual tende a aperfeiçoar cada vez mais (com o auxílio geral), para que, sendo em maior número os trabalhadores, mais cresça mais progrida, mais se avolume a obra.

Deixar falarem os papagaios negros, que muito falam, não sabem o que falam, e nada produzem de positivo. Porque a confusão não é ação, não é produção: é caos, é destruição, é serviço de inimigo que não podendo lutar franca e abertamente, aluga o ‘serviço’ (é a expressão) dum cabra qualquer, tal como fazem lá no sertão os malandros importantes mas covardes.”¹³⁹

A conversa entre Rubachov e o jovem oficial Gletkin, no livro *O Zero e o Infinito*, é uma ótima referência para trabalhar a questão da união e da traição, sem cair num maniqueísmo simplista. A traição não é apenas uma ferramenta política maquiavélica para Gletkin. A união, pensada como responsável pela força, deve ser mantida a todo custo. Os traidores são aqueles incapazes de perceber a necessidade da união e a genialidade de seus líderes. Quebram a união, a harmonia e a hierarquia, lançando o grupo numa cisão apocalíptica. Por isso, devem ser identificados e expurgados de qualquer maneira, mesmo que os contestadores da linha adotada o façam acreditando lutar pelo bem do grupo, nas melhores das intenções. Nessa perspectiva, as falas obstinadas e apocalípticas contra os traidores ganham em complexidade e abrem um horizonte mais interessante para compreender o fenômeno em *A Voz da Raça*.

Do mesmo modo pode-se entender o debate em torno dos julgamentos públicos por traição, sejam eles organizados num sistema judiciário, sejam eles organizados nas

¹³⁸ Arthur Koestler, *O Zero e o Infinito*. Tradução de Juvenal Jacinto (Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964), p.170

¹³⁹ Arlindo V. dos Santos, “Papagaios Negros”, in *A Voz da Raça*, n.13, 17/06/1933, p.1

páginas de um jornal. Servem não tanto para expurgar o indivíduo específico, mas sim, seu posicionamento, ao transformar um debate sobre posições diversas numa luta do bem contra o mal, dos verdadeiros líderes contra os falsos líderes, traidores e serviçais de outros interesses. É um processo educacional, ao identificar e personalizar aquilo que não devemos ser e permitir construir aquilo que somos. A questão aqui não é verificar a verdade ou não da acusação, mas compreender o significado deste processo na construção de uma identidade para a FNB.

No capítulo anterior, analisei o trabalho educacional na formação do militante fretenegrino. O novo negro, educado pela e para a FNB, deveria ser capaz de distinguir os verdadeiros líderes dos falsos profetas. A traição entra nesse processo educacional ao funcionar como o problema, a impureza, a doença a ser curada para o perfeito e harmônico funcionamento da união.

O livro de Jorge Semprúm, *Autobiografía de Federico Sánchez*¹⁴⁰, com críticas à subordinação do Partido Comunista Espanhol, PCE, às ordens de Moscou na década de 1940 e, em especial, a Santiago Carrillo, um dos dirigentes do PCE na época, mostra o quanto o processo do uso político da traição pode ser usado como uma maneira de se livrar da oposição, e ao mesmo tempo fortalecer a identidade unitária do grupo. Deixando-se de lado as querelas internas da história do Partido Comunista Espanhol, o PCE, as lutas entre as diversas correntes de esquerda mostram o quanto a construção de uma hegemonia centralizadora tem a ganhar com o uso político da traição.

Assim como a FNB, considerada a sua sucessora, o Centro Cívico Palmares surgiu nos pontos de encontros dos negros paulistanos, como a Praça da Sé ou o Largo do Piques em 1926. De acordo com Leite, havia a idéia generalizada entre os negros com algum grau de instrução que o momento era o de união e de ação. A associação foi o ponto alto das diversas articulações entre diferentes grupos negros em ação durante a década de 1920.¹⁴¹ Provavelmente a crise de 1929 e desentendimentos iniciais liquidaram com a organização. A história do C. C. Palmares é um exemplo desse uso político da traição. Porém, entendê-la de um ângulo maniqueísta é perder a força constitutiva desse discurso. Na introdução, procurei demonstrar como os estudos e pesquisas acadêmicas incorporaram

¹⁴⁰ Jorge Semprúm, *Autobiografía de Federico Sánchez*, tradução de Olga Savary, (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979).

¹⁴¹ Leite, ...*E disse o velho militante José Correia Leite*, pp.73-76.

o discurso da fragmentação como problema para a união, colocando nesta questão, a dificuldade de união, o fracasso da FNB.¹⁴² A organicidade discutida neste capítulo, portanto, fornecia uma solução final para um problema histórico, harmonizando as diferenças que até ali tinham atrapalhado a luta do negro e o próprio nascimento da FNB.

No número de novembro de 1931, *O Clarim da Alvorada* ainda apoiava a iniciativa de união simbolizada pela FNB. Entretanto, paralelamente, construía e incentivava um novo grupo chamado “Liga dos Amigos da Lucta”. Começava a se articular em torno de Correia Leite a insatisfação com a centralização de poder na mão dos irmãos Santos. Não há, ainda, ataques diretos, mas, além da tentativa de construir um novo grupo, há um artigo contando a história do Centro Cívico Palmares. Regina Pahim Pinto discute a importância simbólica dessa associação e seu fechamento. As esperanças criadas em torno do C.C. Palmares, como um espaço de transformação do negro através da educação e instrução, foram centrais para se pensar os moldes de organização da FNB. O seu fechamento marcou todo o grupo dos envolvidos em sua liderança, muitos deles futuros dirigentes da FNB. A associação, portanto, era uma figura central na história dos movimentos negros paulistanos.¹⁴³

Nesse mesmo número do *Clarim da Alvorada*, no qual se tentava construir um espaço a partir do qual poderia se unir e articular os descontentes com o caminho da FNB num grupo mais forte, aparece um artigo intitulado “Os Judas da Raça”.

“A mocidade deve ser a sentinela avançada, atenta, alerta, ao menor movimento dos adversários, para que não tenhamos, mais uma vez, de assistirmos ao tristíssimo desmoronamento igual ao do CENTRO CÍVICO PALMARES – sociedade que durante três anos mais ou menos, a custa de sacrifícios galgou uma posição invejável no meio da raça e prestou alguns serviços à sociedade em São Paulo – que teve a infelicidade de recolher em seu seio um indivíduo desclassificado que se tornou um sócio ativo e batalhador que iludindo a boa fé de alguns moços inexperientes, transformou-a num antro detestável onde reuniu e está reunindo a escória ralé da raça para oferecer-lhe pinga e organizar uma “bagunça” cobrindo (...)”¹⁴⁴

¹⁴² Fernandes (1964), pp.46-53; Pinto (1993), p.153; Butler (1998); Andrews (1998), pp.240-241.

¹⁴³ Pinto, “O Movimento Negro em São Paulo”, p.89

¹⁴⁴ *Clarim da Alvorada*, novembro de 1931.

Apesar da má qualidade da digitalização do documento e da inexistência do original,¹⁴⁵ pode-se perceber como a idéia de traição já era usada nos meios negros para lidar com as diferentes visões dos caminhos a serem percorridos. O desentendimento entre os palmarinos acerca das atividades da associação, causou a confusão que fechou o C.C. Palmares. No artigo do *Clarim da Alvorada*, um “torpe”, “desclassificado”, um “pusilânime”, contando com a “ingenuidade” dos jovens participantes do movimento, teria desvirtuado os objetivos da organização ao transformá-la num espaço de bailes.¹⁴⁶ O artigo do *Clarim* funciona, portanto, como um lembrete do perigo da “inocência” a cegar e permitir que alguns “elementos” explorem os seus próprios irmãos.

Quando a disputa entre os dois grupos explode com o caso já mencionado de Isaltino B. Veiga dos Santos, a imagem do traidor, do Judas, é rearticulada contra o grupo do *Clarim*. A discussão em torno dos bailes também tinha uso político. Essa preocupação com que tipo de baile era realizado marca grande parte das críticas, também da FNB, a grupos negros não nomeados em geral. Os bailes deveriam ser um momento educativo de elevação, não de bebidas e simples dança. Ao mesmo tempo, as críticas aos bailes apenas para dançar são uma constante oratória para mostrar que a FNB, apesar das Domingueiras, não fazia parte daqueles que traíam a raça desvirtuando seus membros.¹⁴⁷

¹⁴⁵ Há três lugares onde os jornais microfilmados podem ser encontrados: na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP e no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp. A digitalização foi feita pela PUC-SP, teoricamente a partir do microfilme do IEB. O microfilme do IEB deveria ser diferente do da Biblioteca Municipal já que é de lá que vem a cópia do AEL, diferente da digitalização. Porém, frente à má qualidade da digitalização, fui atrás do original e descobri que, hoje, todos os três lugares possuem o mesmo microfilme e que o microfilme do IEB, digitalizado pela PUC-SP, não condiz com a digitalização. Resumindo, alguns números dos jornais, como o citado do *Clarim da Alvorada*, só existem na digitalização da PUC-SP.

¹⁴⁶ O interessante é comparar o artigo do *Clarim da Alvorada* com o livro de memórias de Leite (1992). Neste último, escrito décadas depois, ao invés de palavras pesadas, o “elemento” Inácio Amorim é apenas um injustiçado na medida que ao propor alugar o espaço de sua propriedade conseguido com a hipoteca de sua casa, foi visto como um “traidor”, como um aproveitador dos seus irmãos. Um erro que o afastou da liderança do movimento. Erro não pela tentativa de explorar, mas pela incapacidade de seus colegas de perceber que talvez fosse mais interessante negociar com um negro do que ser explorado pelo “italiano”, dono do antigo salão. Esta segunda visão não pode ser vista como uma negação da primeira. Mostra o quanto os dois grupos tentavam articular a história dos ativistas negros para legitimar a sua posição. Leite, *...E disse o velho militante José Correia Leite*, 1992, pp.73-76. “Mas cometeu esse erro: com receio de qualquer coisa, abriu o jogo e espantou o pessoal que, infelizmente, preferia ser explorado pelo italiano dono do salão, mas achou desaforo um negro dizer que estava ajudando com a finalidade de comercializar”.

¹⁴⁷ As Domingueiras eram reuniões aos domingos na sede da FNB onde se realizavam diversas atividades como a leitura de poesia e discursos dos dirigentes. Era também famosa pela qualidade de seus bailes. Há uma boa descrição na tese de mestrado de Marcelino Felix, *As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (1931-1937)*. Dissertação de mestrado, Educação, PUC, São Paulo, 2001.

Nas páginas de *A Voz da Raça*, o C.C. Palmares aparece como a história da FNB, como sua descendente direta. A FNB realmente bebeu nas esperanças criadas pelo C.C. Palmares para nascer. Porém, o uso de sua história é uma das maneiras de legitimar a FNB, colocando-a como herdeira da bandeira de levantamento do negro. Os irmãos Santos chamam a atenção em vários artigos para o seu papel na organização do C.C. Palmares. Sua visão sobre o fim da associação é semelhante àquela apresentada no *Clarim*, destacando-se a decepção com sua queda, ao mesmo tempo em que se reforça sua luta para evitar que a FNB fosse atingida pela traição.

“porque já estava decepcionado com a queda do C.C. Palmares, donde eu me havia retirado, tão simplesmente por discordar com um estrangeiro na presidência, onde continuei como Palmarino, até que infelizmente desapareceu, devendo-se esse desaparecimento aos próprios negros.

(...)

eu não culpo os meus irmãos negros que são meus inimigos gratuitos, eu não os odeio, quero os sempre, mesmo porque tudo isso não é mais do que o trabalho do maquiavelismo do branco escravocrata, que criou para o negro essa mentalidade, afim de que ele, que sempre foi o Gigante que dormia nunca despertasse.”¹⁴⁸

“Obra gigantesca que vamos levando por diante, e da qual (é mister que se diga!) o maior inimigo, até agora, tem sido o próprio negro, com a sua indisciplina, com a sua facilidade de ser embrulhado por brancos indignos, com a sua má vontade contra todas as superioridades intelectuais e morais.”¹⁴⁹

A história do C.C de Palmares foi rearticulada para fornecer o passado legitimador tanto para a FNB, como para sua atual liderança. Para a FNB era uma história educativa para evitar um futuro tão catastrófico quanto o passado. Ao mesmo tempo, justificava-se a firmeza da liderança fretenegrina perante aqueles que discordavam dos caminhos traçados, classificando-os como marionetes dos brancos interessados em manter o negro ignorante e impedir o despertar do Gigante brasileiro, do negro. A saída de Isaltino do C.C. de Palmares, talvez, tenha muito mais a ver com as discordâncias entre os palmarinos do que

¹⁴⁸ Isaltino B. V. dos Santos, “A Verdade é esta”, in *A Voz da Raça*, n.3, 01/04/1933, p.1

¹⁴⁹ Arlindo V. dos Santos, “Aos Negros de boa vontade”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4

com a presidência do inglês negro “Mister Gids”. Porém, articulada desta maneira, a história do C.C. de Palmares pode transformar a FNB na guardiã do verdadeiro legado palmarino de união ameaçado pelo internacionalismo e pela ignorância de alguns negros. São essas as acusações feitas ao grupo de Leite: seguidores do bolchevismo internacionalista, marionetes na mão dos estrangeiros e dos brancos.

“Frentenegrino!

Estamos em plena luta.

Gostamos desses momentos épicos quando as forças do mal se desencadeiam, quando os instintos baixos da escória e da plebe se manifestam, quando o cinismo, a hipocrisia, a infâmia, a canalhice, a estupidez, a sórdida mentira, o ódio e a inveja, os planos inconfessáveis se revelam para destruir os baluartes da verdade e do bem.

(...)

“a nossa infeliz Gente Negra Brasileira, tão infeliz que tem por maiores inimigos muitos dos seus próprios membros, cujo egoísmo, cujo instinto reles e desejosos de ruínas de valores, quer atacar toda hierarquia, toda superioridade moral ou mental, para nivelar tudo numa democracia de bobagem, falida em todo o mundo, mas que alguns primitivos idiotas pensam que é a coisa mais atual, mais “viva”, sobre a superfície da terra.”

(...)

“Somos nacionalistas intolerantes e repelimos, e repeliremos sempre quem quer que vier com doutrinas exóticas corromper, com o espírito de luta de classes e de ataque à propriedade a mentalidade dos frentenegrinos.”¹⁵⁰

É interessante notar um duplo movimento: ao mesmo tempo, que os inimigos da unidade, seja ela racial ou nacional, são focados como os responsáveis pelas crises ou pelas dificuldades de enfrentá-las, seus nomes dificilmente, melhor dizendo, quase nunca são mencionados.¹⁵¹ Leite e seu grupo nunca são citados diretamente, muito menos o grupo dissidente que formou a Frente Negra Socialista.¹⁵² No *A Voz da Raça*, ao longo do ano de

¹⁵⁰ Arlindo V. dos Santos, “Alerta”, in *A Voz da Raça*, n.3, 01/04/1933, p.1

¹⁵¹ No número 11, 03/06/1933, p.3 há menção ao “Livro Maldito” a ser encontrado na entrada da sede com o nome dos traidores. No n.12, 10/06/1933, p.3 há uma pequena nota comentando sobre a expulsão de mulheres por não obedecerem as “autoridades sociais”, porém, não há nomes em nenhum dos dois casos.

¹⁵² A análise mais documentada sobre a FNB Socialista é feita por Domingues (2005) ao analisar seus estatutos e prontuários do DEOPS/SP. Uma referência no jornal é um protesto contra a cobrança feita pela FN Socialista nos moldes da FNB, “Frentenegrinos: abram os olhos”, in *A Voz da Raça*, n.15, 01/07/1933, p.2.

1933, há uma série de artigos carregados de críticas aos traidores da raça e da pátria, inocentes na sua escolha de doutrinas socialistas, terríveis em seu internacionalismo destruidor das nações e no seu materialismo destruidor da família e dos valores religiosos.¹⁵³ Os negros traidores são ignorantes explorados por partidos políticos ávidos de sua força e apoio, muito mais preocupados nas suas mesquinhas do que com o fortalecimento da nação e a integração real do negro na sociedade.

“Os esquerdistas são ovelhas desgarradas representam o ‘estouro da boiada’.

Nem sempre a boiada estoura por completo, fica sempre uma parte que é fiel a ordem essa é vencedora, porque, com auxílio dela o seu (ilegível) consegue arrebanhar a outra.”¹⁵⁴

“Não queremos os patrões injustos criados pelo capitalismo! Nem os patrões judeus impostos pelo comunismo de que vocês são capangas!

O TRABALHADOR NEGRO até aqui teve a seu favor somente os próprios braços e a capacidade de sofrer.

Não são vocês, estrangeiros exploradores e brasileiros renegados, quem vai fazer justiça ao Negro Brasileiro. Vocês têm mas é “gorja”. Basta de exploração.

(...)

Viva o Brasil Nacionalista e Cristão!”¹⁵⁵

Ao traírem os principais valores da civilização, esses negros não nomeados, mas muito bem apontados no seu comunismo, internacionalismo e aliança com os judeus, traem, também, a história de sua raça ao fugir, covardemente, da memória do sangue e suor derramados por seus antepassados para a construção da nação. Não percebem que o único

Outra é o artigo de Arlindo V. dos Santos, “Limpendo os Campos”, in *A Voz da Raça*, n.20, 02/09/1933, p.1 contra a Frente Negra Socialista. “O bonde do paraíso que tomaram foi dar no inferno. Anti-capitalistas cortejadores de judeus, amigos de judeus cortejadores dos humildes, anti-religiosos e anti-clericais como devem e têm de ser todos os salafários e bandalhos, insultaram a todos com as costas quentes de um poder que tinha partido em vez de ter somente a justiça distributiva.”

¹⁵³ No n.4, 08/04/33, p.4 “Protesto” e nos n.5, pp.1-2 e no n.7, p.4, pode-se encontrar uma movimentação de apoio às posições e decisões de Arlindo V. dos Santos. “Protestamos portanto, com a campanha, que os nossos irmãos ingratos que, instigados por pessoas que nada representam em nosso meio, e que nada quiseram antes, aparecendo agora depois da obra feita e já com uma arrancada de glórias nesse pouco espaço de tempo, tentando com a intriga e a maledicência desfazer o que os atuais dirigentes da F.N.B., coadjuvados pelos sócios conscientes vêem realizando em prol de todos aqueles que se cobrem com a bandeira fretenegrina.”

¹⁵⁴ Menelick, “Do Meu Canto”, in *A Voz da Raça*, n.6, 22/04/1933, p.4

¹⁵⁵ Arlindo V. dos Santos, “Resposta a um boletim”, in *A Voz da Raça*, n.27, 09/12/1933, p.1

caminho verdadeiro para o negro é lutar contra a divisão da nação. São marionetes na mão daqueles brancos e estrangeiros que utilizam esses “negróides” contra sua raça e sua pátria.

“Decididamente o movimento fretenegrino triunfa, a prova disso está nos ataques que a F.N.B. vem sofrendo deste ou daquele despeitado em cujo número sobressai certos negróides e mestiços dentre os quais há também aqueles que não nos sabe contar quem é ou quem foi o seu pai quanto a mãe procura encobrir do melhor possível e têm vergonha de dar a conhecer a sua raça que é visível aos olhos de todo mundo.

Atacam-nos de palanque e até pelas costas, isso porque já somos no Brasil um vulto a fazer-lhes sombra e essa sombra parece que os incomoda visto que ladram a nossa passagem. É interessante (...) como nos difamam quando encontram alguém beócio para ouvi-las, procurando assim provocar escândalos que pela fórmula empregada são os tais que praticam.

Insultos (...), chicotes caipiras, ciúmes por não poderem fazer aquilo que o negro faz sorrindo: - Expor o seu peito largo como uma barreira toda vez que algum inimigo da pátria a espreita, pois a gente negra do Brasil tem vivido séculos e continua vivendo para a sua pátria, não como aqueles que tem vivido e continua vivendo a custa da mesma. Sim porque os nossos inimigos são aqueles que fazem grande empenho para que a nossa gente medre sempre na ignorância; raça que assim pensa em uma Nação como a nossa não merece o menor apreço.¹⁵⁶

A traição desmerece aqueles que discordam da hegemonia dos irmãos Santos. Não devem ser ouvidos, são traidores da raça. O “negróide” seria o negro que escolheu os caminhos contrários à defesa de sua raça, falsos negros a atrapalhar o despertar do Gigante adormecido, o verdadeiro brasileiro adormecido que ecoa da metáfora do Hino Nacional. Suas ações são controladas por outros, preocupados em usá-las para seus próprios interesses. Só a FNB seria capaz de liderar o negro na verdadeira luta pela salvação da Pátria e da Raça. Contra esses “falsos negros”, a única solução seria a ação violenta da disciplina do fretenegrino.

“Mas senhores não tem o direito de falar em nome da raça, aquele que ainda ontem a viva força queria ser “branco”, aquele que nunca se interessou pelo problema do negro do Brasil, aquele que viu e continua a ver, (com todos os outros negros que se dizem intelectuais), o

¹⁵⁶ Castelo Alves, “Flores do Campo III”, in *A Voz da Raça*, n. 13, 17/06/1933, p.1

desprezo da raça, e que no entanto curvaram-se ao peso de suas consciências como covardes.”

(...)

“O negro não irá mais para revoluções, não marchará mais para o campo da luta, a fim de defender partidos ou políticos. Mas marchará como os bravos soldados do Brasil na defesa da integridade da Pátria.”¹⁵⁷

“Falsos Negros são aqueles que por nada saberem e nada compreenderem vivem fazendo mexericos contra a Frente Negra e contra a raça.

Falsos Negros são aqueles que querem saber muito e nada sabem.

Nós negros que já estamos identificados com a nossa causa não devemos tolerar com os Falsos Negros.

Devemos dar-lhes o mais breve possível o *golpe de misericórdia* para que eles conheçam a pujança dos negros que só querem o progresso da raça.”¹⁵⁸

A união da crise ganha em força ao ser combinado ao imaginário religioso, restrito não apenas à história de Judas. O Calvário carrega uma simbologia especial para os ativistas negros.¹⁵⁹ A idéia de resignação e de sofrimento pelos outros fornece à liderança que discursa uma forte associação com a religiosidade da comunidade negra. Essa coragem, esse destemor no sacrifício traz, também, o paralelo com os apóstolos e suas dificuldades em espalhar a verdade de Deus.¹⁶⁰ Ser visto como o cristo da raça, como ironiza o *Clarim* com o subtítulo do jornal *Chibata: se Nós somos Judas da raça, quem serão os Christos?* concede ao portador não só a benção divina, mas a possibilidade de carregar a verdade.

“Não temos medo

Porque pregamos dentro da verdade, e quem prega a verdade está com Deus. Temos necessidade de continuar o iniciado porque do contrário não seremos dignos dele.”¹⁶¹

¹⁵⁷ Pedro Paulo Barbosa, “Com que interesse?!...”, in *A Voz da Raça*, n.4, 08/04/33, p.1

¹⁵⁸ João do Campo, “Falsos Negros”, in *A Voz da Raça*, n.17, 15/07/1933, p.4

¹⁵⁹ Ver essa simbologia entre ex-escravos, Robert Daibert Junior, *Isabel, a “Redentora dos Escravos”*: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988), (Bauru, SP: EDUSC, 2004).

¹⁶⁰ Dois textos religiosos: M.L.V, n.8, 06/05/1933, p.3 sobre o caminho do sofrimento e da resignação do calvário rumo a redenção. B. Chaparro, *A Voz da Raça*, n.53, abril de 1936 p.3 sobre as tentações nos caminhos dos apóstolos.

¹⁶¹ R., in *A Voz da Raça*, n.52, abril de 1936, p.2

“Entretanto, alguém, cujo nome deixamos de consignar porque seria mancha a estas colunas, esta indignado e no seu desespero tenta lançar à lama da sua miséria a figura alibada do chefe da F.N.B.

Coitado, merece pena. A sua miséria moral é tão grande que merece compaixão dos fortes.”

(...)

“E ele se prestara a esse papel sórdido e imundo porque em tempos dentro da F.N.B., Arlindo Veiga dos Santos, com a luz viva da verdade o obrigou a andar mais ou menos na trilha honesta e como esse transviado não se emendasse, Arlindo vasculhou-lhe todas as misérias e expulsou-o da F.N.B. antes que ele, arruinasse a obra de todos os negros do Brasil.”¹⁶²

Além de deslegitimar as críticas, a imagem de Judas, pela simples oposição, transforma em Cristo aquele que recorre a ela. Como Cristo ou um dos seus, não se teme a morte ou o sofrimento visto a grandiosidade da tarefa de salvar a raça ao lhe levar a verdade.¹⁶³ Dessa maneira, o discurso sobre Judas e demais referências religiosas servem como uma ferramenta política ao impedir que a oposição exerça o direito à crítica ou à realização de novos movimentos. Reforça, também, a posição da liderança ao lhe fornecer uma legitimação religiosa, ao transformar todo fretenegrino fiel à direção delineada por Arlindo em um novo Jesus, num messias “à frente de sua corte qual novo Moisés em conquista da terra da promessa”, único portador da verdade divina a enfrentar as provações no caminho da terra santa.¹⁶⁴ A união, como queria Gletkin, deveria ser preservada acima de tudo.

A hegemonia consolidada.

Publicados no quinto número de *A Voz da Raça* em abril de 1933, o Estatuto da Frente Negra Brasileira de novembro de 1931 e um Decreto de fevereiro de 1933 são

¹⁶² Peixoto, “Dignidade”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4

¹⁶³ Arlindo V. dos Santos, “Uma página Cristã para os Fretenegrinos”, in *A Voz da Raça*, n.4, 08/04/33, p.1, “-Tu não serás meu chefe digno de mim – pois tu não terás sentido o que se pode sofrer por mim – enquanto não tiveres superado essa agonia: ser traído pelos teus, caluniado pelos “de tua pátria e de tua casa”, beijado por Judas.”

¹⁶⁴ Castelo Alves, “Flores do Campo”, in *A Voz da Raça*, n.8, 06/05/1933, p.2

expressivos dessa construção de hegemonia em torno dos irmãos Santos.¹⁶⁵ A comparação desses dois documentos fornece elementos suficientes para compreender um pouco dessas lutas realizadas durante o ano de 1932 pelo controle da FNB. É importante lembrar que a própria publicação do decreto nesse número, como parte dessa construção de hegemonia, entendida como conflituosa e contingente, responde não só às lutas de 1932, mas, também, às reclamações e críticas feitas após a sua vigência que podem ser traçadas nos números 3 e 4 de *A Voz da Raça*. Além disso, a comparação com o estatuto é o objetivo do jornal que o publica conjuntamente com o decreto. É na justaposição desses dois documentos que se reforça e demonstra o poder conquistado.

O jornal *A Voz da Raça* começou a circular no mês seguinte à publicação do decreto. Como argumento, que se fez acompanhar do empastelamento da gráfica na casa de Leite (não mencionado em *A Voz da Raça*), o decreto é o sinal de um maior endurecimento e militarização dos conflitos entre a hegemonia dos irmãos Santos e as vozes descontentes com seu crescente poder, em especial o grupo em torno do *Clarim da Alvorada*. É a partir dele que se legitima a militarização centralizadora da hierarquia fretenegrina e o poder controlador dos cabos.¹⁶⁶ Essa militarização do espaço político, já deteriorado com o fim violento da disputa com o grupo de Leite, impede o diálogo com a diferença política, transformando-a no perigo a ser eliminado, nos traidores da pátria e da raça. É interessante notar como essa política militarizada casa-se com uma radicalização do discurso religioso: não é a diferença política dos participantes na construção de uma unidade que pauta os artigos, mas, como defende Arlindo Veiga dos Santos no primeiro e terceiro número do jornal, a luta pela união da Gente Negra e da Pátria, uma luta religiosa do bem contra o mal:

“Neste gravíssimo momento da NACIONALIDADE BRASILEIRA, dois grandes deveres incubem os negros briosos e esforçados, unidos num só bloco na FRENTE NEGRA BRASILEIRA: a defesa da Gente Negra e a defesa da Pátria, porque uma e outra coisa andam juntas, para todos aqueles que não querem trair a Pátria por alguma forma de internacionalismo.”¹⁶⁷

¹⁶⁵ Estatuto, anexo 2; e Decreto, anexo 3.

¹⁶⁶ Os cabos apareceram como uma estrutura interna da FNB para fazer as cobranças da mensalidade. Porém, o seu nome já indicava uma hierarquia bem demarcada quando da formação da FNB. Discutirei isso com mais cuidado à frente.

¹⁶⁷ In *A Voz da Raça* n.1, 18/03/1933, p.1

O resultado é uma centralização total e totalitária de um espaço já longe de ser democrático. Isso é importante: a FNB nunca foi um espaço democrático. No Estatuto o poder do presidente não se sobressai ao do Grande Conselho (GC). Ao contrário, como nos mostram os artigos 6º, 7º, 8º, 9º e 10º, o GC é aquele que dirige a FNB. O Presidente, no Estatuto, é escolhido pelo Grande Conselho como máxima autoridade e representante da FNB. Seu poder é grande, mas ainda subordinado pela escolha e controle do Grande Conselho. Na prática isso pouco representa, já que o grande conselho representava uma hegemonia em torno dos irmãos Santos. Isto pode ser observado nas denúncias dos dois números do *Clarim da Alvorada* que tratam do empastelamento ao reconhecer os agressores como “lacaio dos irmãos Veiga dos Santos”.¹⁶⁸

Todavia, deve-se lembrar que a necessidade de maior controle só aparece frente à dificuldade de lidar com as divergências políticas. Por isso, o decreto deve ser resultado das experiências de lutas políticas dentro da FNB alimentadas pelos dissidentes e por aqueles simpáticos à suas reivindicações ao longo de 1932. Isso explica o cuidado no apontamento da nova hierarquia presente no decreto que no Estatuto só ocupa o 5º artigo.

O Decreto já tem como objetivo fazer entender a autoridade na FNB. Os dois primeiros itens marcam essa delimitação centralizadora do poder ao demarcar o Presidente, agora Geral, como acima do GC. O 7º artigo do estatuto já trazia a “máxima autoridade”, mas respondia à necessidade de “harmonia” com o GC, como nos mostra o 10º artigo. A harmonia some no decreto diante do poder literal do Presidente Geral de ter “a última palavra em todas as questões” logo no primeiro artigo e reforçado pelo item X como o único a conferir poder.

Estatuto

Art. 6º – A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” é dirigida por um “GRANDE CONSELHO”, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formados pelos cabos distritais da Capital.

¹⁶⁸ *Clarim da Alvorada*, ano IX, 27/03/1932.

Decreto

I. A suprema autoridade da F.N.B. é o Grande Conselho reunido, e neste a suprema autoridade é o Presidente Geral que tem a última palavra em todas as questões.

II. O Grande Conselho reúne-se semanalmente sob a presidência do Presidente Geral e, em sua falta, do secretário ou tesoureiro gerais, 1º e 2º secretários, comissário, ou outros diretores. Reúne-se extraordinariamente, se mister.

X. Somente o P.G. pode conferir, em última instância, poderes para delegações, comissões ou representações. Todos esses poderes, quando transmitidos por outra autoridade na ausência do P.G., devem ser referendados pelo mesmo.

Esta especificação do poder constrói-se hierarquicamente no decreto. Os dois primeiros itens tratam do poder do Presidente Geral e deste sobre o Grande Conselho. Do segundo ao nono item são delimitados cuidadosamente o que pode e o que não pode um conselheiro do GC, fechando de maneira categórica com o já mencionado item X, um lembrete do verdadeiro imperador da FNB. Desta maneira o Grande Conselho torna-se a corte do PG, seus olhos, suas “autoridades fiscalizadoras” como quer o terceiro artigo. Suas decisões agora respondem ao PG e não mais aos membros da FNB, visto que estes foram excluídos pelo item VI de participar das reuniões do GC e da leitura de suas atas.

Decreto

VI. Pessoa nenhuma poderá assistir à leitura das Atas ou às reuniões do G.C., nem estar presente a não ser no momento necessário para cuidar de um negócio que a essa pessoa diga respeito.

Como vimos nas discussões sobre o papel do líder, ele não é simplesmente escolhido, mas se destaca pelo seu papel de comando (palavra cheia de conotações militares), por sua capacidade intelectual e por seu altruísmo inato. Nos cinco primeiros números do jornal, destacam-se os perigos das discórdias e daqueles que a provocam. Aliada às tentativas dos artigos de Arlindo Veiga dos Santos de desassociar a FNB do monarquismo e do bolchevismo (ambos ameaças-fantasma para o espírito republicano), mostra-se a preocupação de não cair nas críticas do *Clarim da Alvorada* e de outros

veículos como a *Folha da Noite*¹⁶⁹ como um grupo fora do espírito republicano nacional, ou seja, fora da normalidade social.¹⁷⁰

“Depois de tantas reuniões públicas a que compareceram membros ou representantes das autoridades, e em que foram claramente expostos os fins da associação político-social que somos e em que por diversas vezes foram feitos veementes apelos anti-bolchevistas e anti-separatistas (...) vem V.S. dizer que somos bolchevistas!!! Seria cômico se não fora infame.”¹⁷¹

“É verdade e, o Brasil inteiro sabe, que o Dr. Arlindo Veiga dos Santos, é o Chefe do movimento patrianovista no Brasil, porém, dentro da F.N.B., onde é presidente geral, é somente negro e nada mais, conforme declaração dele próprio na imprensa de todo o Brasil.”¹⁷²

“Ataca-se a F.N.B. por causa de ser eu, com toda honra, patrianovista, como com toda honra sou fretenegrino (por ser negro brasileiro) – é estupidez e má-fé;”¹⁷³

Este discurso anda de mãos dadas com os discursos do Patrianovismo e do Integralismo a respeito da superioridade mental e moral das lideranças, ameaçada pela democracia vista como bobagem niveladora e falida. Bobagem niveladora por colocar no mesmo patamar todos os homens, deixando de lado as diferenças entre suas capacidades e aptidões, destruindo toda hierarquia. E falida, por que ao nivelar os homens, dá poder àqueles incapazes para tomar boas decisões para sua gente, para sua pátria. Até a campanha de Arlindo V. dos Santos para a Constituinte de 1933, essas críticas à “democracia liberal” são organizadas como uma denúncia do perigo à harmonia necessária para o bom funcionamento da FNB e da Pátria. Só durante a candidatura de A. V. dos Santos é que o conceito de organicidade aparece nos textos do jornal.¹⁷⁴ Vale lembrar que a organicidade é

¹⁶⁹ Austregésilo de Athayde, *Folha da Noite*, 29/02/1932.

¹⁷⁰ Os números do começo do ano de 1932 de o *Clarim da Alvorada* fazem críticas gerais ao poder dos irmãos Santos através de seu Conselho e seus cabos.

¹⁷¹ Arlindo V. dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.2, p.1 25/03/1933

¹⁷² Salti, in *A Voz da Raça* n.2, p.1 25/03/1933

¹⁷³ Arlindo V. dos Santos, “Alerta”, in *A Voz da Raça*, n.3, p.1, 01/04/1933

¹⁷⁴ Em um artigo n.7, 29/04/1933, Arlindo expõe o seu programa de governo e defende o ORGANICO-SINDICALISMO (como apresentado no primeiro capítulo). O termo só aparece mais uma vez no artigo “Em

sempre forte nos textos de Arlindo V. dos Santos, repisado em outros artigos através das idéias de harmonia e pela liderança incontestada. O que se destaca é a criação de um ambiente fascista na FNB, onde a militarização e o ideal de união em grande sintonia com conceitos de identidade metafísicos destrói os espaços políticos.¹⁷⁵ Vários autores mostram que os espaços de convivência da cidade permitiam que uma série de idéias fascistas circulasse entre os imigrantes italianos e os negros.¹⁷⁶ Portanto, não é estranho que o descontentamento pela marginalização do negro na República tenha ganhado um direcionamento anti-democrático em alguns grupos.¹⁷⁷

Organizados o PG e GC, cabe continuar a pirâmide de poder. Logo abaixo dos dois e como uma espécie de vice-rei, aparece o Secretário Geral (na época Isaltino B. Veiga dos Santos). O braço direito do PG cuida de todos os importantes pormenores do exercício do poder, em especial o contato oficial da FNB com outros grupos e instituições (entre eles os veículos de comunicação). É dele ainda o controle do Departamento de Propaganda e a censura de todas as publicações em nome da FNB e de suas delegações. Ressalta-se aqui, novamente, que a idéia de que as disputas internas da FNB fossem um mero reflexo da sociedade não permite compreender as articulações internas da FNB. O Departamento de Propaganda não é uma mera cópia daqueles criados em setores com mais destaque na sociedade, como no próprio governo. Sua criação passa pela percepção da necessidade de controlar as informações divulgadas numa luta central no que se convém chamar de “meio negro”: a luta pelo controle da liderança no sonho da união da raça.

A hegemonia controlada pelos irmãos Santos frente às lutas com outros grupos influentes no “meio negro” articulou esse desejo pela união da raça negra e a insatisfação com a República numa organização extremamente hierarquizada, pautada pelos ideais de organicidade, onde cada parte tem um papel fixo num corpo maior a ser preservado.

Desta maneira, de acordo com o Decreto, todas as instâncias que poderiam guardar algum poder de decisão são esvaziadas de seu poder, como os diretores ou os chefes de departamento ou as comissões (item IV), e são subordinados às decisões do G.C.

Marcha” de Arlindo V. dos Santos, n.11, 03/06/1933. Porém, como tento argumentar o pensamento orgânico se encontra impregnado pelos textos do jornal nos conceitos de harmonia e união.

¹⁷⁵ Gilroy, Paul. *Against Race: imagining Political Culture beyond the Color Line*, (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000). Em especial o quarto capítulo “Hitler Wore Khakis: Icons, Propaganda, and Aesthetic Politics”.

¹⁷⁶ Raquel Rolnik (1989), Regina Pahim Pinto (1993), Kim Butler (1998) e Márcio Barbosa (1998).

¹⁷⁷ Outros jornais, como o *Clarim da Alvorada* e o *Brazil Novo* eram críticos ao fascismo.

e, portanto, ao poder do Presidente Geral. Ao mesmo tempo, os líderes dessas instâncias não podem ser mais criticados pelos sócios ou cabos da FNB.

III. Os Conselheiros são autoridades fiscalizadoras dentro da sede e fora dela, ressalvada a autoridade especial dos fiscais, podendo disciplinarmente chamar à ordem todos os cabos e outros sócios que ajam contra o espírito e diretivas do G.C. Não podem ser desautorados por cabo nem sócio algum. Caso o sejam, devem, apelar para a autoridade do P.G. ou do G.C. reunido, que aplicará o corretivo ao violador da lei.

IV. A autoridade dos diretores ou chefes de departamentos ou comissões deriva, fundamentalmente do G.C. Portanto, não tem valor a autoridade especial dos departamentos cuja nomeação ou eleição não for referendada pelo G.C.

VII. Nenhum Conselheiro ou diretor pode ser chamado à ordem fora do G.C., ou perante cabos ou sócios, a não ser pelo Presidente e Secretários gerais.

Os cabos viram extensão desse novo “poder” e cabe a eles controlar os sócios e representar a FNB na sociedade. Agora, só os cabos podem ser conselheiros. Os cabos funcionam como o desejo de onipresença do controle centralizador. São os anticorpos a defender o corpo da FNB. Dos itens dezenove até o vinte e quatro, fiscais e cabos têm seus poderes ampliados sobre os sócios, assim como a subordinação desses cabos e fiscais à hierarquia fica cada vez mais delimitada. As regras de comportamento não abarcam apenas o espaço da sede, estendem-se às ruas e a vida privada dos sócios e cabos. O jornal funciona como veículo dessa hierarquia ao publicar os boletins das atividades dos cabos e também os nomes dos faltosos com a disciplina e com os serviços da FNB.

XIX. Os fiscais são encarregados da ordem material e moral da sede que devem visitar em todos os seus recantos a bem da higiene, sanidades, limpeza e asseio, diligenciando pela colocação dos auxiliares que tratem de cuidar desses serviços. Devem policiar a sede, para que não se dêem atos inconvenientes, indignos, imorais ou escandalosos que desmoralizem a associação e produzam maus costumes.

§ I. Devem estabelecer a lista de plantões de cada mês, e comunicar aos escalados.

§ II. No caso de apanhar algum frentenegrino em falta, o fiscal admoestá-lo-á primeiro em particular, notificando-lhe que, caso reincida, será suspenso por menos ou mais tempo e, finalmente, expulso da F.N.B. isso dever-se-á dar parte ao G.C. na 1ª reunião.

§ III. Os conselheiros fiscais devem tratar os associados com toda urbanidade e gentileza, sem por isso deixarem de ser incisivos e enérgicos. Primeiro, admoestação simples; depois, repreensão; doutra vez, suspensão; finalmente expulsão.

XX. O Comissário dos Cabos é o encarregado do movimento geral de arregimentação e procuradoria, com autoridade para lançar penas até o grau de suspensão.

XXI. Atendendo a que são os Cabos os agentes exteriores do G.C., deve mostrar-lhes que eles têm autoridade sobre os sócios quando em comissão especial da F.N.B.; que devem aos Conselheiros em particular e ao G.C. respeito e consideração, apelando em caso de desentendimento para a autoridade do Conselho reunido. Isto, não no caráter de ultimátum (que seria excesso e indisciplina), mas no caráter de petição e representação, submetendo-se ao veredicto da suprema autoridade da Obra. Tanto mais que, normalmente, é dos Cabos que saem novos Conselheiros para as vagas que se forem abrindo.

O Estatuto de 1931 e o Decreto de 1933 fazem parte da luta entre os diversos grupos pelo controle da FNB. Marcando uma posição inicial no controle da organização através da imposição do Estatuto, os irmãos Santos, no espaço de tempo transcorrido até o Decreto, consolidam uma hegemonia que comandará, não sem dificuldades, a FNB até o seu fechamento em 1937. No próximo capítulo, visitarei essa construção da memória histórica mostrando como a análise dos recortes históricos feitos por essa hegemonia estão intimamente ligados com os problemas do seu presente.

Cap. III

Memória e política: sangue, suor e glória.

“É, pois, a OBRA FRENTENEGRINA uma afirmação cálida e violenta, se assim quizerem, de BRASILIDADE e de RAÇA.

O Frentenegrino é orgulhoso de pertencer, com toda alma e vontade à PÁTRIA BRASILEIRA.

Pela lei do Sangue que não conhece as leis da traição, afana-se de pertencer à RAÇA BRASILEIRA e, dentro dela, a gloriosa GENTE NEGRA, obedecendo, em tudo, à voz dos nossos Avós que gritam da nossa história, tanto nos momentos épicos da guerra holandesa e dos Palmares e Paraguai como nas horas da construção lenta, econômica, da grandeza do Brasil.”¹⁷⁸

As raízes da Gente Negra Nacional idealizada pela Frente Negra Brasileira foram regadas com o sangue e suor resultante de uma leitura muito específica da História do Brasil. Essa leitura não só explicava a necessidade de união e o modelo a ser seguido, como também dava a legitimidade para as reivindicações dessa união. O diálogo com o passado da FNB não antecedia sua ação no presente e suas propostas para o futuro. Fazia parte da teia sustentadora desse ideal de negro nacionalista e racializado, permitindo alocar no espaço nacional o negro no passado, no presente e no futuro. Ele alimenta e é alimentado pela organicidade, apresentada no capítulo anterior, ao fornecer um passado e um presente, portanto, um futuro de pertencimento ao grande corpo nacional, ao mesmo tempo em que redimensiona a própria memória do papel dos negros na História do Brasil.

Esse diálogo não é só interno; ele se estende aos debates contemporâneos sobre o Brasil e seu futuro. O ideal de Gente Negra Nacional, como o próprio nome diz, era resultado de um debate tanto interno à comunidade negra como à nação. Mas, como separá-los? Essa pergunta pode ser respondida por uma outra: mas, por que separá-los? Trabalhar como o anatomista só prejudicaria entender o movimento, a vida, nas construções dessa identidade. Não há como separar a definição do que é negro e do que é ser brasileiro para a

¹⁷⁸ Arlindo Veiga dos Santos, discurso oficial das comemorações do quarto aniversário da FNB – *A Voz da Raça*, n.49, 1936, p.1

FNB. Um explica o outro, o negro faz parte do Brasil, um dos órgãos, sem ele não haveria Brasil. Aqui está o grande trunfo e o valor da organicidade para o frentenegrinos.

Para demonstrar esse papel da organicidade na composição dessa articulação entre passado, presente e futuro, dividirei esse capítulo em duas partes. Na primeira, analisarei datas e figuras históricas com maior destaque no jornal, pretendendo demonstrar como e o quê do passado era exaltado. Na segunda, trabalharei como essa exaltação se articula às respostas da FNB para os problemas contemporâneos, justificando-as. Pretendo mostrar como essa relação entre escolhas políticas e visões do passado específicas constrói uma visão de futuro muito própria da FNB.

A construção da memória histórica

“Grandes pela Religião, grandes pelo patriotismo, grandes pela moralidade, grandes pela clareza de espírito, grandes sobretudo pelo grande amor ao Brasil, - legaram-nos os nossos Antepassados uma herança de integridade humana que honraria qualquer nação de mil anos de vida ornada de glórias as mais opulentas.”¹⁷⁹

No jornal *A Voz da Raça*, vários são os artigos dedicados a homenagens históricas. A amplitude de personagens e momentos históricos é grande, mas é possível arrolar algumas características comuns a todas as homenagens. Para atingir tal objetivo, escolhi quatro nomes mais citados, cujas características celebradas nos jornais permitem entender as escolhas frentenegrinas na construção de sua memória.¹⁸⁰ O primeiro é Francisco Costa, um dos fundadores da Frente Negra Brasileira que morreu logo no começo de sua organização. Os outros nomes são de figuras conhecidas da história do Brasil, dois abolicionistas famosos, Luiz Gama e José do Patrocínio e, o quarto nome, Henrique Dias, comandante de um batalhão negro na expulsão dos holandeses no período colonial. Não são apenas esses nomes encontrados no jornal, são os mais citados. Todos os homenageados são considerados líderes, heróis que abdicaram de seus próprios interesses pelo bem maior da Nação ou de sua Raça.

¹⁷⁹ “Aos Negros de boa vontade” Arlindo V. dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.1, n.7, 29/04/1933, p.4

¹⁸⁰ Os nomes citados mais citados são Luiz Gama (9), José do Patrocínio (8), Henrique Dias (7), Princesa Isabel (5), Francisco Costa Santos (3), Cruz e Souza (3), entre outros.

Ao discutir o objetivo educacional frentenegrino, no segundo capítulo, mostrei qual o papel da liderança dentro da FNB. Os líderes frentenegrinos, melhor dizer, os líderes da “Gente Negra Nacional”, apresentados no jornal, têm características muito específicas, intimamente ligadas a duas questões: aos embates entre a hegemonia controladora da FNB e seu opositores e, ao mesmo tempo, à visão orgânica da sociedade brasileira. Dessa maneira, a imagem de líder, defendida nos debates abertos sobre a questão ou nas homenagens históricas, tem características muito bem delineadas: é natural, patriótica, militarizada e religiosa.

Deve-se lembrar as críticas ferrenhas da FNB à democracia apresentadas anteriormente. A democracia seria uma bobagem ao inverter o caminho natural das coisas. Não são as pessoas comuns que escolhem quem as lideram, são incapazes dessa escolha, por isso precisam de liderança. A liderança não pode ser exercida por qualquer um, ao sabor da escolha dos despreparados, mas sim pela existência de qualidades inegáveis apresentadas em suas histórias de vida.

No primeiro número do jornal, tem-se uma grande homenagem a Francisco Costa, ligando sua luta à da direção frentenegrina e transformando-o no modelo a se seguir:

“No nosso querido CHICO, estava sintetizada, como ainda está, a força e o valor idealista de uma raça.”

(...)

“era o nosso Chico um verdadeiro modelo, como chefe de família, como orientador, como amigo, e muito especialmente, como idealista.”¹⁸¹

A figura do chefe mistura as esferas pública e privada, numa combinação de pai tanto da família quanto da sociedade. Dedicado a sua gente, independente do espaço social, um idealista personificando todas as qualidades a serem seguidas. Luiz Gama era tratado da mesma maneira:

“a existência de um homem que nesta vida foi um símbolo, a personificação, a verdadeira afirmação do que vale o poder da vontade aliado ao trabalho, à perseverança e à dedicação pelo saber.”¹⁸²

¹⁸¹ “Francisco Costa Santos”, in *A Voz da Raça*, n.1, 18/03/1933, p.1

No artigo “Uma Justiça” de Jayme de Aguiar,¹⁸³ José do Patrocínio aparece como construtor das diretrizes para a evolução da raça seguidas pelo jornal. Um líder nato capaz de perceber e lutar contra os males que afligem sua raça e, por conseguinte, sua nação. Sem temor, Luiz Gama e Patrocínio enfrentaram a escravidão, independente das forças que contra eles se punham:

“lembremo-nos dos vultos inconfundíveis de Luiz Gama e Patrocínio, o expoente máximo da raça, que fez estremecer as rédeas do Governo do Império para extinção do cativo no solo brasileiro.”¹⁸⁴

Henrique Dias é o preferido de Arlindo Veiga dos Santos, pois unifica todas as características. Ao mesmo tempo, sua obediência ao rei também servia para criticar as posições “antiracistas”, ou seja, contrárias à raça brasileira, dos governos republicanos. Henrique Dias transforma-se no símbolo do líder que lutou contra a ocupação estrangeira, de certa maneira, o mesmo que fazia a FNB. Ao mesmo tempo, a monarquia era dita como reconhecidora e respeitadora das diferenças entre os variados grupos que compunham o corpo nacional.

“o povo negro ficou sem chefes naturais, tendo por cima um governo antiracista, preocupado com a dita ARIANIZAÇÃO GERAL da Nação Brasileira do passado.”

(...)

“Estávamos então em época de concepção orgânica do Estado, que não tinha medo das corporações livres dentro do Estado Soberano. Não tínhamos como hoje o monismo antinatural que deseja que o negro DESAPAREÇA, mas era o próprio Rei quem dera um chefe aos negros de guerra, na pessoa soberba de Henrique Dias. Reconheciam se as naturais verdades dentro da nossa Unidade Social e Política.”¹⁸⁵

¹⁸²“Irmãos de origem”, Silvério de Lima, in *A Voz da Raça*, n.38, 26/05/1934, p.1

¹⁸³“Uma Justiça”, J. de Aguiar, in *A Voz da Raça*, n.33, 17/03/1934, p.1

¹⁸⁴“Chegou o momento”, João B. Mariano, in *A Voz da Raça*, n.6, 22/04/1933, p.1

¹⁸⁵“A situação presente dos negros”, Arlindo V.S., in *A Voz da Raça*, n.52, abril de 1936, p.1

Ao contrário da República, a monarquia era um Estado de concepção orgânica, por isso era capaz de lidar com os diferentes grupos sociais de seu grande corpo. Dentro dessa lógica, a monarquia era racista porque defendia a raça brasileira, portanto sabia a importância do negro para o Brasil. No primeiro capítulo, analisei a raciologia fretenegrina demonstrando como a ideia de racismo tinha um uso diferente do atual.¹⁸⁶ Racismo para os fretenegrinos era defender a raça, um dos seus objetivos. Anti-racismo era de alguma maneira prejudicar a raça. Por isso, defender o negro era uma atitude racista, pois reafirmava a raça negra e seu papel na história do Brasil.

Esta associação direta entre a fidelidade à raça negra e à pátria é bem explorada nas homenagens. O líder extrapola o campo limitado do grupo e consegue atingir a totalidade da pátria. Essas figuras históricas aliam essa capacidade de lutar pelo grupo, no caso a raça negra, e ao mesmo tempo, lutar pela nação. Dessa maneira, a ligação entre a defesa do negro como uma defesa da pátria tão bem explorada na FNB, deixa de ser apenas fretenegrina e passa a ser uma luta dos heróis da pátria. Como mostra Isaltino B. Veiga dos Santos, ao falar de Luiz Gama:

“E o Negro é tudo isso, e mais alguma coisa ainda, negá-lo como elemento preponderante na organização deste formidável quadrante geográfico da América, é negar também a existência do Brasil”¹⁸⁷

Ou João B. Mariano, ao comentar a situação atual mostrando e destacando essa ligação:

“Crime, muitas vezes crimes imperdoáveis, negar que o patrimônio nacional não se deve ao heroísmo do braço forte dos negros, que hoje, desgraçadamente, vivem jogados neste grande Brasil,”

(...)

“Destruir, portanto, estas verdades, é negar as credenciais dos negros no cenário político da sua grande Pátria e a glória dos brasileiros.”¹⁸⁸

¹⁸⁶ Raciologia são os saberes que transformam o conceito abstrato de raça numa realidade, governando a maneira pela qual as diferenças raciais são vistas, como aparecem para nós e como constroem identidades específicas. Gilroy, *Against Race*, 2005, p.11

¹⁸⁷ “Liberdade Utopica”, Isaltino B. Veiga dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.9, 13/05/1933, p.1

Como mencionado no segundo capítulo, a organicidade permitia essa ligação. Atrapalhar o progresso do negro ou prejudicá-lo de alguma maneira era atacar o Brasil. Nenhum dos homenageados é simplesmente negro, são acima de tudo brasileiros. Ao lutar por sua raça, na verdade, estão lutando por seu país. São esses homens virtuosos os únicos capazes de perceber as mazelas que assolam a raça e a nação. São os únicos capazes de liderar sua raça no combate.

Mais uma vez é na figura de Henrique Dias que essa discussão costura-se com a direção que a luta deve ter. A ação violenta disciplinada, discutida no segundo capítulo, é a única solução para deter os ataques contra o corpo nacional. Nesse contexto, o líder é antes de tudo um forte que não teme a luta e nem a morte. Mistura-se, assim, a naturalidade da liderança, seu patriotismo com a ação violenta militarizada. Seria essa combinação a única capaz de liderar os negros e fazê-los perceber a necessidade dessa luta titânica por suas vidas, portanto, por sua pátria.

“lembra-se de Henrique Dias, o [ilegível] negro fidalgo, O MAIOR EXEMPLO DE BRASILEIRO NEGRO INTEGRO que se pode apresentar aos patrícios;”

(...)

“Nesta hora grave da Pátria, ou o negro brasileiro se define uma vez por todas como gente séria, de caráter nobre, [ilegível], capaz de sacrifícios pela coletividade, capaz de compreender as grandes causas que sacodem a Pátria Brasileira e a humanidade toda, - ou deve ser varrido e aniquilado como gente pernicioso, incapaz de compreensão, incapaz de premonir contra exploradores imorais, contra pescadores de águas turvas, contra os inimigos do próprio Negro e da Nacionalidade.”¹⁸⁹

A figura de Zumbi e a história do Quilombo de Palmares eram também capitalizadas para a construção desse ideal de líder e liderados. Há apenas um artigo que trata pontualmente sobre Palmares, mas mesmo assim, não explica o Quilombo; apenas ataca a maneira pela qual é tratado pelos historiadores, destacando fato como

¹⁸⁸“Chegou o momento”, João B. Mariano, in *A Voz da Raça*, n.6, 22/04/1933, p.1

¹⁸⁹“Aos Negros de boa vontade”, Arlindo Veiga dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4

preconceito.¹⁹⁰ As demais citações encontradas trazem Zumbi junto com outras figuras, como Henrique Dias, consideradas importantes e exemplo da bravura negra.¹⁹¹ Palmares era considerada um “Estado” perfeito, prova da capacidade do negro quando livre do “despotismo”. Essa idealização viria do fato de Palmares ser considerado um lugar de homens livres sob o comando de um homem forte, de um rei preparado para defender seu povo. Tanto que o nome de Zumbi aparece em um artigo de Arlindo Veiga dos Santos em defesa das ações de Hitler em prol de sua raça.¹⁹² Em outro artigo, Santos propõe a criação de datas históricas em homenagens a figuras negras, citando “O Estado Palmarino” como merecedor dessa honra.¹⁹³

A esse patriotismo militarizado do líder nato, a religiosidade alia-se de maneira a ornar a imagem do líder com a primeira palavra das quatro do mote central para a FNB: Deus, Pátria, Raça e Família. No segundo capítulo, ao discutir o uso da imagem de Judas nas páginas do jornal, já havia destacado a importância da religiosidade na imposição de uma liderança naturalizada. Equiparar os líderes da FNB com Cristo ou apóstolos modernos era uma costura conveniente na construção de uma hierarquia centralizada. Isto, aliás, não é de se estranhar, frente à formação católica predominante na cúpula da FNB. Como demonstra Malatian, o uso específico da religiosidade afinado com as críticas ao sistema republicano demarca uma posição política nas discussões da época.¹⁹⁴

A aliança entre a naturalidade, o patriotismo militarizado e a religiosidade completava a força necessária para a missão titânica apresentada nas páginas do *A Voz da Raça*: elevar a Gente Negra Nacional, e ao mesmo tempo enfrentar as forças que ameaçam a religião, a raça, a pátria e a família brasileira. Esta é a força encontrada nos líderes históricos da Gente Negra Nacional:

“Foi sem dúvida alguma a falta de compreensão dos nossos companheiros que o matou, mas, contudo, Francisco Costa, apesar do grande pesar que lhe ia n’alma, nunca desanimou

¹⁹⁰ José Bueno Feliciano, “Em defesa de Palmares”, in *A Voz da Raça*, n.10, 20/05/1933, p.1.

¹⁹¹ Isaltino Veiga dos Santos, “Liberdade Utópica”, in *A Voz da Raça*, n.8, 13/05/1933, p.1. “O negro tem como espelho o exemplo da sua bravura indomita, os gigantes Henrique Dias, Zumbi, Catarina Caramurú, e outros”

¹⁹² Arlindo Veiga dos Santos, “Aos negros de boa-vontade”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.4.

¹⁹³ Arlindo Veiga dos Santos, “Datas históricas”, in *A Voz da Raça*, n.64, abril de 1937, p.1. “há em nossa História uma página épica de organização, trabalho, sangue, luta e independência: O Estado Palmarino.”

¹⁹⁴ Malatian, *Império e Missão*, 2001. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001)

os seus companheiros, foi ele o sustentáculo da obra, em todos os casos, ou para todos os casos, por mais grave que lhe parecesse, ele encarava com o mais franco e expressivo sorriso nos lábios, encorajando os fracos, pondo em relevo o valor de sua Raça, que na sua expressão *‘nada devia temer, a não ser a morte de um ou dois ou dez, que se reverterá em benefício de uma coletividade.’*¹⁹⁵

Esta força que contamina e fortalece os mais fracos, transformando-os, é banhada de ares militares e religiosos, um apóstolo guerreiro sem temor da morte. Luiz Gama aparece da mesma maneira, um “valente paladino da redenção de seus irmãos”¹⁹⁶; ou José do Patrocínio defendendo a necessidade de Deus para o progresso da pátria.¹⁹⁷ Mas, é com Henrique Dias que a luta patriótica e religiosa pelo futuro da nação articula-se completamente com a ação militarizada e com a obediência incontestável.

“Quando teve notícia da invasão de Pernambuco dos sertões da Capitania não conteve sua revolta:

‘Antes de mim a minha pátria: por ela, por meu Deus e por meu Rei, serão meus braços colunas de ferro para sustentar tão caros objetos. Que importa morrer? Quando assim, seja, a liberdade bemdirá meu túmulo, e o meu sangue regando a terra servirá de fonte que para o futuro brotará mil frutos.’”

(...)

“Henrique Dias dirige a fala a seus soldados: mostra-lhes o dever de amar a pátria, servir a Deus e obedecer ao Rei; expõe como deviam agir para tomar de assalto as fortificações e desbaratar os adversos.”¹⁹⁸

No primeiro capítulo, discuti como as ações frentenegrinas podem ser entendidas quase como um projeto militar de treinamento do negro para prepará-lo para a luta contra

¹⁹⁵ “Francisco Costa Santos”, in *A Voz da Raça*, n.1, 18/03/1933, p.1

¹⁹⁶ “Hinos da Glória”, Silvério de Lima, in *A Voz da Raça*, n.35, 14/04/1934, p.3,

¹⁹⁷ “Sem religião e com estas ruas não pode haver progresso...”. “O primeiro automóvel”, in *A Voz da Raça*, n.33, 17/03/1934, p.2

¹⁹⁸ “O concurso da raça negra na grandeza do Brasil”, in *A Voz da Raça*, n.9, 13/05/1933, p.2 – retirado da revista “A Exposição de 1922”, n.10-11, dez. 1922.

os inimigos da Pátria e de sua gente. O papel da FNB era transmitir os valores necessários, erguendo intelectual e moralmente sua raça na construção de uma “Pátria nova”.¹⁹⁹

As celebrações de datas históricas na FNB estão dentro dessa educação militarizada e nacionalista. São duas as datas históricas mais celebradas pela FNB: o 13 de maio e o seu aniversário de fundação comemorado todo setembro. As duas datas são marcos importantes para os fretenegrinos, a primeira, representa a conquista da cidadania, fruto da luta e do reconhecimento da importância dos negros para o Brasil e, a segunda, o momento em que, finalmente, a Gente Negra Nacional se encontra organizada e unida, uma força poderosa a serviço do desenvolvimento da Nação e da Raça. Destacar essas duas datas, portanto, tem implicações maiores do que simplesmente celebrar dois momentos importantes na memória fretenegrina; faz parte de um projeto educacional capaz de atingir os objetivos propostos pela FNB. Um dos artigos de Arlindo Veiga dos Santos, “O maior louvor da obra Fretenegrina”, escrito para as comemorações do quinto aniversário da FNB, deixa mais clara esta ligação entre a celebração das datas históricas e os projetos políticos da FNB para a Gente Negra Nacional.

“Vence a FRENTE NEGRA BRASILEIRA o quinto aniversário numa situação que, não é ainda folgada sob o ponto de vista econômico e financeiro, contudo é honra para o negro no meio de uma sociedade geralmente anarquizada como a brasileira: O FRETENEGRINO OBEDECE A UMA DISCIPLINA. Há unidade de comando e todos defendem a autoridade do Chefe. Ninguém discute o Chefe.

Por debaixo dessa disciplina que pudemos vencer os mais terríveis elementos da desordem soprada em nosso meio pelos elementos socialistas, isto é – comunistas, apoiando-se essa desordem num vespertino desta capital, cujo redator comunista agora está preso, como inimigo da ordem nacional.

Vencemos a desordem, vencemos a indisciplina, porque a melhor parte da nossa gente obedeceu e agiu debaixo da decisão do seu Presidente Geral.

¹⁹⁹ Na sexta estrofe do Hino da Gente Negra Nacional a promessa da luta é por uma Pátria nova. A canção foi discutida no primeiro capítulo.

“Ouve: - os clarins dos PALMARES
Vêm falar da Pátria nova!
Ressoa o clangor nos ares
Chamando os bravos à prova!”

Contam-se, entre todos, mais de sessenta Delegações Frentenegrinas funcionando, respeitosa e obedientemente a um só comando.

E se em todos os Delegados nomeados pela Sede Central tem a FNB os calorosos unificadores indiscutíveis do Movimento que desabrocha por toda parte em realizações úteis e [illegível], aqui na cidade de São Paulo, cabeça da Obra, a sede nacional, um enorme casarão, já é pequeno para o trabalho profícuo de todos os Departamentos da Ação Frentenegrina, em que se fala pouco e se faz muito.

Não se discute: trabalha-se. É a sede uma colméia, a que cada uma trás a sua parte de mel, em perfeita ordem.

Prepara-se uma esperançosa mocidade para os embates de amanhã e para garantia do Nacionalismo Brasileiro.

Assim, o maior louvor que se pode fazer da FNB é este:

Criou a DISCIPLINA DE UMA GENTE FORTE!”²⁰⁰

O texto segue uma lógica clara e simples: a FNB deveria ser celebrada por disciplinar a força dessa “GENTE FORTE”, colocando-os sob a liderança de um só líder. A união dessa força enfrentaria a crise, as dificuldades impostas pelos traidores nacionais e internacionais, garantindo o “Nacionalismo Brasileiro” e preparando as futuras gerações para honrar a tradição de sua raça na defesa de sua gente e de sua Pátria. As celebrações obedecem a esse objetivo militar-pedagógico de redenção da Gente Negra Nacional e do reconhecimento de seu papel como uma das forças da nação.

São três momentos históricos anteriores à abolição utilizados para legitimar a participação do negro na construção do Brasil: o trabalho do negro escravo e livre nas diversas atividades econômicas que ergueram o país, como as bandeiras, as figuras intelectuais como Luiz Gama e José do Patrocínio e os conflitos armados contra o Paraguai e contra os holandeses. Estes momentos históricos eram estratégicos na celebração dos grandes líderes do passado para ligá-los aos líderes do presente. A visita aos túmulos dos abolicionistas paulistas era comum. Construir uma descendência direta entre a sua luta pelo fim da escravidão e a luta pelo fim da marginalização social do negro brasileiro era fundamental para o discurso frentenegrino. Capaz de ligar as lutas de Henrique Dias ou

²⁰⁰ “O maior louvor da obra Frentenegrina”, Arlindo Veiga dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.57, setembro de 1936, p.1

Zumbi à de Luiz Gama ou José do Patrocínio, este discurso proporciona uma base sólida sobre a qual a FNB podia construir uma legitimidade histórica de mais de 400 anos. Também servia para acenar com uma solução autoritária quanto às diferenças internas entre os membros da FNB e outros segmentos dos negros paulistanos. Os negros seguidores de tendências de esquerda, como o grupo de José Correia Leite ou os formadores da Frente Negra Brasileira Socialista, eram tratados não como dissidentes, mas como traidores de toda a Raça Negra, traidores do sangue e suor vertido por seus avós. Os clubes e associações negras ligados somente à atividades recreativas e esportivas, como os bailes, que não participavam da FNB e nem a apoiavam, eram considerados culpados pelo desmantelamento da família negra. Ou seja, ou se estava como a FNB ou se estava contra ela.

Desta maneira, não se pode estranhar as semelhanças entre os programas para a celebração do aniversário da FNB e do 13 de maio. Pode-se usar como exemplo o 13 de maio de 1933 e as comemorações de aniversário de 1936.²⁰¹ Nos dois eventos, há uma ligação entre os abolicionistas e Francisco da Costa, um dos fundadores da FNB. Nas duas datas, seus túmulos são visitados e seus nomes lembrados. A construção dessa continuidade de lutas era importante no discurso de legitimidade da FNB. Ligava-se a história da liderança fretenegrina aos abolicionistas, dois grupos de momentos históricos distintos unidos pela luta para acabar com as injustiças contra o negro. Ao mesmo tempo, é uma luta nacional no sentido de reconhecer o papel do negro na construção da nação.

Ambos misturam festividades com discursos e apresentações didáticas, além da marcação da solenidade com o hino da Gente Negra Nacional e hasteamento de sua bandeira. Era um espaço de transformação, de educação, de levantamento da Gente Negra Nacional. Por isso, a enorme quantidade de peças com objetivos didáticos, várias delas escritas por Isaltino Veiga dos Santos. “Marieta, a heroína” é um exemplo idealizando e valorizando o papel da mulher negra na história do Brasil.²⁰² O mesmo acontecia com outros eventos fretenegrinos. As Domingueiras são um outro bom exemplo. O espaço dos bailes era considerado impróprio por desvirtuar a raça. Por isso, a FNB criou o seu espaço

²⁰¹ 13 de maio de 1933, Anexo 4 e aniversário de 1936, Anexo 5.

²⁰² “Treze de Maio”, in *A Voz da Raça*, n.7, 29/04/1933, p.3. “Essa peça, que tem sua passagem histórica na Guerra do Paraguai, demonstra em transes vivos, o valor indiscutível da Mulher Negra em todas as ocasiões que o Brasil necessitava o seu concurso.”

ideal de lazer, no qual, além de boa música e sociabilidade, a Gente Negra Nacional poderia ainda ouvir sobre higiene, bons costumes, História da Gente Negra Nacional e do Brasil.²⁰³

A maneira específica pela qual eram celebradas as figuras históricas mencionadas e estas duas datas, fazia parte do projeto pedagógico militarizado de formação de uma unidade inquestionável e da legitimação da hegemonia do grupo de Arlindo Veiga dos Santos para controlar a organização. Elevada e disciplinada, a Gente Negra Nacional estaria preparada, para “obedientes a um só comando”, trabalhar de maneira ordenada, como “uma colméia” por Deus, pela Pátria, pela Raça e pela Família.

Política e instrumentalização da memória

Até agora trabalhei com a construção de uma identidade na Frente Negra Brasileira. A Gente Negra Nacional proposta nas páginas do *A Voz da Raça* tinha características muito claras. O discurso raciológico e nacionalista demarcava e localizava os frentenegrinos no espaço e no tempo, construindo para eles uma legitimidade histórica e biológica de pertencimento à nação que os havia sistematicamente excluído. A visão orgânica da sociedade permitia entender essa exclusão como um problema para além das fronteiras do grupo, nacionalizando a questão.

Trabalhei, também, como essa identidade construiu-se com base em um discurso racial, nacionalista, autoritário, militarizado e religioso. O objetivo frentenegrino para a Gente Negra Nacional era tirá-la do atraso, construindo uma luta de duas frentes: de um lado, contra o preconceito em relação à raça negra e seu papel na história do Brasil e, de outro, elevar intelectual e moralmente os negros brasileiros através de um projeto pedagógico militarizado e eugenista de melhoria da raça. A proposta da FNB era um racismo que contemplasse de maneira positiva o papel da raça negra no corpo nacional brasileiro, acabando com a tentativa do governo republicano de “arianizar” o país. Concretizada esta proposta, estaria a Gente Negra Nacional pronta para ajudar sua pátria a atravessar a grande crise que assolava os quatro pilares da civilização, os ideais religiosos, nacionais, raciais e familiares. A Gente Negra Nacional, disciplinada e unida em torno da

²⁰³ Marcelino Félix, *As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (1931-1937)*, dissertação de mestrado, Educação, PUC-SP, 2001. Terceiro capítulo.

bandeira fretenegrina, estaria pronta para lutar contra os inimigos internos e externos, os “estrangeirismos” e o separatismo interno.

A mistura específica destes ingredientes tem atormentado os estudiosos do movimento negro brasileiro. A questão é direta e clara: como pode um movimento que lutou contra o preconceito racial ter características suficientes para ser classificado como fascista? Essa visão pressupõe, como discutido na introdução, uma análise teleológica da vida dos africanos trazidos para o Brasil e seus descendentes. As saídas para essa discussão têm sido as mais diferentes possíveis, mas todas minimizam o impacto desta “etapa” fascista. Ao meu ver, a análise cuidadosa do fascismo fretenegrino não só é importante para a história do “movimento negro”, mas também para a história dos movimentos que lutam pelo fim do racismo e da raciologia. Refletir a história deste fascismo fretenegrino é contribuir para um olhar desracializado do “negro”, destacando como esta história é cheia de conflitos e incoerências. Sueli Carneiro, numa entrevista a *Caros Amigos* em 2000, destaca esta necessidade de reconhecer o direito do negro de construir sua própria história, sem necessariamente respeitar coerências impostas por qualquer um.

“Pois é, é disso que eu estou falando. Porque, cada vez que exigem de mim uma ‘coerência’, que eu como negro funcione segundo aquilo que você entende que seriam os meus interesses legítimos, você está reduzindo a minha humanidade.”²⁰⁴

Em *Against Race*, Paul Gilroy tem a mesma preocupação de repensar o papel da raciologia na construção dos limites do que é o ser humano na modernidade. Uma das discussões importantes é a análise da modernidade a partir da idéia de mentalidade de campos. Ao refletir sobre as contribuições de uma série de autores como Aimé Césaire, Hannah Arendt e Zygmunt Bauman, Gilroy mostra como a raciologia foi central para os sonhos homogêneos, purificadores e unificadores do fascismo. A Frente Negra Brasileira não foge deste sonho de teor homogêneo e unificador em sua esperança de um país livre do preconceito contra “seus filhos de cor”.

O que une os fascismos espacial e temporalmente dispersos é a concepção da mistura de atributos biológicos e culturais como signos de pertencimento. Nessa percepção

²⁰⁴ Sueli Carneiro, Revista *Caros Amigos*, 2000

o desenvolvimento humano é congelado em todos os aspectos na construção de uma identidade homogênea, unificada e purificada. Para atingir esse patamar, a política é repensada como um conflito entre dois campos fechados, incapazes de conviver. Nessa reorganização da vida política em campos opostos, os valores exaltados são os da guerra: a prontidão, a masculinização e a violência. Permite-se uma estetização da política ao esvaziá-la de sua complexidade, transformando-a numa eterna preparação para a defesa da pureza e da união da homogeneidade contra seus inimigos internos e externos.²⁰⁵

No primeiro capítulo, mostrei como esta concepção de uma identidade e pertencimento fechado estava amarrada a um projeto educativo de construção de uma Gente Negra Nacional militarizada. No segundo, mostrei como esta organização militarizada e autoritária se construiu na consolidação de uma hegemonia em torno dos irmãos Santos, em especial de Arlindo V. dos Santos. O interessante é que o caminho seguido é muito parecido com o dos outros fascistas contemporâneos à FNB.²⁰⁶

Primeiramente diagnostica-se uma crise e o total despreparo da nação para enfrentá-la. O despreparo não seria culpa de seus integrantes, mas de forças externas desejosas de controlá-los e de forças internas traidoras guiadas e enganadas por essas forças internas. A conspiração e a crise são a justificativa para o processo de militarização. A essa oposição maniqueísta construída pelo discurso da traição, alia-se a idéia de crise, discutida como justificativa da ação violenta. Marilena Chauí demonstra como os integralistas utilizavam a crise para constituir um medo que justificasse suas ações. A crise permitiria construir um problema comum a todos os integrantes do grupo, fornecendo as desculpas necessárias para o recrudescimento das hierarquias e das ações contra todos aqueles que a contestassem. Surge, então, uma bandeira a agregar as últimas esperanças contra a ruína de todos os valores, contra a destruição dos baluartes mais caros aos integralistas: a desagregação da pátria abrindo espaço para a sua derrota, a negação da religiosidade necessária para a existência dos bons costumes e a destruição da família, base estrutural de toda a sociedade. Não há solução se não há obediência rápida e cega àqueles possuidores da

²⁰⁵ Gilroy, Paul. *Against Race: imagining Political Culture beyond the Color Line*, (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000), pp.82-96.

²⁰⁶ Sobre como diversos movimentos no período construíram concepções totalitárias de política. Roberto Romano, *O Conservadorismo Romântico*, (1981); Marilena Chauí e Maria Sílvia C. Franco, *Ideologia e mobilização popular*, (São Paulo: CEDEC/Paz e Terra, 1978), Eliana de Freitas Dutra, *O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*, (UFRJ/UFMG, 1997).

inteligência indispensável para liderar a humanidade na superação dessa crise. Para Chauí, a centralização do poder é a consequência lógica do uso político da imagem de crise. O líder ganha poderes totalitários e seus opositores não mais discordam. São apenas traidores devido à sua inocência em termos da análise da correta situação atual ou instados pelas forças inimigas que querem ver a civilização em ruínas.²⁰⁷

É possível comparar esta análise com a única referência direta ao Integralismo em todo o jornal. Em 26 de maio de 1934, o jornal *A Voz da Raça* trouxe uma transcrição de um texto de Plínio Salgado publicado no jornal “A Tribuna”. O texto é curto, mas significativo dentro da construção da legitimidade da crise necessária para a militarização da vida política frentenegrina.

“O Brasil está devendo até as raízes dos cabelos. O Brasil está dividido em 20 naçõesinhas petulantes que não respeitam a Grande Nação.

O Brasil está repleto de companhias, sindicatos, bancos estrangeiros, que lhe devoram as entranhas. O Brasil tem na barriga uma flora de partidos políticos imorais. O Brasil sofre a sarna de uma imprensa escandalosa, quase toda vendida a grupos de panelinhas. O Brasil está atacado de gangrenas comunistas. O Brasil está deformado, feio, triste, gafeento. Sempre deitado. Até o Hino Nacional.

Um gigante deitado eternamente em berço esplêndido. Ridículo.

Alerta! Alerta! Alerta! Mocidade da Pátria.

De pé, moços!

Entremos violentamente na História!

Salvemos o Brasil.”²⁰⁸

O texto não é acompanhado de nenhum comentário ou análise; parece não ser necessário. Este é o cenário desenhado pelo jornal em diversos artigos. A Autoridade é “a força unificadora que assegura a convergência e o equilíbrio das vontades individuais e realiza o aproveitamento das energias da Nação em razão do bem coletivo”, como diriam os integralistas (*Diretrizes Integralistas*, 1933 – item III).²⁰⁹ A crise construída pela força

²⁰⁷ Marilena Chauí, “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” In Chauí, Marilena e Franco, Maria Sylvania Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. (CEDEC/Paz e Terra, 1978).

²⁰⁸ *A Voz da Raça*, n.38, 26/05/1934, p.4 Transcrição do jornal "A Tribuna", texto de Plínio Salgado

²⁰⁹ Apud. Chauí, in *Ideologia e Mobilização Popular*, 1978.

externa é somada à traição interna e à falta de uma liderança capaz de reverter a situação. A linguagem médica descreve os problemas do corpo a serem enfrentados pela juventude preparada para a violência disciplinada, capaz de destruir o mal que assola a nação e acordá-la para um novo futuro.²¹⁰

“O Negro Brasileiro sempre foi, é e será nacionalista, estando continuamente na estacada, para defesa da Unidade Nacional, para defesa da boa ordem da nossa vida, para trabalhar pelas reformas sociais dentro de um espírito cristão de colaboração de todos.”

(...)

“o interesse é todo dessa troça de estrangeiros imigrantes que a incompetência e cegueira dos nossos governos democráticos do passado, empenhados na negação da nossa Raça, importaram para esmagar os negros, que vão ficando completamente à margem da vida do trabalho, visto que, em quase toda parte, **não se aceitam empregados de-côr.**”

(...)

“Mas, quando se trata de lutar contra a que vem de fora, paga pelo ouro judeo-russo para nos aniquilar a nossa Nacionalidade, nada temos mais que fazer senão juntarmos com os outros patriotas para dar uma lição aos piratas que, além de comerem o nosso feijão, deixarem-nos sem empregos (porque tudo no Brasil e especialmente em S. Paulo é mais para eles imigrantes que para nós Negros), além de tudo, ainda querem criar no Brasil um regime safado que somente a eles pode convir.

Contra as tramas dos inimigos da Pátria, os verdadeiros Brasileiros são **SÓ BRASILEIROS**, não há negros, não há brancos, não há fretenegrinos, não há chapa-única, não há patrianovista, não fascista, **HÁ SÓ BRASILEIROS.**”²¹¹

A crise, como produto de interesses externos, alimentada por traidores, é perfeita como combustível para alimentar a necessidade de uma frente de união nacional acima de todos interesses. Superar a crise se transforma numa questão de vida e morte de todos os integrantes da pátria, colocando qualquer um contrário a essa movimentação no campo do inimigo. Ou se está do lado da pátria ou se é um inimigo dela. Esta construção de campos opostos em conflito mortal é extremamente interessante para a FNB. Permite consolidar a posição defensora do fim do preconceito racial para terminar as divisões internas da pátria,

²¹⁰ Discuti no primeiro capítulo essa linguagem médica e a relação com a eugenia.

²¹¹ "Resposta a um boletim", Arlindo Veiga dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.27, 09/12/1933, p.1

concedendo-lhe todas as forças necessárias para enfrentar a crise. Por isso, a preocupação analisada anteriormente de consolidar a visão do negro como parte do todo. Transforma-se o preconceito em parte da conspiração e dos erros construtores da crise ameaçadora da pátria. Liga o destino do negro ao da própria pátria, obrigando-a a enfrentar e acabar com o mal do preconceito separando e dividindo os brasileiros.

Paul Gilroy faz uma análise da idéia de crise ao trabalhar a imagem de santuário. A construção de uma crise dos valores centrais do grupo permite transformar a identidade num espaço seguro contra as incertezas do momento. O ideal de pureza permite organizar os membros do grupo em torno de uma identidade totalizadora, fornecedora de certezas claras e incontestáveis. A diferença é transformada no problema a ser erradicado para a superação da crise. A santidade da unidade deve ser mantida a qualquer custo frente aos inimigos internos, os traidores, e aos inimigos externos. A identidade homogênea torna-se o santuário, o porto seguro, espaço onde as incertezas são dissolvidas junto com as diferenças.²¹²

Esta identidade tem como base a construção muito clara da raça. A visão frenetegrina da raça brasileira permite consolidar essa ligação, colocando o negro como parte constitutiva da própria identidade brasileira.²¹³ Excluir o negro é cortar o próprio corpo nacional, alimentar a crise e ajudar as forças inimigas a destruir a pátria. Dentro desse cenário, os elogios a Mussolini e principalmente a Hitler têm todo o sentido. Hitler é exaltado por sua capacidade de unir a pátria, defender a raça e o território nacional, enfrentando violentamente os inimigos internos e externos. Exatamente ao contrário do que haviam feito os governos republicanos brasileiros.

“Nações que se prezam, que têm uma doutrina nova e séria como a Itália e a Alemanha atuais, não podem permitir que uns pandegos da democracia liberal, os bobões que até hoje vivem gritando os “imortais princípios” da revolução francesa, os socialistas anarquizadores e os comunistas criminosos preguem libertariamente a sua estupidez.”

(...)

²¹² Gilroy, *Against Race*, 2000. Esta discussão aparece no primeiro capítulo.

²¹³ Para a FNB, cada raça teria um papel histórico na construção da nação. A raça branca teria trazido a civilização e se misturado com a raça vermelha. Ao mesmo tempo, ao trazer a raça negra deu a nação a força necessária para a sua construção. Essa discussão foi feita no primeiro capítulo.

“Hitler, na Alemanha, anda fazendo uma porção de coisas profundas. Entre elas, a defesa da raça alemã, defesa que chega até ao exagero. Aquela moleza dos democráticos e sociais-democráticos antigos, seguiu-se, pois, a dureza de um Homem que sabe o que quer e executa.

E um aspecto vivo dessa atuação está no incêndio de muitos livros de escritores alemães traidores das épocas de fraqueza do Estado Alemão, livros que pregavam coisas inconvenientes à afirmação e renovação da Germânia. E especialmente na questão da Raça. Hitler quer a renovação da Raça alemã.”

(...)

Por essas e outras, vamos aprendendo os processos de Hitler.

E, quando um dia o Brasil tiver um governo nacionalista de-fato, que saiba ver essas coisas direito mesmo, vamos “tacar” *fogo neles*; Isto é – nos livros infames etc.!”²¹⁴

Hitler era o líder exemplar exatamente por enxergar a necessidade urgente de enfrentar as doenças que assolam o corpo da pátria. Como as figuras históricas apresentadas anteriormente, era o escolhido por seus atributos naturais de um grande líder como a coragem e a decisão frente às ameaças da Pátria e à defesa da Raça. Ele é o “Homem” decidido a reeducar a nação, preparando o povo e a juventude para a guerra a ser travada pela salvação e melhoramento do corpo nacional. Um texto do fretenegrino Pedro Paulo Barbosa é bem claro quanto a essa dupla função de educador-guerreiro do líder.

“Hoje os países que adoram o regime totalitário de vida dentro da orgulhosa Europa, manifestam-se com o maior devotamento à concentração de poderes em torno de um só homem, que, nos parece chegar a força do endeusamento, que o povo e principalmente a sua mocidade colocam-se abaixo de tudo, para o elevamento do conceito de Pátria, eis que o homem nada mais representa que, um ótimo cidadão no comprimento do seus deveres cívicos e melhor soldado na jornada guerreira.”

(...)

“A Itália de ontem vivia a vida da desorganização, sofrendo conseqüência das revoluções continuas dos pequenos estados e a conseqüente descentralização do que se possa exprimir por pátria. Nos tempos de hoje vive a Itália de Mussolini, a nova organização de vida, o

²¹⁴ "Fogo neles!", Arlindo Veiga dos Santos, in *A Voz da Raça*, n.29, 06/01/1934, p.1

novo conceito de pátria, a nova escola do patriotismo renovador e onde cada cidadão forma uma forte e indestrutível pilastra em que repousa a tranqüilidade do país.”

(...)

“E a Alemanha vem na mesma ordem, trilhando o mesmo caminho. Educando e preparando o espírito do seu povo.”²¹⁵

Como os leitores da FNB deveriam saber, esta é a característica central dos grandes homens capazes de liderar a pátria: uma combinação de altruísmo com uma cidadania-guerreira, ambas temperadas com um altruísmo e uma devoção religiosa para com a pátria. É essa combinação que ligaria toda a linhagem de grandes líderes negros, de Henrique Dias a Arlindo Veiga dos Santos e os outros dirigentes da FNB. Somente com essas qualidades um líder seria capaz de enfrentar o caos para restituir a ordem no campo da religião, no campo da pátria, no campo da raça e no campo da família, resguardando assim os fundamentos sobre os quais deveria ser construída a nova pátria: Deus, Pátria, Raça e Família.

Dialogando com o trabalho de Marilena Chauí pode-se ampliar a importância do uso do lema “Deus, Pátria e Família”, adicionado do termo Raça.²¹⁶ O comunismo e seus similares com seu “materialismo” não ameaçavam apenas a integridade do catolicismo, da nação e do núcleo familiar. Era o perigo de subversão da própria integridade física (racial) do povo brasileiro. Disciplinar a violência como força da milícia era preparar os sistemas de defesa do corpo nacional contra a crise, seja ela a divisão e a separação de suas partes, seja ela a submissão a poderes externos, seja ela a destruição de sua raça. O negro “brioso” deveria seguir seu hino e estar sempre pronto para “o toque da alvorada”, “os clarins dos Palmares”, “chamando os bravos à prova”.

Para George R. Andrews, estas palavras de ordem seriam fruto da raiva contra os imigrantes e do nacionalismo de molde fascista que circulava fortemente em São Paulo, uma reação ao que era entendido como um esforço dos governos republicanos de transformar o país à imagem da Europa.²¹⁷ Preteridos frente aos imigrantes, grupos da

²¹⁵ "Apreciando", Pedro Paulo Barbosa, in *A Voz da Raça*, n.58, outubro de 1936.

²¹⁶ Marilena Chauí, “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”, 1978. pp.76-77 e p.96.

²¹⁷ “Mas, que haveria acontecido no Brasil se por ventura o pessoal que em quarenta anos chefiou o batuque solene tivesse afirmado a nossa Raça luso-indio-negra, em lugar de fazer, do Lar nacional, uma pagodeira internacional” Arlindo V. dos Santos, “A afirmação da Raça”, in *A Voz da Raça*, n.12, 10/06/1933, p.1.

classe média e da elite branca “sucumbiram” à xenofobia e ao fascismo. Ocupando uma posição subalterna nessa competição, com a crise econômica no final da década de 1920, a situação do negro teria piorado muito. Nesse cenário, o nativismo “era totalmente inevitável” para a FNB. Esse mote do Integralismo seria “adotado”, sendo um pouco “modificado” com o acréscimo do termo Raça.²¹⁸ Seguindo a lógica de sua análise sobre o fracasso da FNB discutida no primeiro capítulo, para Andrews, as escolhas frentenegrinas são explicadas – na verdade, justificadas – pelo contexto da época.

Regina Pahim Pinto considera a importância do “reflexo” exercido pelas ideologias sobre as posições que vigoravam na época para a articulação do negro contra sua exclusão, a qual ocorria em função dos privilégios que a República estendia aos imigrantes em detrimento do negro e dos trabalhadores nacionais.²¹⁹ Ela entende esse “reflexo” das ideologias como resultado da inexperiência política dos negros e de sua tendência a imitar movimentos de sucesso.²²⁰ Ou seja, a não percepção das conseqüências futuras desastrosas de algumas escolhas, assim como as incoerências de suas próprias atitudes, “levou-os a se posicionarem politicamente e defenderem ideologias que, a longo prazo, eram-lhes francamente desfavoráveis, aspecto que, entretanto, eles pareciam não perceber.”²²¹

O fascismo imperante na FNB não é reflexo do Patrianovismo e do Integralismo, aliás, a FNB é alguns meses mais nova que o Integralismo. Tanto as lideranças do Integralismo como da FNB tiveram berço no mesmo movimento social ligado às críticas à República.²²² É interessante notar que sob o comando de Arlindo Veiga dos Santos, tanto a FNB quanto o Patrianovismo viram crescer uma centralização do poder nas mãos de seu líder e de seus Grandes Conselhos. Ao meu ver, a reflexão de Pinto sobre as influências ideológicas presentes na FNB pode ser relida de outra maneira que não a idéia de reflexo das ideologias sociais, se lembrarmos que vários frentenegrinos, em especial Arlindo V.

²¹⁸ George Reid Andrews. *Negros e brancos em São Paulo: (1888-1988)*; tradução de Magda Lopes; (São Paulo: EDUSC, 1998), 1ª ed. 1991. pp.228-241.

²¹⁹ “As posições nacionalistas e anticomunistas defendidas pelas lideranças negras mais expressivas, embora refletissem ideologias que vigoravam na época, certamente vinha ao encontro das necessidades do negro”, Regina Pahim Pinto, “O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade”. Tese de doutorado, FFLCH, USP, 1993. p.153 Essa discussão é foco do segundo capítulo da tese. Tanto Pinto como Butler citam Andrews como referência para mostrar a preferência pelo trabalhador estrangeiro.

²²⁰ Pinto, “O Movimento Negro em São Paulo”, 1993. Pinto recorre a Fernandes (1964), Motta (1986) e Malatian (1990).

²²¹ Pinto, *O Movimento Negro em São Paulo*, 1993. p.126.

²²² Malatian, *Império e Missão*, 2001. pp.65-69.

dos Santos, foram criados em ambientes nos quais essas idéias foram gestadas.²²³ Malatian destaca a participação central de Arlindo V. dos Santos na construção do movimento Patrianovista, encontrada não apenas na sua liderança marcante do período inicial, mas também na grande quantidade de artigos de sua autoria. Arlindo V. Santos estava intimamente ligado aos caminhos traçados pelo Patrianovismo, sua presença destacava-se o suficiente para que seu nome tivesse força para representar uma das posições dos patrianovistas quanto aos rumos a serem tomados na Constituinte de 1933.²²⁴

Além disso, Malatian destaca como a preocupação desses patrianovistas em tomar a direção da FNB fazia parte das diretrizes do movimento de assegurar a hegemonia do “projeto católico” na sociedade brasileira. Essas figuras teriam tido grande importância em ligar o anti-republicanismo do Patrianovismo aos descontentamentos da população negra com a República.²²⁵

“Não vos sujeiteis novamente a ser capachos de ambiciosos, ou capangas braçais ou intelectuais, pois já sofrestes demais com as explorações partidárias dos que somente desejam a vossa força (como nos ominosos tempos da República Velha) para as horas amargas e vos afastaram sempre nas horas de alegrias e da vitória.”

(...)

“Quando demos apoio à Ditadura, e ao Exército Nacional na pessoa do Sr. General Góes Monteiro, não foi, não para sermos de novo escravos como desejam alguns que nos querem coagir a liberdade, que nos querem vender aos interesses particulares, foi porque vimos que a Nação estava ameaçada pela voracidade dos partidaristas ambiciosos, dos separatistas e bairristas e também dos internacionalistas, inimigos da Unidade da Pátria que é (ilegível) parte obra dos Nossos Avós Africanos e Bugres, inimigos esses que acodem pelo nome nefando e criminoso de comunistas, quase todos estrangeiros, cujo jugo altiva e violentamente repelimos, quer se escondam sob o manto de “salvadores” dos operários cosmopolitas, que se esgarcem sob o título suspeitos de amigos de lutas ... de classes.”²²⁶

²²³ Pinto destaca essa formação de Arlindo V. dos Santos, mas para reforçar como as ideologias nacionalistas entraram no meio negro. Ou seja, reforça a idéia de que o nacionalismo negro era um reflexo da sociedade.

²²⁴ Malatian *Império e Missão*, 2001. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001), pp.45-54. Há também a seu trabalho *Os cruzados do Império*, (São Paulo: Contexto; Brasília: CNPQ, 1990). O patrianovismo foi um movimento monarquista e católico crítico à República pelo seu afastamento da Igreja, assim como, pelo que acreditavam ser posturas contra a nação e contra a família. Seu primeiro líder foi Arlindo V. dos Santos.

²²⁵ Malatian *Império e Missão*, 2001. pp.54-60.

²²⁶ Arlindo V. dos Santos, “Irmãos Negros”, in *A Voz da Raça*, n.5, 15/04/33, p.1

O descontentamento com a República Velha ganha força nesse cenário de crise e explica o apoio a Getúlio Vargas, assim como a não participação no levante de 1932. Vargas era considerado um homem capaz de defender uma política racista em defesa da raça brasileira. Só um verdadeiro líder seria capaz de enfrentar as ameaças à pátria e ao interesse anti-nacional representadas pela revolução bolchevista universal judeu-cosmopolita, pelos separatistas, pelos interessados em roubar a riqueza da pátria E pela exclusão do negro da sociedade brasileira.

Petrônio Domingues explora essa relação de proximidade com o governo Vargas, mostrando como, além de receber visitas constantes de autoridades como o Chefe de Polícia do Estado e do general da 2ª Região Militar, a direção da FNB comunicava a Delegacia de Ordem Política e Social (Deops) todas as suas atividades.²²⁷ A preocupação fretenegrina era manter a imagem de uma organização ordeira e legalista, e ao mesmo tempo, prestigiar um governo dentro dos moldes defendidos pela entidade: nacionalista e autoritário.

Não se pode deixar de lado que Vargas recebeu oficialmente uma comissão da FNB em 1933, atendendo o pedido do fim do veto à entrada de negros na Guarda Civil em São Paulo. Além disso, Vargas promulgou leis defendendo o trabalhador nacional (decreto n.19482, 12/10/1930), controlando os imigrantes e suas atividades sociais, como escolas e associações, e limitando a imigração na nova Constituição de 1934. Finalmente, para a FNB havia um verdadeiro líder para a pátria, a “esperança” do “nosso Brasil amado RUMO A NOVAS LUTAS”.²²⁸

Não há dúvida de que o nacionalismo era um denominador comum na imprensa negra da época. Todavia, acredito que há diferenças fundamentais nos diálogos que os diferentes grupos tiveram com essas correntes xenofóbicas. No jornal *Clarim da Alvorada*, por exemplo, o nacionalismo de seus editores não impediu a existência de colunas sobre a situação dos negros na África e nos EUA, muito menos uma leitura socialista dos problemas e das soluções para o país.²²⁹

²²⁷ Domingues, *A Insurgência de Ébano*, 2005, pp.185-191.

²²⁸ *A Voz da Raça*, 6 de maio de 1933.

²²⁹ No livro *Frente Negra Brasileira: depoimentos* de Márcio Barbosa (São Paulo: Quilombhoje, 1998) José Correia Leite se apresenta como republicano, democrata e socialista (p.75). No jornal *Clarim da Alvorada* há

A história de Arlindo Veiga dos Santos está muito próxima de Plínio Salgado, líder do Integralismo. De acordo com Teresa Malatian, Arlindo V. dos Santos, presidente do Patrianovismo, e outros membros do mesmo grupo freqüentavam as mesmas revistas anti-liberais e anti-comunistas desde 1930. Os dois movimentos, o Integralismo e o Patrianovismo, e porque não dizer a FNB, dividiam a mesma visão organicista da sociedade e a mesma estrutura hierarquizada. A separação entre integralistas e patrianovistas se deu no Manifesto Integralista de outubro de 1932, no qual os integralistas defendiam uma visão teísta, não necessariamente católica, e republicana, ao invés de monárquica e católica dos patrianovistas. Todavia, os pontos compartilhados mantiveram os três movimentos em permanente contato.²³⁰

Recorrendo à documentação do Deops e aos jornais integralistas, Domingues demonstra essa relação nas participações de fretenegrinos na AIB, como convidados ou como integrantes. Cita como exemplo a participação e os discursos de Arlindo Veiga dos Santos no encontro de 7 de novembro de 1932 em São Paulo ou naquele de fevereiro de 1934 em Vitória da AIB, e o caso de Olympio Moreira da Silva, fretenegrino e integralista.²³¹ Nacionalismo, anti-comunismo, anti-semitismo e autoritarismo eram idéias centrais e comuns aos dois movimentos; não é de se estranhar que, apesar das diferenças, os dois grupos se entendessem e trocassem apoio com regularidade.

Domingues coloca a AIB como um paradigma para a FNB, o que ressalta através do uso da mesma consigna “Deus, Pátria e Família”, diferenciada “apenas no acréscimo” da “Raça”. Não há dúvida sobre as semelhanças estruturais entre os dois grupos, mas o termo “Raça” não é “apenas” um acréscimo.²³² Apesar da igual importância dos quatro fundamentos Deus, Pátria, Raça e Família, é o da Raça que permite à FNB articular sua entrada e sua legitimidade nacional. Para além de um simples acréscimo, o termo “Raça” não só permite justificar sua participação na nação, como visto no primeiro capítulo e

sempre espaço para notícias sobre a situação dos negros em outros países, assim como, críticas pesadas ao fascismo da FNB. Na conclusão de sua tese, Domingues (2005) ressalta que o fascismo não era a única opção dos negros na época.

²³⁰ Teresa Malatian, *Império e Missão* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001) Em especial, o segundo capítulo onde essas aproximações e essas dissensões são analisadas. A visão da FNB e do Patrianovismo (pp.99-110) sobre a questão racial são muito parecidas, vendo na mestiçagem uma identidade para o país. Pinto também trabalha a relação entre os três movimentos. Pinto, *O Movimento Negro em São Paulo*, 1993. pp.126-153.

²³¹ Domingues, *A Insurgência de Ébano*, 2005, pp.276-282.

²³² *Ibid.*, p.278.

reforçado até agora, mas também fornece as bases para a garantia e a construção de um novo futuro. A idéia de uma pátria nova defendida pela FNB não existe sem o discurso raciológico.

A raciologia fretenegrina tem um agenciamento próprio, não é uma cópia de outras raciologias contemporâneas. Constrói-se numa relação dialógica com outros movimentos, fazendo parte de uma grande discussão sobre os rumos do país e do mundo do início do século XX. O interessante é perceber como o futuro projetado pela FNB para a Gente Negra Nacional deriva de e estimula concepções muito específicas sobre Deus, Nação, Raça e Família. Muito específicas não por serem revolucionárias ou muito diferentes frente às outras concepções da época, mas sim pela maneira única de seu arranjo. Como se usou a organicidade para costurar um ultranacionalismo ressentido e uma raciologia esperançosa a uma concepção conservadora das relações sociais, chegou-se a uma solução para o problema dos negros no Brasil. O produto final foi o sonho da Gente Negra Nacional.

Num cenário de preconceito e extrema pobreza, uma parcela dos negros paulistas, em especial aqueles com uma formação católica conservadora, sonharam com um futuro sem preconceitos, no qual o passado de sangue e suor do negro deveria ser celebrado em toda sua luta e glória. Em sintonia com outros movimentos fascistas da época, mas com uma leitura singular, a FNB construiu uma memória histórica capaz de legitimar e reforçar suas ações no presente e seus projetos de futuro. A Gente Negra Nacional ganhou, assim, um passado de imensas glórias conquistadas no campo de batalha e do trabalho. Um passado digno da organização de uma identidade militarizada e unificada sob o comando de um grupo de grandes líderes.

Neste sonho de grandezas, os negros e o Brasil seriam despertados de seu berço esplêndido para um novo futuro sem as mazelas sociais enfrentadas pelos “homens de cor”. Um futuro no qual a nação seria liderada por “Homens” de verdade, prontos para defender e elevar a sua terra e a sua raça. Um futuro no qual a Gente Negra Nacional teria seu espaço e seria respeitada por seu papel histórico na formação e na evolução da pátria. Uma bandeira de orgulho para toda a raça lembrar de seu valor e de seu direito a uma vida justa e digna dentro de sua pátria mãe.

Conclusão

“Já não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mau e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo relegará ao esquecimento. A corrente subterrânea da história ocidental veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição. Esta é a realidade em que vivemos. E é por isso que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblívio de um futuro melhor, são vãos.”²³³

A “Gente Negra Nacional” foi uma construção erguida sobre idéias muito bem definidas de pertencimento racial e nacional. Fazia parte de um sonho de fim do preconceito racial e de elevação da “raça” negra ao seu espaço de direito no edifício nacional. Na introdução, discuti como esta identidade racializada e ultranacionalista incomoda os estudos sobre a Frente Negra Brasileira. Assim como os fretenegrinos, muitos militantes e simpatizantes da luta contra o preconceito racial tentaram e tentam construir um passado glorioso para os brasileiros negros. A memória do Holocausto e o crescimento de movimentos fascistas pelo mundo transformaram o fascismo fretenegrino num fardo pesado e perturbador para as análises necessárias de lutas como a da FNB contra o preconceito racial. Para minimizar o problema, muitos destacam as vitórias atingidas pela FNB, como a criação de escolas de alfabetização e de profissionalização, ou o fato de terem derrubado a proibição de homens negros na Guarda Civil. O fascismo, justificado de diferentes maneiras, seria apenas um acidente de percurso, uma influência de um período no qual esquerda e direita não teriam fugido do totalitarismo das idéias.

Ao propor uma análise inspirada no conceito de diáspora de Paul Gilroy e no conceito de repetição variada de Dominick LaCapra, pretendo entender a FNB para além de discussões metafísicas de pertencimento racial, nacional ou étnico. Não há dúvidas que a FNB utilizou o imaginário totalitário de caráter fascista e eugênico. Estas idéias circulavam com enorme aceitação nas primeiras décadas do século XX. Mas, perde-se muito da “Gente Negra Nacional” se a estudarmos como apenas uma construção sintonizada com o

²³³ Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo*, p.13

imaginário da época. Tentar justificar o fascismo ou relegá-lo a um segundo plano frente às conquistas fretenegrinas, pode por a perder a riqueza da complexa teia de articulações organizada para fundamentar a “Gente Negra Nacional”. Há outro aspecto delicado desta questão. Raça e nação ainda alimentam concepções metafísicas de identidade. Pensar a construção de identidades como um movimento diaspórico ou como um movimento de repetição variada abre espaço para pensar as diferentes articulações formadoras da pretensa unidade metafísica de uma identidade.

Desta maneira, para compreender a “Gente Negra Nacional”, tal como emerge das páginas de *A Voz da Raça*, comecei pela articulação discursiva entre raça e nação e segui as ramificações organizadoras desta relação. As discussões sobre o papel das três raças constitutivas do Brasil no seu presente e no seu futuro não eram novas no período. Todavia, a maneira como estas discussões foram articuladas pelos fretenegrinos é única. A bandeira tricolor fretenegrina deixa muito clara esta articulação do mito das três raças com o direito conquistado pelo negro de pertencer à nação brasileira em pé de igualdade. As três cores representando cada uma das raças (preto para os negros, branco para os brancos e vermelho para os índios) era completadas com uma palmeira simbolizando a experiência de Palmares e, ao mesmo tempo, o papel do negro na construção do Brasil. Esta articulação de defesa da raça negra em sintonia com a defesa da mistura formadora da raça brasileira não é paradoxal ou ambígua. Não pode haver mistura e nem se reconhecer sua importância se não se respeitar suas partes e sua história. O preconceito contra o negro no Brasil seria um duplo erro ao ignorar a própria história nacional e prejudicar um dos órgãos centrais da nação. A tentativa de “arianizar” o país e o próprio preconceito contra o negro seriam frutos da ignorância dos governos republicanos influenciados por inimigos externos e internos da pátria.

Para compreender a articulação entre raça e nação foi preciso entender sua relação com uma concepção orgânica de caráter fascista e eugênico da sociedade. O negro deveria ser bem tratado não somente por sua luta na formação do país, mas acima de tudo por ser um órgão vital do corpo brasileiro. Se o preconceito racial colocava a raça negra como fornecedora de força bruta, a FNB destacava este papel e o articulava com as idéias eugênicas de melhoria da raça através da educação. Ou seja, sim, o negro sempre foi o braço do corpo nacional e deve ter orgulho disto, mas poderia ter sido mais se não

houvessem cerceado seu acesso à educação. Como todas as raças, o negro poderia através da educação atingir novos patamares de civilização. Para a FNB, havia exemplos de sobra do sucesso de negros e seus descendentes no campo da cultura e do saber.

Esta compreensão fascista e eugênica de raça e nação relacionou-se com a construção de um contexto histórico muito específico para a sua ação. Frente a um cenário caótico e agressivo, cabia ao próprio negro seguir o exemplo de seus antepassados e, mais uma vez, colocar suas vidas a serviço da pátria. Para atingir este objetivo, era preciso uma união capaz de acabar com as divisões internas entre os “irmãos” negros. No jornal *A Voz da Raça*, os negros inimigos da pátria são também os inimigos da raça negra. São os fracos de espírito, levados pelas doutrinas estrangeiras ou estranhas à saúde do corpo nacional. São traidores da raça e da pátria, Judas negros usados por outras forças para dividir a nação e a raça, destruindo os fundamentos sagrados da civilização brasileira: Deus, Pátria, Raça e Família. Para construir esta união salvadora da raça e da pátria deveria haver líderes verdadeiramente “racistas”, a exemplo de Hitler, louvado em artigos de *A Voz da Raça* por sua atuação em defesa da “raça germânica”. Homens prontos para lutar sem medo de morrer contra os inimigos internos e externos da pátria e da raça, conduzindo seus “patrícios” para longe da crise que assolava a nação. A FNB assumia este duplo papel de liderar e preparar a raça. A elevação da raça através da educação tinha um objetivo claro de transformar a “Gente Negra Nacional” numa força organizada, capaz de agir de maneira violenta e disciplinada em nome da pátria.

Para compreender a relação entre as diferentes articulações mencionadas, foi preciso analisar a construção da hegemonia que a sustentou. O grupo em torno de Arlindo Veiga dos Santos, através de expedientes autoritários, forneceu a energia necessária para transformar o sonho de união da “raça negra”, existente na fundação da FNB, numa identidade fechada articulada a um projeto totalitário de organização social. O projeto de melhoria da raça através da educação, objetivo comum a diversos grupos no começo do século XX, foi rearticulado na formação de uma grande unidade militarizada e disciplinada para agir de maneira violenta em defesa de Deus, da Pátria, da Raça, da Família e, é claro, da hegemonia controladora da FNB. Unida sob a bandeira fretenegrina e liderada por verdadeiros patrícios racistas, a voz da “Gente Negra Nacional, da raça forte, da raça negra, guiaria o Brasil para um novo futuro, uma pátria nova.

ANEXO 1

PROGRAMA ORGÂNICO-SINDICALISTA DE ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

O DR. ARLINDO VEIGA DOS SANTOS Presidente Geral da F.N.B e candidato avulso à Constituinte, expõe a todos os compatriotas, resumidamente, o seu atualíssimo programa ORGANICO-SINDICALISTA, garantia única da destruição da política profissional dos liberais, e penhor da vitória da TERRA, da RAÇA, da TRADIÇÃO e do TRABALHO, contra o argentarismo e contra o bolchevismo.

Aos Frentenegrinos, aos Negros em geral e aos demais Patrícios, especialmente Trabalhadores e Produtores.

Em vista de certa situação premente do lado econômico, advindo das dificuldades financeiras dos frentenegrinos e incompreensão de uma boa parte da população negra de São Paulo, impossibilitada a Frente Negra Brasileira de desenvolver uma campanha eleitoral a altura da situação, estava ela disposta a reservar-se para as futuras lutas municipais, estaduais ou mesmo nacionais.

À ultima hora, porém, resolveu o Conselho Diretor que fosse apresentada uma candidatura, sugerindo o meu nome para a representação possível. Não perdendo tempo, inscrevi-me como candidato avulso, já que não era possível garantir a inscrição pela F.N.B., e cumpre-me, pois, sem grandes promessas nem pretensões, dizer algo a respeito do (ilegível).

Não seria preciso dizê-lo senão em virtude da formalidade, por quanto todos aqueles que conheceram os meus trabalhos sociais desde 1926 não poderão enganar-se a respeito.

O meu programa poderia resumir-se nesta fórmula simples: A TERRA, O SANGUE, O TRABALHO E O ESPÍRITO.

O Estado que defenderei, para o Brasil, como necessidade absoluta de valorização da Terra, do Sangue, do Trabalho e do Espírito é o ESTADO ORGANICO- SINDICALISTA, em que se representarão “realmente” as forças produtoras da Nação, destruindo automaticamente todos os agentes da exploração nacional que se criam e sustentam no desmoralizado Estado liberal-democrático. Naquele Estado, terão representação garantida as expressões da realidade nacional, como seja a grande massa das nossas populações negras e mestiças abandonadas por um regime de exploração do homem e esgotamento da terra.

A nacionalização do comércio e a proteção à lavoura, às indústrias nativas, abandonando a si mesmas as artificiais e que vivem da desgraça das nossas populações, especialmente das classes pobres, abaixariam o custo de vida, porque exportaríamos mais da produção nacional, especialmente da Terra, podendo, conseqüentemente, importar mais, e mais barato.

Esse plano de renovação, agora difícilíssimo de executar, sê-lo-á gradualmente com mais facilidade para o futuro, com a educação do povo coordenado nas corporações de ofícios cuja técnica e funcionamento esboçado na Colônia foram vedados pela era democrática, para mal do povo brasileiro e (ilegível) de alguns demagogos e politiquinhos. Fundados, pois, os sindicatos verticais, dentro do espírito cooperativo cristão, harmonizar-se-ia a questão do capital e do trabalho, fugindo o Brasil tanto à prepotência capitalista cuja injustiça vai aniquilando e “internacionalizando” os governos e a Nação, como a tirania

comunista que ameaça as nossas tradições, os nossos lares, nossa minguada economia e a nossa Terra, capaz de ser presa dos bandidos moscovitas que fariam da riqueza do País, - patrimônio legado por nossos Maiores, - tesouro de financiamento da revolução bolchevista universal judeu-cosmopolita.

Nessas corporações está toda a felicidade do operário, aprendizagem profissional, seguros, assistência de toda espécie, salário familiar garantido, libertação das garras da política profissional.

É verdade que a representação sindical-corporativa é impugnada por alguns espíritos fósseis remanescentes da quase defunta era liberal-democrática. Mas esses, serão esmagados pela idade nova que desponta no mundo, idade que vai rasgando todos os códigos constitucionais abstrato-jurídicos, para fundar o ESTADO ORGANICO-SINDICALISTA, sobre as ruínas da democracia com qualquer título novo.

Afinal, um problema da Terra estabelecemos a fórmula iniciativa: TODA A TERRA DO BRASIL A TODOS OS BRASILEIROS, EXTINÇÃO DAS CONCESSÕES ESTRANGEIRAS.

Instituição do vínculo, do bem-de-família não alienável.

Que todos os Brasileiros, na desgraça, tenham ao menos garantida a casa de morada.

No problema do Sangue, isto é, da Raça, será a primeira medida: A SUSPENSÃO DA IMIGRAÇÃO POR VINTE ANOS.

Valorização moral, intelectual, física e econômica das populações negras e mestiças, de modo que mais tarde, possam ASSIMILAR NACIONAL E RACIALMENTE todos os elementos adventícios. A política de imigração advém da falta de organização em que vivemos, da incapacidade dos políticos liberais. É como a política agrícola do abandono das “terras esgotadas”.

Quanto ao problema do Negro em particular, repito o ideal que defenderemos (como frisei no manifesto aos Negros, lançado em 1931): INTEGRALIZAÇÃO ABSOLUTA, COMPLETA, DO NEGRO EM TODA A VIDA BRASILEIRA – POLÍTICA, SOCIAL, RELIGIOSA, ECONOMICA, OPERÁRIA, MILITAR, DIPLOMÁTICA, etc – O NEGRO BRASILEIRO DEVE TER TODA FORMAÇÃO E TODA ACEITAÇÃO EM TUDO E EM TODA PARTE, DADAS AS CONDIÇÕES COMPETENTES (que devem ser favorecidas) FÍSICAS, TÉCNICAS, INTELECTUAIS, MORAIS, EXIGIDAS PARA A “IGUALDADE PERANTE A LEI”. O Brasil precisa absolutamente cessar de ter vergonha da sua Raça aqui dentro e lá fora, na vida internacional.

Enforquemos o tal “espírito de arianos”, que faz tantos mal aos negróides do Brasil...

Se o Brasil não tem um tipo racial, tem todavia uma Raça. Esta precisa ser defendida, valorizada, educada, melhorada por si mesma e não por transfusão de outros sangues, apenas teoricamente melhores.

(trecho ilegível – 6 linhas) ... não tem lugar no Estado Orgânico-Sindicalista. Portanto, as providências quanto à proteção ao Trabalho melhor se podem adivinhar do que explicar. Reservemo-nos a respeito.

Quanto à defesa do Espírito, isto é das tradições nacionais, dos costumes nacionais, que não podem ser perdidos por causa de uma minoria de alucinados por doutrinas materialistas, positivistas ou outras, seguiremos o mesmo critério adotado na Frente Negra Brasileira. Respeito à Tradição, liberdade aos dissidentes. Não podemos quebrar os direitos do passado e do presente que o continua em nome de pretensões de minorias que desejem impor seu modo de ver. Garantida a liberdade aos dissidentes, cumpre também garantir o espírito nacional, as tradições nacionais, para que não sejamos mais tarde obrigados a destruir pela violência os erros importados pela pusilanimidade. Seria caricatura de Brasil um Brasil divorcista, nudista e cheio de vícios estrangeiros “trazidos do Francês”, como diria Eça de Queiroz. Queremos continuar o Brasil dos casais fiéis, das famílias grandes (protegidas pelo Estado Orgânico-Sindicalista), dos hospitais onde há religião, dos soldados que sabem rezar para melhor saberem ser heróis.

Queremos o velho Brasil recuperado, poderoso pelo Espírito e pela Raça, dominando pelo seu esplendor toda a América e projetando-se no mundo como a nova maravilha do século. Queremos o Brasil (ilegível), despojado dos preconceitos mesquinhos, alinhando braço a braço o irmão Negro e o irmão Branco, sem que este explore aquele nem aquele desconfie deste. Queremos o Brasil poderoso na terra, no mar e no ar, (ilegível) milagre dessa geração que depois de ter sofrido tanto a mercê da exterioridade acanhada dos trogloditas liberais-democráticos que arrastaram até aqui a todos os noismos, se quer vingar nobremente da maldade da geração passada criando a uma nação mais Brasileira e mais (ilegível) que poderá existir na terra. A civilização que esplenderá em um Estado Orgânico-Sindicalista.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Presidente Geral da “Frente Negra Brasileira”.

São Paulo 25 de abril de 1933

ANEXO 2

ESTATUTOS DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA

Art. 1º – Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.

Art. 2º – Podem pertencer à “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” todos os membros da Gente Negra Brasileira de ambos os sexos, uma vez capazes, segundo a lei básica nacional.

Art. 3º – A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, como força social, visa a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra.

§ Único – Para execução do art. 3º, criará cooperativas econômicas, escolas técnicas e de ciências e artes, e campos de esportes dentro de uma finalidade rigorosamente brasileira.

Art. 4º – Como força política organizada, a “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, para mais perfeitamente alcançar os seus fins sociais, pleiteara, dentro da ordem legal instituída ao Brasil, os cargos eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro.

Art. 5º – Todos os meios legais de organização necessários à consecução dos fins da “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” serão distribuídos em tantos departamentos de ação quantos forem precisos, constando no regulamento especial.

Art. 6º – A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” é dirigida por um “GRANDE CONSELHO”, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formados pelos cabos distritais da Capital.

Art. 7º – O Presidente da “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” é a máxima autoridade e o supremo representante da “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”, e a sua ação se limita pelos princípios que a orientam.

Art. 8º – A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” representa-se ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente pelo “GRANDE CONSELHO”, na pessoa do Presidente e, na falta deste, por um dos outros diretores. Os membros não respondem, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art. 9º – Têm força de lei os regulamentos, ordens, avisos e comunicações emanadas pelo “GRANDE CONSELHO”, e os casos omissos nestes Estatutos serão regidos pelas leis e praxes em vigor no País.

Art. 10º – A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” somente se extinguirá pela vontade unânime do “GRANDE CONSELHO” e da maioria do Conselho Auxiliar e de todos sócios reunidos na Assembléia Geral Especial, convocada pelo Presidente Geral, em harmonia com o “GRANDE CONSELHO”. Se, por acaso, for extinta, seus bens passarão para uma Sociedade Beneficente de Gente Negra, que se mostrar digna da doação. Estes Estatutos são irreformáveis nos artigos 1º, 2º, 6º e 7º, a não ser por vontade unânime dos Conselheiros.

Publicados no Diário Oficial e registrado em 4 de novembro de 1931.

A “FRENTE NEGRA BRASILEIRA” foi fundada nesta cidade de S. Paulo em reunião efetuada no Salão das Classes Laboriosas, à rua do Carmo n.25, perante regular assistência no dia 16-9-31.

No dia 12 de Outubro, no mesmo local, perante mil e tantos negros, foi lido e aprovado por unanimidade o presente estatuto.

A mesa que redigiu os trabalhos estava assim constituída:

PRESIDENTE – Dr. Arlindo Veiga dos Santos

SECRETÁRIO – Isaltino Benedito Veiga dos Santos.

ORADOR OFICIAL – Alberto Oriando.

MEMBROS DO CONSELHO – Francisco Costa Santos, David Soares, Horacio Arruda, Vitor de Souza, João Francisco de Araujo, Alfredo Eugenio da Silva, Isaltino Benedito Veiga dos Santos, Alberto Orlando, Dr. Arlindo Veiga dos Santos, Oscar de Barros Leite.

ANEXO 3

DECRETO

Da Autoridade na Frente Negra Brasileira

I. A suprema autoridade da F.N.B. é o Grande Conselho reunido, e neste a suprema autoridade é o Presidente Geral que tem a última palavra em todas as questões.

II. O Grande Conselho reúne-se semanalmente sob a presidência do Presidente Geral e, em sua falta, do secretário ou tesoureiro gerais, 1º e 2º secretários, comissário, ou outros diretores. Reúne-se extraordinariamente, se mister.

§ I. *Disposição provisória.* Temporariamente, a Diretoria reunida faz às vezes de Grande Conselho.

§ II. Toda falta às reuniões do G.C. ou da Diretoria importa em 5\$000 de multa, imposta pelo P.G. e cobrada no dia imediato à reunião pelo Fiscal. A falta de pagamento da multa acarreta suspensão de frequência à sede por *quinze dias*, elevando-se a multa então a 10\$000, medida essa que será fixada na portaria da sede, para conhecimento do porteiro e do plantão do dia. Três faltas acarretam a eliminação do conselheiro.

III. Os Conselheiros são autoridades fiscalizadoras dentro da sede e fora dela, ressalvada a autoridade especial dos fiscais, podendo disciplinarmente chamar à ordem todos os cabos e outros sócios que ajam contra o espírito e diretrizes do G.C. Não podem ser desautorados por cabo nem sócio algum. Caso o sejam, devem, apelar para a autoridade do P.G. ou do G.C. reunido, que aplicará o corretivo ao violador da lei.

IV. A autoridade dos diretores ou chefes de departamentos ou comissões deriva, fundamentalmente do G.C. Portanto, não tem valor a autoridade especial dos departamentos cuja nomeação ou eleição não for referendada pelo G.C.

V. Somente o G.C. pode resolver sobre alianças e entendimentos com as associações políticas, político-sociais ou outras, atendendo-se a que com ninguém de modo que venha a perder a sua autonomia não pode a F.N.B. ligar-se doutrinária, política ou econômica.

VI. Pessoa nenhuma poderá assistir à leitura das Atas ou às reuniões do G.C., nem estar presente a não ser no momento necessário para cuidar de um negócio que a essa pessoa diga respeito.

VII. Nenhum Conselheiro ou diretor pode ser chamado à ordem fora do G.C., ou perante cabos ou sócios, a não ser pelo Presidente e Secretários gerais.

VIII. Todos os casos omissos serão resolvidos pelo G.C., ou pessoalmente pelo Presidente Geral, passando depois a fazer parte da legislação fretenegrina, uma vez consagrada pelo uso.

IX. No caso de não estarem presentes na sede nem o Presidente, nem o Secretário geral, o diretor presente resolverá o caso de acordo com os Conselheiros presentes, se for causa de urgência.

X. Somente o P.G. pode conferir, em última instância, poderes para delegações, comissões ou representações. Todos esses poderes, quando transmitidos por outra autoridade na ausência do P.G., devem ser referendados pelo mesmo.

XI. O Secretário Geral é encarregado de todo o serviço da secretaria da F.N.B, de todos os atos de ligação ou comunicação, controlando tudo o que sai da F.N.B. para as autoridades, associações, periódicos, personalidades, correios, telégrafos, rádio-emissoras. Todas as publicações das delegações que interessam a F.N.B. em geral devem passar previamente pela censura da Secretaria Geral, dependendo, pois, dela o “Departamento de Publicidade da F.N.B.”

§ I. Quando uma publicação não é urgente ou quando interesse à F.N.B. profundamente, o S.G. deve submetê-la previamente ao G.C. ou, na impossibilidade material de o fazer, ao P.G. ou aos Conselheiros presentes.

XII. Compete também ao S.G. suprema autoridade quanto ao movimento da sede, principalmente na falta do P.G., - zelar pela sua boa ordem moral e social por meio dos fiscais, zeladores ou plantões. Conquanto o S.G. não trate materialmente da ordem da sede, todavia deve zelar pela boa harmonia entre os encarregados dela, prestigiando-lhes a autoridade quando necessário e punindo até Conselheiros se assim for mister.

XIII. Sempre presente às reuniões do G.C., o S.G. deve velar pelo bom lançamento das Atas e publicações das portarias, que compete ao 1º secretário.

XIV. A Secretaria geral, cercado-se dos auxiliares necessários que, logo que possível, devem perceber ordenados condignos, cuidará do movimento social em geral, como reclamações, queixas, petições, etc., recorrendo ao G.C. quando julgar necessário, e encaminhando os casos à secção jurídica, se a houver, quando mister.

XV. Outros pontos omissos são governados segundo os costumes que se vão formando lentamente na F.N.B.

XVI. O Tesoureiro Geral é encarregado do movimento financeiro da F.N.B em geral, e fiscal natural do movimento financeiro dos departamentos, se o houver. Atende também à parte econômica das delegações, tendo por auxiliares ou colaboradores naturais o Comissário e a Comissão de Contas. Deve cercar-se dos auxiliares necessários em harmonia com o Comissário e as colaboradoras femininas, para desenvolvimento do serviço geral da Tesouraria.

§ único. O T.G. apresentará, mensalmente, de acordo com a Comissão de Contas, de Finanças e de Compras, um balancete dos movimentos do mês vencido.

XVII. O 1º Secretário, auxiliar nato do S.G., é encarregado da correspondência das delegações, das Atas e das portarias, que realizará de entendimento com o Secretário Geral e ajudado pelo 2º Secretário.

XVIII. O 2º Secretário é encarregado de atender às solicitações dos sócios que buscam a Secretaria, tomando notas das mesmas e encaminhando-as ou não ao Secretário Geral, conforme se lhe apresentam viáveis ou inviáveis os assuntos. Tendo em vista que a Secretaria Geral não pode perder tempo com inutilidades, atenderá ou não ao peticionário. Ajudará também o 1º secretário na elaboração das portarias ou outros trabalhos.

XIX. Os fiscais são encarregados da ordem material e moral da sede que devem visitar em todos os seus recantos a bem da higiene, sanidades, limpeza e asseio, diligenciando pela colocação dos auxiliares que tratem de cuidar desses serviços. Devem policiar a sede, para que não se dêem atos inconvenientes, indignos, imorais ou escandalosos que desmoralizem a associação e produzam maus costumes.

§ I. Devem estabelecer a lista de plantões de cada mês, e comunicar aos escalados.

§ II. No caso de apanhar algum fretenegrino em falta, o fiscal admoestá-lo-á primeiro em particular, notificando-lhe que, caso reincida, será suspenso por menos ou mais tempo e, finalmente, expulso da F.N.B. isso dever-se-á dar parte ao G.C. na 1ª reunião.

§ III. Os conselheiros fiscais devem tratar os associados com toda urbanidade e gentileza, sem por isso deixarem de ser incisivos e enérgicos. Primeiro, admoestação simples; depois, repreensão; doutra vez, suspensão; finalmente expulsão.

XX. O Comissário dos Cabos é o encarregado do movimento geral de arregimentação e procuradoria, com autoridade para lançar penas até o grau de suspensão.

XXI. Atendendo a que são os Cabos os agentes exteriores do G.C., deve mostrar-lhes que eles têm autoridade sobre os sócios quando em comissão especial da F.N.B.; que devem aos Conselheiros em particular e ao G.C. respeito e consideração, apelando em caso de desentendimento para a autoridade do Conselho reunido. Isto, não no caráter de ultimátum (que seria excesso e indisciplina), mas no caráter de petição e representação, submetendo-se ao veredicto da suprema autoridade da Obra. Tanto mais que, normalmente, é dos Cabos que saem novos Conselheiros para as vagas que se forem abrindo.

XXII. O Comissário deve estar em relação freqüente com o Tesoureiro Geral pela parte financeira e com a Secretaria e Fiscalização que depende muito da disciplina dos Cabos, sobre a qual deve ser rigoroso. Deve dar pelo menos mensalmente um relatório do serviço de sua secção que é a das mais importantes para a realização do nosso ideal de fé, união e progresso material e moral.

XXIII. Quanto às mais obrigações, deve o Comissário atender as outras leis e decretos que dizem respeito ao Conselho Administrativo e Organização da Cobrança.

XXIV. As comissões devem reunir-se tantas vezes quantas o exigir o serviço perfeito, obedecendo aos seus regulamentos especiais.

XXV. A todos os diretores que faltarem às suas obrigações estabelecidas por este meu decreto serão aplicadas as seguintes punições:

- a) Admoestação. Multa
- b) Suspensão de Entrada na sede por tempo determinado ou indeterminado.
- c) Suspensão do cargo.
- d) Expulsão do Conselho.
- e) Expulsão da F.N.B., batalhador da causa sagrada.

Para que ninguém alegue ignorância vai esse decreto afixado nos lugares de costume e publicado.

Arlindo Veiga dos Santos
Presidente Geral

S. Paulo, 15 de Fevereiro de 1933

MAIO 13 DE MAIO DE 1933 13 1888 1933

"Frente Negra Brasileira"

EM VITORIOSA MARCHA, COMEMORA CONDIGNAMENTE A GRANDE DATA

Para celebrar o dia 13 de Maio, uma das maiores etapas da redenção da Gente Negra Brasileira, a Comissão de Festas da F. N. B. — que vai levando o Negro Nacional á própria redenção e á da Patria pela atitude nacionalista dos frentenegrinos e frentenegrinas — organizou o seguinte

PROGRAMA

DIA 13, SABADO

De manhã, ás 6,30, missa solenne, na Igreja dos Remedios, á Praça João Mendes, em memoria do mortalizador Francisco Costa Santos, e dos Abolicionistas Negros e Brancos.

A' Noite

No Cine-Teatro Roma, á Rua da Barra-Funda n. 60, importante surau litero musical e dramático, Patrocinado pela Comissão de Festas da F. N. B.

Programa do Festival

PRIMEIRA PARTE

- 1.º Numero — Ouverture pela Orquestra Frentenegrina, composta de 13 professores, obedecendo á regencia do professor negro Alfredo Pires, Chefe de uma das secções Musicais da Banda da Força P.do Estado.
- 2.º Numero — Marcha Palmares, composição de Isaltino Veiga dos Santos, com versos do poeta negro Lino Quedes; cantada pelos componentes do Corpo Cênico Frentenegrino.
- 3.º Numero — A MISSÃO DO NEGRO NO BRASIL, conferencia pelo Dr. Arlindo Veiga dos Santos, Presidente Geral da F. N. B.
- 4.º Numero — Ouverture pela Orquestra.
- 5.º Numero — MINHA CANÇÃO DE AMOR, cantada pelo frentenegrino Aristides de Assis Negreiros, com acompanhamento de Orquestra.
- 6.º Numero — DECLAMAÇÃO. Lindas poesias serão declamadas pelos componentes do Corpo Cênico Frentenegrino.
- 7.º Numero — Ouverture pela Orquestra.
- 8.º Numero — Uma surpresa para a Platéa Frentenegrina.
- 9.º Numero — Solos de Violão, Cavaquinho, Bando, Saxofone, etc.
- 10.º Numero — MEU CORAÇÃO (valsa lenta), composição de Isaltino Veiga dos Santos, e Belisario Santos, executada pela Orquestra Frentenegrina.
- 11.º Numero — UMA CORTINA. Palestra humorística, pelos frentenegrinos Aristides de Assis Negreiros e Antonio Ignacio Silva.
- 12.º Numero — COUSAS NOSSAS. Ouverture pela Orquestra.

Intervalo de 10 minutos

SEGUNDA PARTE

- 1.º Numero — Ouverture pela Orquestra Frentenegrina.
- 2.º Numero — Pelo Corpo Cênico da F. N. B., será levada á cena a formidavel peça dramática em 2

atos, 1 prologo e 10 quadros, original do escritor teatral Isaltino B. Veiga dos Santos, intitulada:

"Marieta, a Heroína"

MARIETA, A HEROINA, é uma das obras primas do supracitado escritor, que, logo em seu prologo, demonstra como profundo conhecedor da causa, o valor indiscutível da Gente Negra Brasileira.

Descrição dos quadros: A valsa — O baile — A declaração da guerra — Patriotismo — A voz — Exortação — A gratidão — Impondo o dever — Pela raça e pelo Brasil — A despedida.

MARCHA TRIUNFAL.

3.º Numero — Ouverture pela Orquestra Frentenegrina.

Intervalo de 5 minutos

TERCEIRA PARTE

- 1.º Numero — Ouverture pela Orquestra.
 - 2.º Numero — Subirá á cena a Alta Comedia, APACHES NEGROS, de autoria de Isaltino B. Veiga dos Santos, especialmente escrita para o Corpo Cênico Frentenegrino. Esta peça é musicada pelo professor Alfredo Pires.
- Lindos cenarios, guarda-roupa finissimo, afinal uma bela noitada de arte.
- Para finalizar o espectáculo, será cantado pelo Corpo Cênico o Hino da Gente Negra Brasileira.

Para este espectáculo, procurem os seus convites na Séde Central da Frente Negra Brasileira, á Rua da Liberdade n.º 196.

DOMINGO, DIA 14

Ás 8 horas da manhã, concentração dos Frentenegrinos e Frentenegrinas da Capital e do Interior do Estado na séde Central. — Ás 9 horas, partida para o Cemiterio do Araçá, em visita ao tumulo do saudoso Francisco Costa Santos, fundador da Frente Negra Brasileira. Em seguida, jirigir-se-á a Romaria, para o Cemiterio da Consolação, onde os oradores negros falarão nos tumulos dos Abolicionistas.

Na volta das necrópoles, saudação á Imprensa. — No percurso do trajeto serão cantados diversos hinos, inclusive o da Gente Negra Brasileira.

A noite, na Séde Central da F. N. B., sessão solene, para encerrar os trabalhos da comemoração, com o lançamento da respectiva ata.

Pela Comissão,

Dr. J. C. Camargo, João de Souza, Benedito Andrade, Sebastiana Vieira, Silvia Oliveira.

Salve, 16 de Setembro de 1936!

PROGRAMA

DIA 19 DE SETEMBRO

1 - Às 12 horas — Inauguração do pavilhão frentenegrino, pelos redatores da "A VOZ DA RAÇA", no sobrado do CANTO DA GENTE NEGRA BRASILEIRA, destacando-se a presença do Exmo. Sr. Presidente Geral, Chefes de Departamentos, Classes Escolares da FRENTE NEGRA BRASILEIRA, etc.

2 - Às 19 horas — Lanche aos Caravanistas frentenegrinos vindos do interior, e de outros Estados.

3 - Às 20 horas — Recepção do Exmo. Sr. Presidente Geral, à Imprensa, Sociedades, Ex-Conselheiros, Chefes de Departamentos, Cabos Distritais da F. N. B., nesta Capital e demais convidados.

4 - Às 20,30 horas — Chá oferecido pelo Exmo. Sr. Presidente Geral, à Imprensa, Mocidades, Ex-Conselheiros e convidados, Chefes de Departamentos, Cabos e frentenegrinos. Haverá numeros musicais executados pelo GRUPO REGIONAL FRENTE NEGRINO.

5 - Às 21 horas — Reunião da Diretoria conjuntamente com os Exmos. Srs. Delegados Especiais, afim de se tratar dos altos interesses da Gente Negra e da FRENTE NEGRA BRASILEIRA.

DIA 20 DE SETEMBRO

PRIMEIRA PARTE

1 - Às 8 horas — Missa em ação de graças à fundação da FRENTE NEGRA BRASILEIRA, celebrada na Igreja dos Remédios.

2 - Às 9 horas — Concentração dos alunos das Escolas da F. N. B. em sua Sede Social, para uma excursão ao

A Frente Negra Brasileira comemora hoje a data simbólica do seu V.º aniversário de luta árdua e proveitosa.

MUSEU DO IPIRANGA. b) — Visita ao túmulo dos abolicionistas, e frentenegrinos, na necrópolis da Consolação e Aricá.

Serão depositadas brancas de flores, na primeira, pelo Exmo. Sr. Pio Damácio Delegado-Fiscal Geral da F. N. B., no Estado de Minas Geraes, e na segunda pelo Exmo. Sr. Justiniano Costa, presidente Geral da F. N. B.

3 - Às 13 horas — Banquete oferecido pela Diretoria, aos Exmos. Srs. Delegados Especiais e demais convidados.

SEGUNDA PARTE

NO SALÃO LIRA, à RUA S. JOAQUIM N.º 320

1 - Às 20 horas — Abertura da Sessão Solene, com o Hino Nacional — Sessão Solene, sob a Presidência do Exmo. Sr. Justiniano Costa, Presidente Geral da F. N. B., que fará o seu discurso oficial.

2 - Falarão oradores pelas Delegações da FRENTE NEGRA BRASILEIRA, no interior do Estado, Representante das Delegações do Estado de Minas Geraes e de outros Estados da Federação, e também uma frentenegrina.

3 - O encerramento da Sessão Solene dar-se-á com o CANTO DA GENTE NEGRA BRASILEIRA.

4 - No palco o GRUPO REGIONAL FRENTE NEGRINO, que executará Musicas Tipicas, essencialmente Brasileiras. Haverá numeros de declamação, pelas frentenegrinas Marias. Sara Rodrigues, Isabel Venancio e Lazara Cavalcante.

5 - Apresentar-se-á em publico, o CORPO CENICO IN-FANTIL, com a peça em dois atos, intitulada "UM POUCO DE TUDO", de autoria do Sr. Mauricio Pereira de Queiroz.

FINALIZA COM UMA APOTEOSE

Abreitorá as solenidades a Corporação Musical "ESPÍRITO SANTO", da Delegação da Frente Negra em Tietê

Bibliografia

Fontes Primárias:

“Imprensa Negra” - AEL/UNICAMP - Nem todos os jornais estão completos. Destaco, como mais numerosos, *O Progresso*, *Evolução* e o *A Voz da Raça*.

Auriverde (1928)

O Progresso (1928)

Chibata (1932)

A Voz da Raça - 1933/1937 - órgão oficial da Frente Negra Brasileira.

Evolução (1933)

O Clarim (1935)

O Estímulo (1935)

Tribuna Negra (1935)

Alvorada (1935)

Fontes secundárias:

Livros

Andrews, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo: (1888-1988)*; tradução de Magda Lopes; (São Paulo: EDUSC, 1998), 1ª ed. 1991

Antonio Gramsci, *Cadernos do Cárcere*. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000)

Arendt, Hannah. *O sistema totalitário*. (Lisboa: D. Quixote, 1978).

Azevedo, Celia M. M. de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. (São Paulo: Annablume, 2003) 1ª ed. 1995

_____. *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. (São Paulo: Annablume, 2004)

_____. *Onda Negra, Medo Branco*. (São Paulo: Annablume, 2004) 1ª ed, 1987.

Barbosa, Márcio. *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. (São Paulo: Quilombhoje, 1998)

- Bhabha, Homi K. *A Localização da Cultura*. (Belo Horizonte: UFMG, 1997)
- Borges, Vavy P. *Getulio Vargas e a oligarquia paulista: historia de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926-1932*. (São Paulo: Brasiliense, 1979).
- _____. *Tenentismo e revolução brasileira*. (São Paulo: Brasiliense, 1992).
- Butler, Kim D. *Freedoms Given, Freedoms Won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. (Rutgers University Press, 1998)
- Carneiro, Maria L. Zucci. *Anti-semitismo na Era Vargas*, (1988)
- Carone, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. 2ed. 1976 (São Paulo: DIFEL, 1974)
- Cavalari, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. (Bauru, SP: EDUSC, 1999)
- Césaire, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978)
- Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Èpoque*. (São Paulo: Brasiliense, 1986)
- Daibert Junior, Robert. *Isabel, a “Redentora dos Escravos” : uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. (Baurú, SP: EDUSC, 2004)
- Degler, Carl N. *Nem preto, nem branco. Escravidão e relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos*, (Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil S.A, 1976).
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*. (SP: Editora 34, 1995).
- Derrida, Jacques. *Margens da Filosofia*. (Campinas: Papyrus, 1991)
- Dutra, Eliana de Freitas. *O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*, (UFRJ/UFMG, 1997)
- Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. (São Paulo: Ática, 1978), 2 vols. 3ed., 1ed. 1964.
- Ferrara, Miriam Nicolau; *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. (São Paulo, 1986).
- Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. (Rio de Janeiro: Graal, 1979).

- Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala - Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 31aed. (Rio de Janeiro: Editora Record, 1996)
- Gallo, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. (Belo Horizonte: Autêntica, 2003)
- Gilroy, Paul. *Against Race: imagining Political Culture beyond the Color Line*. (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2000)
- Gramsci, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, tradução de Carlos Nelson Coutinho e Luiz Sérgio Henriques (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001)
- Greenberg, Stanley. *Race and State in Capitalist Development: Comparative Perspectives*. (New Haven, 1980)
- Hall, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003)
- Hasenbalg, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil* (Rio de Janeiro, 1979).
- Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).
- Koestler, Arthur. *O Zero e o Infinito* (Rio de Janeiro: Editora Globo, 1964) Tradução de Juvenal Jacinto
- La Capra, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts and Language*. (Ithaca: Cornell University Press, 1985).
- La Capra, Dominick e Steven L. Kaplan eds. *Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives*. (Ithaca: Cornell University Press, 1983).
- Leite, José Correia e Cuti. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. (São Paulo: Secretária Municipal de Cultura, 1992)
- Lesser, Jeffrey. *Negotiating National Identity: immigrants, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. (Duke University Press, 1999)
- Maio, Marcos Chor e Santos, Ricardo Ventura. *Raça, Ciência e Sociedade*. (Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996).
- Malatian, Teresa M. *Império e Missão: um novo monarquismo brasileiro*. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001)

- _____. *Os cruzados do Império*. (São Paulo: Contexto; Brasília: CNPQ, 1990)
- Marques, Vera Regina Beltrão. *A Medicalização da Raça. Médicos, Educadores e Discurso Eugênico*. (São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994)
- Melville, Herman. *Moby Dick* (São Paulo: Abril Cultural, 1983)
- Moore, Alan. *A Voz do Fogo*, tradução de Ludimila Hashimoto (Editora Conrad, 2002), 1ªed., 1997
- Moura, Carlos A. *Sociologia do negro brasileiro*. (São Paulo: Ática, 1988)
- Nassar, Raduan. *Lavoura Arcaica*. (Companhia das Letras, 1999) 1ªed. 1975.
- Paula, Jeziel de. *1932: imagens construindo a história*. (Campinas: Editora da Unicamp, 1998).
- Pinho, Patrícia de Santana. *Reinvenções da África na Bahia*. (São Paulo: Annablume, 2004).
- Poliakov, Leon. *O mito ariano*. (São Paulo: Perspectivas/Editora da USP, 1974).
- Poster, Mark; *Cultural History and Postmodernity: disciplinary readings and challenges*, (Nova Iorque: Columbia University Press, 1997).
- Rago, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930*. 2ª ed. (São Paulo: Paz & Terra, 1987).
- Rago, Luzia Margareth. e Oliveira, R. G. de (orgs.). *Narrar o passado, repensar a História*. (Campinas: IFCH/Unicamp, 2000)
- Said, Edward. *Reflexões sobre o Exílio*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2003)
- Salgado, Plínio. *O que é o Integralismo*. (Rio de Janeiro, 1933) 2ª ed.
- Schwartz, Lília Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. (São Paulo: Companhia das Letras, 1993).
- _____. *Retrato em branco e negro: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. (São Paulo, 1987).
- Semprúm, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez*. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979)
Tradução de Olga Savary

Sevcenko, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo – Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. (São Paulo: Companhia das Letras, 1992).

Skidmore, Thomas. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. (Nova Iorque, 1974).

Stepan, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics. Race, Gender and Nation in Latin América*. (Londres: Cornell University Press, 1996)

Stuart Hall *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003)

Tuna, Gustavo Henrique. *Gilberto Freire: entre tradição e ruptura*. (São Paulo: Grupo Editorial Cone Sul, 1999)

Teses, Dissertações e monografias.

Berriel, Maria M. de. “A identidade fragmentada: as muitas maneiras de ser negro.” Tese de doutorado, FFLCH/USP, 1988.

Cantarino, Carolina. “Políticas de ação afirmativa e o embate entre representações sobre as relações raciais no Brasil”, dissertação de mestrado, Antropologia, IFCH, UNICAMP, 2004

Domingues, Petrônio José. “A Insurgência de Ébano: a História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)”, tese de doutorado, História, FFLCH-USP, 2005.

Felix, Marcelino. “As práticas político-pedagógicas da Frente Negra Brasileira na cidade de São Paulo (1931-1937)”. Dissertação de mestrado, Educação, PUC, São Paulo, 2001.

Geraldo, Endrica. “Entre raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930”. Dissertação de mestrado, História, IFCH, UNICAMP, 2001.

Habib, Paula. “Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação”. Dissertação de mestrado, História, IFCH, UNICAMP, 2003.

Maior, Marcos Chor. “A História do Projeto UNESCO: Estudo Raciais e Ciências Sociais no Brasil.”, tese de doutorado, Ciência Política, IUPERJ. (Rio de Janeiro, 1997).

- Malatian, Teresa M. "A Ação Imperial Patrianovista Brasileira." Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 1978.
- Miranda, Rodrigo. "Semeadores de esperança em um campo devastado: estudo comparativo das propostas integracionistas de três líderes negros nos Estados Unidos", monografia sob orientação de Célia M. M. de Azevedo, História, IFHC, UNICAMP, 2002.
- _____. "Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)", dissertação de mestrado em História, IFCH, UNICAMP, 2005.
- Mitchell, Michael. "Racial consciousness and the political attitudes and behavior of blacks in São Paulo." Tese de doutorado, Indiana University, 1977.
- Motta, Ubirajara D. da. "Jornegro: um projeto de comunicação afro-brasileira." Dissertação de mestrado, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernado do Campo, 1986.
- Mota, Isadora Moura, "Imprensa, Raça e Nação: a Frente Negra Brasileira e o jornal "A voz da Raça" (1933-1937)" Relatório de iniciação científica orientada por Flávio dos Santos Gomes, História, UFRJ, 1999/2000.
- Oliveira, André Côrtes de. "'A Espada que Cura': Martin Luther King, Jr. e a Não-violência (décadas de 1950 e 1960)", monografia sob orientação de Célia M. M. de Azevedo, História, IFHC, UNICAMP, 2001.
- Pinto, Regina Pahim. "O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade." Tese de doutorado, FFLCH, USP, 1993.
- Ribeiro, Renilson Rosa. "Colônia(s) de identidades: discurso sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil". Dissertação de mestrado, História, IFCH, UNICAMP, 2004.
- Rolnik, Raquel. "Cada um no seu lugar! (São Paulo: início da industrialização: geografia do poder)". Dissertação de mestrado, Arquitetura, FAU-USP, 1981.
- Silva, Marcelo Leolino da. "História e Identidade Negra na Visão do Movimento Negro Unificado", monografia sob orientação de Célia M. M. de Azevedo, História, IFHC, UNICAMP, 2003.

Silva, Maria Aparecida Pinto. “A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco.” Tese de doutorado, PUC, São Paulo, 2003)

Artigos

Andrews, George Reid; “Black Political Protest in São Paulo, 1888-1988”. In *Journal of Latin American Studies*: Cambridge University Press, 1992, vol.24, part. I. pp. 147-171.

_____. “Democracia racial brasileira (1900-1990): um contraponto americano” In: *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, 11 (30), 1997, pp. 95-115.

Azevedo, Celia M. M. de. “Abolicionismo e Memórias da Relações Raciais”. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 26, 1994; pp. 5-19.

_____. “Imagens da África e da Revolução do Haiti no Abolicionismo dos Estados Unidos e do Brasil”. In *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 116: 7-146, 1996, pp. 51-67.

_____. “O Abolicionismo Transatlântico e a Memória do Paraíso Racial Brasileiro”. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 30, 1996; pp. 151-162.

_____. “Entre o universalismo e o diferencialismo: uma reflexão sobre as políticas anti-racistas e seus paradoxos”, In: *Interseções*, (Rio de Janeiro: UERJ, ano II, n. 01, 2000), pp. 85-94.

_____. “A Nova História Intelectual de Dominick La Capra e a Noção de Raça”. In Rago, Margareth. e Oliveira, R. G. de (orgs.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2000. Pp.123-134.

_____. “Cotas raciais e universidade pública brasileira: uma reflexão à luz da experiência dos Estados Unidos”. *Proj. História*, 23, nov. 2001.; pp.347-358

Bastide, Roger. “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”, In *Estudos Afro-Brasileiros*, (São Paulo, 1954)

Chauí, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” In Chauí, Marilena e Franco, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. (CEDEC/Paz e Terra, 1978).

Fry, Peter, “O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a ‘política racial’ no Brasil”. IN: *Revista USP*: São Paulo (28): pp. 122-135, dez-fev 95/96

- Funari, Pedro Paulo. "A arqueologia e a cultura africana nas Américas", *In: Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, RS, PUCRS, XVII, 2, 1991, pp. 61-71.
- _____. "A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia", *In, Idéias*, São Paulo: FDE, 27, 1996, pp. 37-42.
- _____. "Ensino de História, modernidade e cidadania", *In: Bolando aula de História*, São Paulo, n.07, set. 1998, pp. 12-13.
- _____. "O estudo arqueológico de Palmares e a sociedade brasileira", *In: África*, São Paulo, USP, n. 20/21, 2000, pp. 93-103.
- Hollinger, David A. "Amalgamation and Hypodescent: The Question of Ethnoracial Mixture in the History of the United States," in *The American Historical Review*, Dezembro, 2003. <<http://www.historycooperative.org/journals/ahr/108.5/hollinger.html>> (15 Jun. 2006)
- La Capra, Dominick. "Rethinking Intellectual History". IN Dominick La Capra e Steven L. Kaplan eds. *Modern European Intellectual History: Reappraisals and New Perspectives*. (Ithaca: Cornell University Press, 1983)
- _____. "Intellectual History and its ways". In *American Historical Review*, vol.97, n.2, abril de 1992.
- Lima, Nísia Trindade e Hochman, Gilberto. "Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República", IN Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos (org.) *Raça, Ciência e Sociedade*. (Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996)
- Maggie, Yvonne e Fry, Peter, "O DEBATE QUE NÃO HOUE: a reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras", ENFOQUES - Revista Eletrônica, v.1, n.1, pp.93-117, (Rio de Janeiro, 2002)
- Maio, Marcos Chor. "Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX." IN Simone Monteiro e Livio Sansone (orgs.). *Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. (Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2004)
- Morse, Richard M. "The Negro in São Paulo, Brazil". *Journal of Negro History* 38, 3, 1953; pp.290-306.

- Moura, Clóvis. "A herança do cativo". *Retrato do Brasil* 1, 10, 1984; 109-113.
- _____. "Organizações negras". Em Paul Singer e Vinícios Caldeira Brant, eds, *São Paulo: O povo em movimento*. São Paulo, 1980.
- Pereira, João B. Borges. "Negro e cultura negra no Brasil atual", *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.26, pp.93-105
- Rago, Luzia M. "Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira" .In *Resgate*. Campinas, CMU/Unicamp, n.7, 1997.
- Ramos, Arthur. "O espírito associativo do negro", *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, v.4, n.47, pp.105-126, 1938
- Ribeiro, Renilson, "Em busca do Paraíso Racial: o mito da democracia racial e os estudos da UNESCO no Brasil", In *História & Perspectivas*.
- Ribeiro, Fernando Rosa. "Ideologia Nacional, Antropologia e 'Questão Racial'", in *Estudos Afro-Asiáticos*, n.31 (outubro 1997): pp.79-89.
- _____. "O que é ser negro ou africano, afinal de contas?" in *Estudos Afro-Asiáticos*, n.29 (abril 1995): pp.203-211.
- Rolnik, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)". *Estudos Afro-Asiáticos*, 17, 1989.
- Skidmore, Tomas. "Gilberto Freyre (1900-1987)". *Hispanic American Historical Review* 68, 4, 1988; pp. 803-805.
- "Sueli Carneiro: uma guerreira contra o racismo" (Entrevista Explosiva), In: *Caros Amigos*. Ano III, n. 35, fev. 2000.
- Tavolaro, Sergio B. F. "Existe uma Modernidade Brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, n. 59 (outubro de 2005), pp. 5-22. www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n59/a01v2059.pdf